

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ANDRÉ HENRIQUE SCARAFIZ

“O baguiu é da hora”: sentidos e vivências de adolescentes usuários de *crack*

Maringá
2014

ANDRÉ HENRIQUE SCARAFIZ

“O baguiu é da hora”: sentidos e vivências de adolescentes usuários de *crack*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Constituição do Sujeito e Historicidade.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lúcia Cecília da Silva

Maringá
2014

"Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)"
(Biblioteca Setorial - UEM, Nupélia, Maringá, PR, Brasil)

S285b Scarafiz, André Henrique, 1986-
"O baguiu é da hora" : sentidos e vivências de adolescentes usuários de *crack* /
André Henrique Scarafiz. -- Maringá, 2014.
123 f. : il.

Dissertação (mestrado em Psicologia)--Universidade Estadual de Maringá, Dep. de
Psicologia, 2014.
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lúcia Cecília da Silva.

1. Existencialismo (Psicologia) - Vivências - Escolhas. 2. Adolescentes usuários de
crack. 3. Drogas de abuso (Uso) - Adolescência. I. Universidade Estadual de Maringá.
Departamento de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em "Psicologia".

CDD 23.ed. -150.192
NBR/CIP - 12899 AACR/2

ANDRÉ HENRIQUE SCARAFIZ

“O banguio é da hora”: sentidos e vivências de adolescentes usuários de *Crack*.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Lucia Cecília da Silva
DPI/Universidade Estadual de Maringá (Presidente)



Prof.^a Dr.^a Magda Lúcia Felix de Oliveira
DEN-HUM/Universidade Estadual de Maringá



Prof.^a Dr.^a Joanneliese Lucas de Freitas
Universidade Federal de Santa Catarina - UFPR

Aprovado em: 29 de agosto de 2014.

Local da defesa: Auditório da FADEC, bloco 036, Campus Sede da Universidade Estadual de Maringá.

ANDRÉ HENRIQUE SCARAFIZ

“O baguiu é da hora”: sentidos e vivências de adolescentes usuários de *crack*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia:

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Lúcia Cecília da Silva
PPI/Universidade Estadual de Maringá (Presidente)

Prof.^a Dr.^a Joanneliese de Lucas Freitas
Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Prof.^a Dr.^a Magda Lúcia Félix de Oliveira
PSE/Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Aprovada em: 29 de agosto de 2014.

Local de defesa: Auditório da Fundação de Apoio ao Desenvolvimento Científico (FADEC), Bloco 036, *campus* da Universidade Estadual de Maringá.

Dedico este trabalho a todos os adolescentes que contribuíram para esta pesquisa, por mostrarem que a maior droga já experimentada era a própria dificuldade de viver a vida.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos que dividiram e dividem suas vidas na minha presença, pois foi no constructo de nossas relações que ratifiquei minha própria existência. Sou o que sou pela participação na minha história e por isso seria impossível nomear a todos que passaram por ela nesta pequena sessão do trabalho.

Todavia, algumas pessoas foram fundamentais nesse acontecimento e deixaram marcas indelévels para minha existência e, por isso, vale a pena serem mencionadas:

MINHA FAMÍLIA (George, Márcia, Camila e Felipe): pelas expectativas de sucesso e felicidade que desejam a mim desde meu nascimento, viabilizando por toda minha vida, dentro de suas possibilidades, os recursos para que isso acontecesse, sem saberem, estava me ensinando a maior lição que eu poderia aprender: a de amar.

MINHA NOVA FAMÍLIA NUCLEAR: à minha esposa porque no mostrar do seu afeto me fazia sentir amado, vivência esta tão organizadora de mim mesmo, também pela resignação quando das minhas ausências em função deste trabalho, pela paciência e disposição para ouvir as inúmeras angústias que acompanham o processo de amadurecimento.

MEUS PROFESSORES: à admirável Orientadora Prof.^a Dr.^a Lúcia Cecília da Silva, pela paciência e tranquilidade com a qual resolveu as inúmeras inquietudes que fizeram parte deste trabalho. À Prof.^a Sylvia Mara Pires de Freitas por me apresentar os pensamentos existencialista e me permitir caminhar sob essas bases, além da imensa gratidão pela inserção profissional quando acreditou que este jovem estudante pudesse atuar clinicamente. Por fim, à Prof.^a Marlene Aparecida Wishral Simionato, porque me mostrou o valor dos afetos através da sua própria descoberta da vida, por meio do seu carinho e compromisso ético com o humano que aprendi o valor da humanização e o reconhecimento do Outro em sua multiplicidade e potencial.

MEUS AMIGOS: A todos que estiveram comigo direta ou indiretamente nesta jornada, aos colegas de mestrado que, por diversas vezes, dividimos angústias e alegrias numa espécie de amparo coletivo. Aos amigos de graduação que mantiveram seus laços para além da academia.

INSTITUIÇÕES DE TRATAMENTO: A todas as instituições que permitiram a realização desse trabalho em suas dependências, em especial à equipe e coordenação do CAPSi de Maringá e à Comunidade Terapêutica Marev.

Em primeiro lugar, lembremos que vivemos nossa infância como nosso futuro. Ela determina gestos e papéis dentro de uma perspectiva do por vir.

(JEAN-PAUL SARTRE)

“*O baguiu é da hora*”: sentidos e vivências de adolescentes usuários de *crack*

RESUMO

O trabalho analisa os sentidos que envolvem as vivências do uso do *crack* por jovens. Como o *crack* ganha relevância dentre as possibilidades de ser-no-mundo dos jovens? Qual o(s) sentido(s) atribuído(s) a esta droga ante as escolhas que esses jovens fazem ao construírem seu projeto existencial? Realizou-se um estudo de campo, de cunho qualitativo, cuja coleta de dados se deu por meio de entrevistas aberta com jovens de 13 a 18 anos em tratamento por uso de *crack*. Os mesmos foram recrutados em locais especializados, tanto no âmbito público (CAPSi) como na esfera privada (Comunidades Terapêuticas) do município de Maringá, PR. Os dados foram analisados pela perspectiva fenomenológica-existencial e tomou-se por parâmetro para a discussão o pensamento existencialista de Jean-Paul Sartre. O procedimento metodológico consistiu em organizar as falas dos colaboradores da pesquisa em unidades de significado, de maneira a revelar os sentidos mais relevantes que acompanham as vivências com o *crack*. O estudo mostrou que o *crack* se revela enquanto possibilidade na vida desses adolescentes, na medida em que confere um prazer biopsicossocial, ou seja, pela restrição na percepção de suas vivências prazerosas, de isolamentos sociais ou mesmo o sentimento de impossibilidade que acompanham a vida dos adolescentes, o *crack* surge, aparentemente, como possibilidade de abertura para sua autorrealização. Dessa forma, experimentam no *crack* um conjunto de sensações prazerosas não encontradas em nenhuma outra vivência cotidiana. A fase do desenvolvimento humano chamada adolescência lança os adolescentes às vivências mais intensas na construção de sua identidade, este movimento existencial de encontro consigo mesmos é permeado por inúmeras dúvidas, medos, inseguranças, vemos o projeto de uso/abuso do *crack* funcionando como um fator regulador na construção de suas autoimagens. Concluímos que o consumo de *crack* por adolescentes evidencia que este foi um mecanismo utilizado por eles como recurso para garantir sua vida, exatamente essa vivência marca e ressignifica a insuficiência desses adolescentes para assumir o compromisso e a responsabilidade de viverem suas vidas. Reduzidos de recursos próprios para superação entregam-se ao *crack* e dissolvem-se, alienam-se favorecendo algum tipo de existência mais suportável.

Palavras-chave: Uso/abuso. *Crack*. Adolescência. Vivências.

“O baguiu é da hora”: meanings and experiences by adolescents crack users

ABSTRACT

This research aims to analyze the meanings that involve the experiences of smoking crack by adolescents. How the crack becomes relevant within the possibilities of “being-in-the-world” of adolescents? What’s assigned meanings to this drug front the choices that build a teenager existential project? We conducted a a qualitative inquiry study, which data collection was done through open interviews with teenager from 13 to 18 in treatment for crack use. They were recruited at specialized sites, in public (CAPSi) and in the private sphere (Therapeutic Communities) from Maringá, PR. The data were analyzed by the phenomenological-existential perspective and for discussing the existentialist perspective of Jean-Paul Sartre. The methodological approach was to organize the same collaborators speech in “units of meaning” to reveal the most relevant meanings that accompany the experiences with the crack. The study showed that the crack is revealed as a possibility in the lives of adolescents, in the point that it confers the biopsychosocial pleasure, in other words, the restriction on the perception of their pleasurable experiences, social isolation or even the feeling of inability to follow the lives of adolescents, the crack appears, apparently as a possible to opening for self-realization. In this way, experience in crack make them fell a set of pleasurable sensations not found in any other daily life. The stage of human development called adolescence launches teenagers to the most intense experiences in the construction of their identity, this themselves existential encounter movement is permeated by numerous doubts, fears, insecurities, we comprehend the project's crack addiction functioning as a regulatory factor in building their self-images. We conclude that crack consumption by adolescents shows that this was a mechanism used by them as a resource to balance your life, exactly this experience brand and reframes the failure of these teens to make a commitment and a responsibility to live their lives. Reduced their own resources to overcome surrender to the crack, become alienated promoting some kind of bearable existence.

Keywords: Drug addiction. Crack. Adolescence. Meanings.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Etapas do processo de obtenção dos produtos à base de cocaína.....	19
Figura 2 - Comportamento da cocaína no organismo segundo as vias de administração.....	20
Figura 3 - Evolução dos estágios de uso e instalação de comportamentos compulsivos.....	23
Figura 4 - Mecanismo de adaptação ao consumo de substâncias psicoativas, de acordo com a Teoria do Processo Oponente.....	24
Figura 5 - Evolução da mortalidade ao longo de 12 anos de estudo.....	28
Tabela 1 - Distribuição dos 7.939 entrevistados, segundo o uso na vida, no ano e no mês das drogas mais utilizadas nas 108 cidades pesquisada.....	39
Tabela 2 - Uso de drogas psicotrópicas por 48.155 estudantes do ensino fundamental do ensino médio das redes municipal e estadual do Brasil.....	41
Tabela 3 - Comparação em porcentagem de características familiares entre não-usuários e os que fizeram uso pesado de droga, exceto tabaco e álcool.....	42
Tabela 4 - Comparação em porcentagem entre não-usuários e os que fizeram uso pesado de droga de acordo com religião, esporte e trabalho.....	43
Quadro 1 - Apresentação dos colaboradores.....	66

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	O CRACK	14
2.1	TOXICOLOGIA DO <i>CRACK</i>	16
2.2	NEUROBIOLOGIA DA DEPENDÊNCIA.....	22
2.2.1.	Sistema de recompensa.....	24
2.3	PERFIL DO USUÁRIOS.....	26
3	O ADOLESCENTE E O USO DAS DROGAS	31
3.1	O QUE É SER ADOLESCENTE?.....	31
3.2	A INTERFACE ADOLESCENTE E O USO DE DROGA.....	34
3.3	ENVOLVIMENTO DOS ADOLESCENTES COM AS DROGAS NO BRASIL.....	39
3.4	FATORES DE RISCO E PROTEÇÃO AO CONSUMO DE DROGAS.....	43
4	O USO/ABUSO DE DROGAS NA PERSPECTIVA EXISTENCIALISTA	45
4.1	BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DO EXISTENCIALISMO.....	45
4.1.1	O Existencialismo e seus expoentes.....	47
4.1.2	A existência precede a essência.....	49
4.1.3	Consciência.....	51
4.1.4	O Eu e os Outros.....	53
4.1.5	Liberdade e Angústia.....	54
4.2	O FENÔMENO DO USO/ABUSO NUMA COMPREENSÃO EXISTENCIALISTA.....	55
5	O CAMINHO PERCORRIDO	58
5.1	CONSIDERAÇÕES ACERCA DO MÉTODO FENOMENOLÓGICO.....	58
5.2	PROCEDIMENTOS DE PESQUISA.....	63
5.3	COLABORADORES DA PESQUISA.....	65
5.4	ANÁLISE DOS DADOS.....	66
6	APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS	67
7	DISCUSSÃO	85
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
	REFERÊNCIAS	102
	APÊNDICES 1-3.....	107-112
	ANEXOS 1-4.....	113-122

1 INTRODUÇÃO

O uso de drogas de toda natureza tem acompanhado a trajetória histórica do homem desde os primórdios de sua existência. Sua evidência está expressa nas obras de arte, nos romances, cinema, tradições culturais, religiosas, entre outras produções humanas.

Muitos alimentos apresentam a propriedade psicoativa, ou seja, alteram de alguma maneira as funções do Sistema Nervoso Central, e fizeram parte da história da humanidade assumindo diversos papéis de profunda relevância para a manutenção e prosperidade. Muitos analgésicos serviram para alívio de dor física e espiritual, os tranquilizantes como recurso para a insônia e os estimulantes para a caça, favorecendo a superação das adversidades cotidianas (Carneiro, 2009).

Dessa forma, compreendemos que nem sempre o uso de droga caracterizou-se enquanto um problema. A droga sempre ofereceu ao homem a possibilidade de transcendência de sua humanidade, minimizando suas limitações; é justamente pelo reconhecimento de sua humanidade limitada que o homem se angustia e tem nas drogas o poder para a transcendência de mal-estar existencial.

A busca pela droga, segundo Bucher (1986), pode assumir os seguintes sentidos ao longo da história da humanidade: o primeiro sentido é o de fugir da transitoriedade e angústia de ser homem; um segundo sentido é atribuído à possibilidade de contato com forças divinas e, por fim, um terceiro sentido de busca de prazer.

Nessa experiência cultural com a droga muitos se excederam rompendo a barreira social, assumindo conotações compulsivas para a repetição do uso. A caracterização do que se possa chamar de excesso se torna tarefa difícil de delinear para as ciências psicológicas diante da singularidade humana. A sociedade se organizou de maneira a criar espaços para novas formas de uso, como os que denominamos de toxicomania, ou seja, quando o indivíduo, em algum momento da sua experiência com a droga torna-se dependente tanto física como psicologicamente, acreditando perder o poder de escolha ou não escolha do seu uso.

Surgiram os comportamentos compulsivos criando a necessidade de repetição do uso, lançando este homem a abrir mão dos seus projetos pessoais em detrimento do uso da droga. Para Santos e Costa-Rosa (2007, p. 489), diante da droga, “o toxicômano se defronta com sua incapacidade de pensar, reagindo com uma ação compulsiva, correspondente de uma tensão que parece ser vivenciada como impossível de baixar por outros meios”. O indivíduo fracassa no controle de si e sobre a droga.

É exatamente nesta passagem do uso para o abuso que o presente trabalho tem sua relevância. Como pode uma pessoa substituir seus planos, anseios e desejos pela satisfação do uso de droga? O que aconteceu na vida desse sujeito para que tal substância ganhe relevância na sua vida? De que maneira a droga confere um sentido de existência para ele?

Para nosso estudo, delimitamos buscar uma compreensão acerca dos significados da droga para os jovens. O motivo dessa escolha se deu a partir da revelação de estudos e dados estatísticos que indicam que a maioria dos usuários de drogas no Brasil tiveram suas primeiras experiências na adolescência. Ora, o que teria de tão incomum nesse período da vida chamada adolescência que a faz aproximar da droga? Haveria algo no modo de existir da juventude que leva a se aproximar e se tornar dependentes das drogas? Qual seria o motivo para fazerem desse uso a atividade mais importante de suas vidas?

Na medida em que olhamos para as estatísticas brasileiras, percebe-se a eleição de uma droga que se destaca das demais, chamada de *crack*. Para seu consumo o adolescente é capaz de transgredir as leis civis, roubar, matar ou cometer qualquer outro delito criminoso. Sendo assim, qual seria o poder que esse *crack* confere aos adolescentes? Por que ela é mais atrativa do que outras drogas?

Diante disso, nosso estudo se apresentou com o objetivo de compreender os sentidos do *crack* na vivência de jovens usuários, mediante um olhar fenomenológico-existencial. A compreensão fenomenológica da questão nos pareceu uma opção bastante razoável para o entendimento do uso/abuso do *crack* por adolescentes, já que a pesquisa que se pauta pela fenomenologia se preocupa com o fenômeno no seu mostrar-se na própria experiência de quem o vivencia. Assim, partiu-se do princípio de que no próprio discurso do adolescente sobre sua vivência com a droga estariam presentes os sentidos que lhe são atribuídos.

A relevância desta perspectiva é que ela garante compreendermos a maneira pela qual os adolescentes existem através do uso de *crack*, ou seja, a maneira como ele escolhe existir no mundo segundo suas possibilidades existenciais.

Além da compreensão do fenômeno do uso/abuso pela óptica da fenomenologia, o existencialismo sartreano nos oferece um aporte teórico capaz de nos subsidiar tal compreensão do momento existencial desses adolescentes no mundo. Sartre entende que o homem é livre para escolher seu modo de existir no mundo e, por isso, responsável pelas suas escolhas. Os comportamentos, pensamentos e hábitos são forma do existir humano e o uso/abuso é uma deles. Para Sartre é através das escolhas que reconhecemos o sentido do projeto existencial humano, em outras palavras, seu sentido de existir.

Assim, elaboramos de que modo os adolescentes fazem a escolha do uso de *crack*, bem como identificar qual seria o sentido disso para sua transcendência para então entender como eles existem no mundo através desta droga e optamos por encaminhar uma pesquisa de campo com adolescentes que estão em tratamento em unidades públicas, como o Centro de Apoio Psicossocial Infantil (CAPSi), e unidades particulares, como Comunidades Terapêuticas. Esses locais foram escolhidos pela disponibilidade de adolescentes que poderiam contribuir com seus relatos sobre suas experiências com o *crack*.

Foram entrevistados cinco adolescentes com idades entre 13 e 18 anos. Dos discursos colhidos, as informações que revelavam as intenções ou projetos do adolescente na experiência com o *crack* foram agrupadas em unidades de sentido tal qual propõe a metodologia de pesquisa fenomenológica empírica.

Organizamos a dissertação do estudo em seis capítulos. Três capítulos teóricos foram desenvolvidos a fim de oferecer subsídios para a posterior análise da questão investigada. O primeiro capítulo, “O *crack*”, se deteve a falar sobre o *crack* e suas especificidades, que tipo de droga é essa, qual seu poder químico e de dependência, além de informações sobre características comuns aos usuários de *crack* bem como o panorama desta droga no contexto do Brasil. O segundo capítulo, “O jovem e o uso das drogas”, aborda o período de desenvolvimento da vida conhecida como adolescência, buscando compreender o que os autores comentam sobre essa fase, quais suas particularidades, o que muda na vida dos adolescentes nessa transição entre a vida infantil e a adulta além de como a droga passa a fazer parte de seu cotidiano. Por fim, o terceiro capítulo, “O uso/abuso na perspectiva existencialista”, versa sobre o existencialismo sartreano e o uso de droga, no qual procuramos identificar a contribuição do existencialismo para o entendimento do fenômeno do uso/abuso e o movimento no mundo desses jovens. O capítulo quatro teve por objetivo apresentar a metodologia utilizada para o estudo. Mostramos como o método fenomenológico nos levou ao encontro com a essência da experiência do uso de *crack* por esses adolescentes, e foram apresentados os procedimentos de pesquisa bem como a realidade existencial dos colaboradores da pesquisa e, por fim, os caminhos para a análise de dados. No capítulo cinco organizamos, de maneira estruturada, os resultados das entrevistas realizadas, os fragmentos extraídos da análise dos discursos dos colaboradores foram dispostos de maneira a colaborar com a discussão que se seguiu no capítulo posterior. Neste último capítulo expusemos uma correlação íntima entre os sentidos expressos no discurso dos adolescentes em relação à experiência com o *crack* e o aporte teórico apresentado nos três primeiros capítulos deste trabalho.

2 O CRACK

O *crack* surgiu por volta de 1985 em bairros pobres e marginalizados das cidades Los Angeles, Nova York e Miami nos Estados Unidos, se alastrou para o Brasil e Europa nos anos de 1990 (Nudelman, Ribeiro, Rezende & Yamauchi, 2012).

Era obtido através de um processo caseiro e o produto final assemelhavam-se a cristais que se fumavam em cachimbos. Este processo de obtenção do *crack* será apresentado adiante com mais detalhes. Conforme o calor do fogo percorria toda a extensão do cristal, estalos surgiam da combustão do produto (*cracking*), daí surgiu a denominação “*Crack*” para se referir a droga. Tal substância produzia um efeito eufórico altíssimo de curta duração e gerava um desejo muito grande de repetição de mais uma dose (Perrenoud & Ribeiro, 2012).

A maioria dos usuários era formada por jovens de classe social baixa que se isolavam nos guetos ou casas abandonadas dos subúrbios de algumas cidades dos Estados Unidos. Faziam uso de cocaína e o *crack* apareceu como uma droga de maior efeito psicoativo e preços mais baratos em relação à outras drogas, atraindo o olhar dos poliusuários (usam mais de dois tipos de drogas), bem como de novos usuários se alastrando por todo o território nacional colocando o país como o maior mercado consumidor do mundo por várias décadas (Uchôa, 1996).

As primeiras notícias sobre o uso do *crack* no Brasil aparecem em 1990, reportando apreensões realizadas pela Polícia Federal, chegando a noticiar-se que de 1993 a 1997, o número de apreensões da substância aumentou 166 vezes. Há indícios de que a concentração de *crack* se instalou primeiro em bairros da zona leste da capital São Paulo (São Mateus, Itaim e Cidade Tiradentes), para depois chegar à região da Estação da Luz conhecida como “*cracolândia*”. Após repressões policiais nesta região o *crack* se espalhou para as demais áreas socialmente excluídas da cidade (Procópio, 1999).

Notamos que quando surge o *crack* não há ainda nenhum tipo de política ou mesmo estudo estatístico sobre a droga no Brasil, mesmo já sendo realidade do contexto norte-americano, o que nos permite inferir que a política de enfrentamento e combate a esta droga se desenvolveu bem mais lentamente do que seu alastramento.

O primeiro estudo investigativo sobre o padrão de consumo do *crack* no Brasil foi um estudo etnográfico com 25 usuários dos quais a maioria eram homens com menos de 30 anos, baixa escolaridade e provenientes de famílias em situação de vulnerabilidade social. Os usuários relataram que o surgimento e a pulverização da droga remonta ao ano de 1989 (Perrenoud & Ribeiro, 2012).

Estima-se que o *crack* já está presente em 98% das cidades brasileiras e, conforme o Conselho Federal de Medicina (2011), os dados revelados pela ONU - Organização das Nações Unidas é de que haja 3% da população brasileira que usam o *crack*, o que corresponde à 6 milhões de pessoas.

De acordo com Dimenstein (2010), no início dos anos 2000 foi verificada uma diminuição de usuários que procuravam auxílio para atendimento na rede pública de saúde da cidade de São Paulo, o que pareceu ser o fim da “epidemia” do *crack* no Brasil, podendo se comparar a países como os Estados Unidos e Inglaterra, que diminuíram os índices de usuários no período. Todavia, não passou de um grande equívoco, já que os levantamentos domiciliares promovidos pelo Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID) entre 2001 e 2005, mostraram que o uso na região Sul do país passou de 0,5% para 1,1%, sendo a região de maior consumo no país, seguida da região Sudeste com 0,8%. Não houve relatos de uso de *crack* na região Norte, porém essa foi a região de maior uso de *Merla*.

É interessante notar sobre os motivos que levavam o usuário para o uso do *crack*, que os mesmos mudaram ao longo dos anos. Em meados de 1990, a busca pela sensação de prazer era a justificativa da maioria dos usuários, enquanto que no final da mesma década, o consumo era por “compulsão, dependência ou como forma de lidar com problemas familiares e frustrações – o pensamento do usuário se reduzia ao consumo do *crack*, em detrimento do sono, da comida, do afeto e do senso de responsabilidade” (Perrenoud & Ribeiro, 2012, p.35).

De acordo com Perrenoud e Ribeiro (2012), geralmente o usuário de *crack* inicia o uso de substâncias psicoativas a partir das drogas lícitas (cigarro e álcool), num segundo momento, utilizam da maconha como primeira droga ilícita. Outro fator interessante a se notar é que o aumento da idade do usuário indica pouco interesse pela droga, assim, o *crack* não costuma ser a primeira droga de usuários com maior idade.

Os autores comentam sobre outro estudo realizado em Nova Orleans (EUA) com 53 imigrantes latinos, o qual constata que o fácil acesso, a alta disponibilidade da droga e os preços baixos foram os fatores que mais atraíram esta população para o uso do *crack*. Observa-se, portanto, que os fatores psicossociais de exclusão social e vulnerabilidade à violência urbana também contribuem para a aproximação do usuário até o *crack*.

Conforme pesquisas de Laranjeira e Ribeiro (2012), é comum que o usuário de *crack* tenha sido usuário de cocaína anteriormente e a transição do uso de uma substância para outra está atrelada ao efeito mais intenso do *crack*, a alta disponibilidade e preços mais acessíveis.

Os usuários de *crack*, geralmente, apresentam o poliuso como conduta de uso/abuso, ou seja, utilizam outras drogas concomitantes ao uso do *crack*. Segundo relatos dos usuários,

o poliuso é praticado como forma de aumentar a intensidade do efeito do *crack* e prolongá-lo pelo maior tempo possível (Perrenoud & Ribeiro, 2012).

De acordo com os autores, nos estudos realizados em Montreal (Canadá), a exposição a vários tipos de drogas pode ser um fator de risco para o início do consumo de *crack*, além do envolvimento em atividade de sexo por dinheiro em cidades com grande disponibilidade da droga.

O padrão de uso do *crack* é bastante variado de acordo com a particularidade de cada usuário, todavia, segundo os autores, pode-se dizer de uma média de no mínimo três vezes na semana, uma pequena parcela de usuários faz uso semanal de menor frequência. O comportamento compulsivo é a característica marcante em usuário de *crack*, podendo chegar à consumos diários, repetidas vezes interrompendo o uso com a realização de crimes para aquisição de dinheiro para compra da droga ou pela exaustão física e psicológica.

Ferri (1999) assinalou que os usuários de *crack* têm mais crises de fissura e perda de controle do uso da droga em relação aos usuários de cocaína intranasal. Como consequência, o usuário de *crack* o consome grande quantidade por diversas horas consecutivas. Em seu estudo, o autor constatou que de um grupo de usuários de *crack* e cocaína (n=294) que estavam em tratamento para dependência química em 15 unidades serviços da cidade de São Paulo, a superioridade de entrevistados relatou que a maior intensidade do consumo da droga aconteceu quando usavam *crack*, indicando que o consumo da cocaína tende aumentar quando passa da via intranasal para injetável e mais ainda pela forma fumada (*crack*). Essa intensificação do efeito repercute na probabilidade de reincidência do uso da droga aumentando o grau de dependência.

Bastante importante que se conheça, nos mais variados aspectos, o tipo de droga que é o *crack*, para se ter uma compreensão sobre por quê seu uso se tornou tão comum. A seguir, trataremos de alguns desses aspectos, a fim de conhecermos melhor de que forma esta droga tem se tornado cada vez mais a realidade de vida de tantos brasileiros.

2.1 TOXICOLOGIA DO CRACK

Como mencionado o *crack* é uma droga derivada da cocaína que pode ser fumada ou inalada produzindo efeitos entorpecentes bem mais rápidos e intensos. Sua barata comercialização é uma das razões pelas quais a droga se alastrou pelo mundo e principalmente no Brasil (Nudelman *et al.*, 2012).

Pode aparecer variações da mesma pela adição de outros tipos de aditivos químicos, é o caso da “Merla” e o “Oxi”.

A “*merla*” é o produto obtido a partir da pasta de cocaína ou pasta crua, está repleta de impurezas e aditivos como o querosene e ácido sulfúrico (composto presente nas baterias automotivas). A prevalência do consumo de *merla* no Brasil se concentra na Região Norte, mas há relatos do uso da droga em outras regiões do país. A *merla* pode ser fumada misturada ao cigarro ou na maconha, sendo o primeiro preferido pelos adolescentes em situação de rua devido o baixo preço da droga (Nudelman *et al.*, 2012).

Quanto ao “*Oxi*” ou “*Oxidado*”, o primeiro e único estudo pericial sobre o *oxi* foi realizado pela Polícia Federal do Brasil em 2005, o qual concluiu que o *oxi* e a pasta base são muito semelhantes se é que existem diferenças significativas entre eles. Por isso apresenta alto grau de impureza, o que gera efeitos deletérios com maior rapidez e intensidade no organismo (Nudelman *et al.*, 2012).

A presença do *oxi* foi constatada pela primeira vez no Brasil em 2003 por profissionais da saúde que atuavam junto a usuários de pasta base locais. Em meados de 2011, os noticiários começaram a veicular o surgimento do *oxi* como uma nova droga utilizada por muitos usuários da Região Sul, Sudeste e alguns Estados do Norte do país. A dificuldade encontrada pelas autoridades em relação ao *oxi* se dá na sua identificação, pois sua composição é muito parecida com a pasta base (uma das formas de cocaína fumável), sendo o perfil do usuário de *oxi* o mesmo dos que usam *crack* (Nudelman *et al.*, 2012).

Pelo fato do *crack* ser oriundo da cocaína, tentaremos explicar melhor as origens dessa droga bem como seu processo de fabricação. A coca é um arbusto originário da América do Sul cujo nome deriva do quéchua (língua indígena da América do Sul), que significa “planta”. Há pelo menos 250 espécies de coca distribuídas entre a Floresta Equatorial da Colômbia, do Peru e Bolívia. Algumas dessas espécies foram domesticadas em terras baixas da Região Amazônica, como é o caso da *Erythroxylon coca var: ipandu* (Nudelman *et al.*, 2012).

Em baixa quantidade as folhas das cocas foram utilizadas por vários anos e, além da sua importância mercantil, tinha uma função social, pois o uso fazia parte dos costumes das civilizações andinas sem que isso trouxesse qualquer problema relacionado à toxicomania.

As folhas de coca apresentam concentração de, aproximadamente, 0,5% do alcaloide cocaína. Este alcaloide é um composto orgânico, nitrogenado, que apresenta atividade farmacológica, ou seja, altera o organismo de alguma forma. Quando em contato com o Sistema Nervoso Central (SNC), os alcaloides apresentam estruturas semelhantes a alguns neurotransmissores, e, portanto, alteram algumas funções do cérebro. No caso do alcaloide cocaína, quando ingeridos em baixa quantidade conferem um ação estimulante e inibidora de apetite. Esta característica fez com que a coca fosse um dos produtos agrícolas mais

procurados no período neolítico andino, centro da economia das culturas das civilizações pré-colombianas (Nudelman *et al.*, 2012).

O processo para se chegar da coca à cocaína e outros derivados, como o *crack*, requer várias fases e adições de várias substâncias tóxicas ao organismo. Inicialmente ocorre um processo de secagem das *folhas de coca*, em seguida, a elas é adicionada uma solução de ácido sulfúrico e água enquanto são maceradas. Dessa mistura tem-se um líquido chamado *cocaína em solução*, nele está separado o alcaloide cocaína de folha da coca. Este líquido ácido é decantado e duas bases químicas são adicionadas para neutralizar a solução (cal/cimento e bicarbonato de sódio), em seguida, um solvente como o querosene e/ou gasolina são adicionados para se chegar à *pasta de coca* ou *pasta crua* (Nudelman *et al.*, 2012).

Como a pasta de coca crua se apresenta ainda muito impura (pigmentos, restos orgânicos, taninos, entre outras substâncias), a ela é adicionado ácido sulfúrico novamente para dissolver o sulfato. O agente oxidante permanganato de potássio é adicionado e, por fim, uma nova base (geralmente amônia) é dissolvida na mistura e filtrada a solução. O resultado é a *pasta base de cocaína*, que pode ser fumada, assim como a pasta de coca crua, pois ambas apresentam caráter alcalino (Nudelman *et al.*, 2012).

Numa outra etapa desse processo, os autores acima citados, explicam que são adicionados o éter, acetona e ácido clorídrico à pasta de cocaína. Depois de filtrada e desidratada tem-se o cloridrato de cocaína, uma espécie de sal solúvel em água e estável quando aquecido, possibilitando a administração do produto via intravenosa ou intranasal. A fim de aumentar os lucros através do aumento do produto, são adicionados açúcares, talcos, pó de mármore, anfetaminas, dentre outros produtos mais baratos que estão disponíveis e que variam o grau de pureza da droga.

Os autores afirmam que *crack* pode ser obtido de três formas: a primeira delas vem da pasta de coca crua que quando adicionado água, bicarbonato de sódio e aquecida a solução, tem-se o *crack*; a segunda forma parte da pasta de base de cocaína, ao ser aquecida com água e bicarbonato de sódio também produz o *crack*; uma terceira forma pode ainda ser obtida através do cloridrato de cocaína que quando aquecido com água, bicarbonato de sódio e amônia deriva o *crack*.

Interessante notar que o *crack* não é o produto final do processamento da cocaína, ele é uma variação da mesma e com um processo de preparo mais rápido do que a cocaína, no entanto, ambas as substâncias contém aditivos como ácido clorídrico, amônia e gasolina que são tóxicos ao organismo humano. A figura 1 mostra as etapas de obtenção do *crack*.

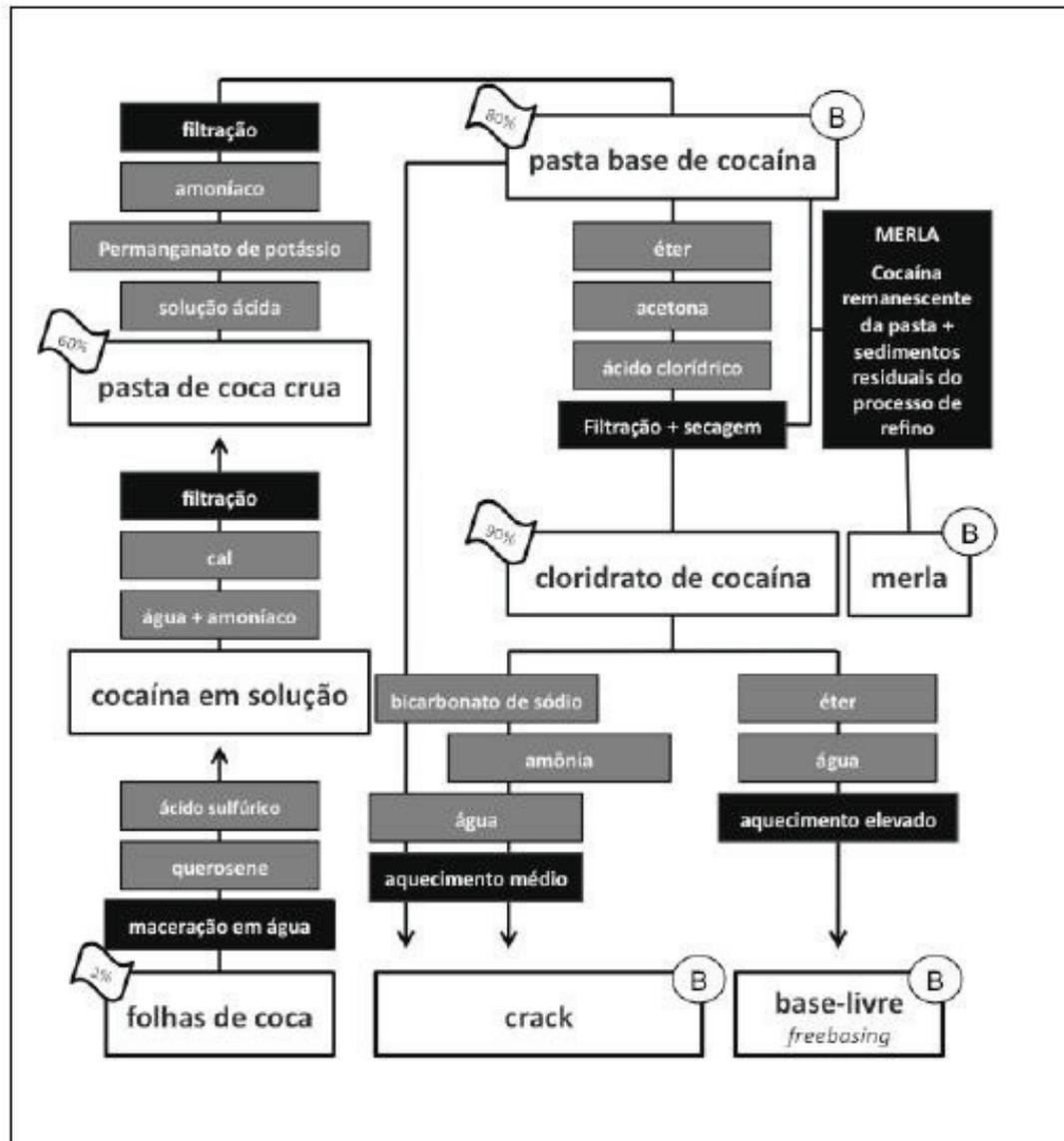


Figura 1. Etapas do processo de obtenção dos produtos à base de cocaína.
Fonte: Laranjeira; Ribeiro, (Orgs.), 2010.

Conforme observado na Figura 1, há diversas variações na forma de obtenção do *crack* e cada procedimento segue a disponibilidade de produtos e recursos de cada local e, portanto, a grande variação da produção do *crack* acaba confundindo as autoridades sanitárias, os pesquisadores e os demais profissionais da saúde (Laranjeira & Ribeiro, 2010).

Essa diversidade de procedimentos dificulta uma classificação exata que favoreça as investigações científicas, já que há variações terminológicas da droga nas diversas regiões em que ela aparece.

O *crack*, bem como suas demais variações, é derivado da cocaína em sua forma *base livre*. Por apresentarem natureza alcalina, são voláteis e, em geral, são fumadas diretamente

em cachimbos ou misturados às outras drogas. Há estudos que evidenciam o maior potencial nocivo e de dependência quando a ingestão de cocaína se dá pela forma fumada ou injetada, pois causam o efeito desejado com maior rapidez e intensidade. Quanto mais instantâneo e efêmero os efeitos, maior a probabilidade de a droga ser consumida novamente. Portanto, a escolha da via de administração interfere diretamente no grau de abuso e dependência bem como aumento de comportamentos compulsivos (Nudelman *et al.*, 2012).

A repetição do uso está diretamente ligada à um *quantum* de prazer que a droga confere ao sujeito, há vias de administração que favorecem esse processo e outras que minimizam os efeitos, dessa forma, o indivíduo está sujeito ao comprometimento dos órgãos vinculados às vias de administração pelo seu desgaste físico.

A cocaína tem biodisponibilidade alta e varia entre 57% pela via oral e 70% pela via inalatória, em que a biodisponibilidade é a razão entre a quantidade de droga administrada e porção absorvida, ou seja, algumas drogas tem maior ou menor biodisponibilidade, portanto maior ou menor grau de ação no organismo (Lizasoain, Moro & Lorenzo, 2011).

O *crack*, devido sua via inalada (fumada), acaba se tornando uma droga de altíssima biodisponibilidade, pois na composição da fumaça há vapores de cocaína de tamanho médio de 2,3 μg que se espalham por toda extensão dos alvéolos pulmonares e são absorvidos imediatamente pela corrente sanguínea, chegando com maior rapidez ao cérebro pela circulação pulmonar (Nudelman *et al.*, 2012).

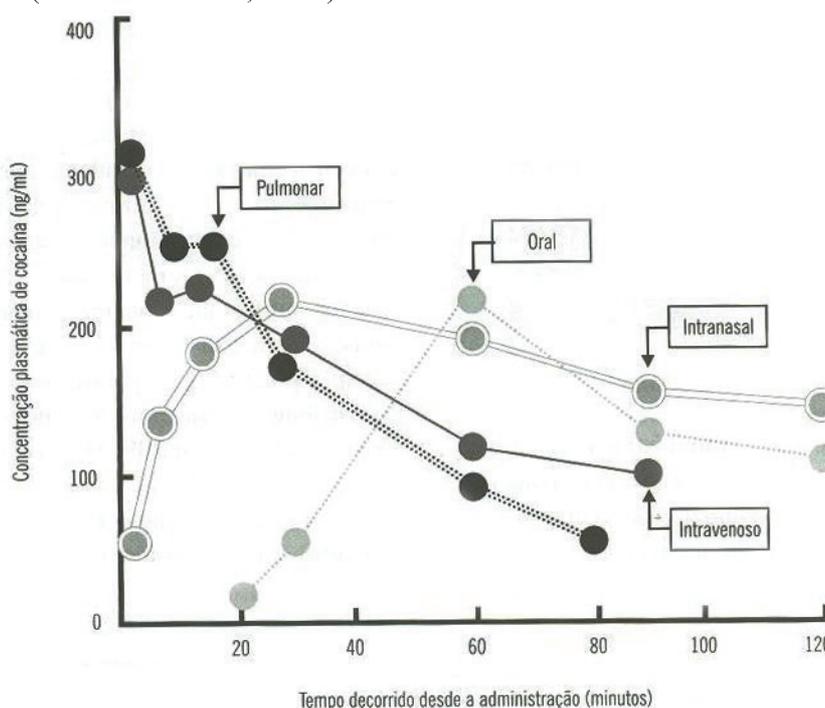


Figura 2. Comportamento da cocaína no organismo segundo as vias de administração.
Fonte: Laranjeira; Ribeiro, (Orgs.), 2012.

De acordo com a Figura 2, tanto a via pulmonar quanto a intravenosa são as que possibilitam as maiores concentrações de cocaína no organismo no menor tempo, sendo que a mesma vai decrescendo com o transcorrer dos minutos. A cocaína inalada pelas vias nasal e oral demora um pouco (aproximadamente 20 e 60 minutos, respectivamente) para atingir o pico de concentração para, só então, começar a ser reabsorvida pelo organismo, e, após, excretada.

Interessante notar que mesmo transcorridos 80 minutos, ainda é possível constatar relativa quantidade de cocaína no organismo. A cocaína é totalmente absorvida somente após 24 horas.

O álcool inibe a metabolização (hidrólise) da cocaína alterando a sua permanência no organismo e potencializando o seu efeito. Ao mesmo tempo em que aumenta a euforia do efeito, o álcool minimiza a inquietação psicomotora e os sintomas paranoides da abstinência aguda, com isso o consumo de álcool acaba se tornando muito frequente entre usuários de cocaína (Nudelman *et al.*, 2012).

Com base nos autores, vale ressaltar que os efeitos euforizantes da cocaína e, portanto, do *crack*, ocorrem à medida que a substância atinge a corrente sanguínea, como a cocaína tem metabolização rápida, o usuário experimenta a cessação dos efeitos e o desconforto progressivo da ausência da droga, com isso acaba desenvolvendo comportamentos compulsivos que o leva à dependência da mesma.

Assim, os usuários experimentam inicialmente uma fase de *euforia* até atingir um pico chamado “*high*”, no qual os mesmos sentem todos os efeitos desejados: “euforia, bem-estar com melhora no desempenho cognitivo e sensação de proximidade com outro”. Em seguida essa fase é substituída por outra chamada *disforia*, cujas características são “estado de natureza depressiva, que se instala subitamente e cuja essência é a irritabilidade e a labilidade afetiva (‘pavio curto’)”, também denominada “*crash*”. Essa fase pode perdurar por horas e horas e até alguns dias (Nudelman *et al.*, 2012, p.135).

Além dos efeitos bem mais agudos e mais curtos que a cocaína, segundo Llácer, o *crack* também acelera o aparecimento de complicações clínicas como: Taquicardia y arritmia; Fallo cardíaco, isquemia, infarto agudo de miocárdio, fibrilación ventricular; Hemorragias cerebrales e ictus precedidos de intensas cefaleas; Crisis comiciales con pérdida de consciéncia; Disnea, fallo respiratorio y asfixia [...] (2001, p. 162).

2.2 NEUROBIOLOGIA DA DEPENDÊNCIA

De acordo com Lima, Ribeiro e Fonseca (2012), a dependência química é um transtorno de natureza multifatorial não se restringindo apenas à ação da droga no organismo, mas envolve um contexto individual e social que influenciam na disponibilidade e uso dos indivíduos.

Apesar de cada organismo reagir de maneira diferente à ação da droga, as conclusões de Silva e Matos (2004), indicam que os adolescentes são mais sensíveis que os adultos diante do efeito da droga.

Citaremos dois referenciais teóricos para o entendimento da dependência, o Modelo Neurobiológico e o Modelo da Teoria do Processo Oponente.

O Modelo Neurobiológico considera a dependência como

patologia crônica e recidivante, caracterizada por compulsão pela busca e pelo consumo da droga, perda do controle sobre os limites do uso e surgimento de estado emocional negativo, com *disforia*, ansiedade e irritabilidade quando o contato com a substância é interrompido – síndrome de abstinência (Lima *et al.*, 2012, p. 144).

Dessa forma, o reforço positivo que o prazer do uso da droga oferece, serve de estímulo para a repetição daquela experiência, dando margem a instalação de comportamentos impulsivos na busca do prazer/alívio e rapidamente culpa, arrependimento e autorreprovação à medida que esta tensão/excitação aumenta e novamente o indivíduo repete o ciclo. Todavia, mediante os sintomas de abstinência, aos poucos o reforço positivo começa a ser substituído pelo negativo a fim de minimizar tal desconforto. Ou seja, logo mais o indivíduo se percebe agressivo, ansioso, com forte perturbação mental (sintomas da abstinência), ele tende a repetir o uso na tentativa de alívio desses mal-estares. Assim, o indivíduo começa a transitar da impulsividade para a compulsividade, desencadeando quadros mais acentuados de estresse e ansiedade. Essas transformações podem sofrer influências das disposições individuais da personalidade, déficit de atenção, doenças psiquiátricas, além dos fatores sociais que estimulam a prática do uso (Lima *et al.*, 2012).

A passagem do reforço positivo para o negativo fica melhor clarificada com base na Figura 3, em que inicialmente o uso é marcado pela relação prazer/alívio e os sintomas são mais leves como culpa, arrependimento e autorreprovação, isso gera tensão e excitação no sujeito que pelas atitudes impulsivas inicia novamente esse ciclo.

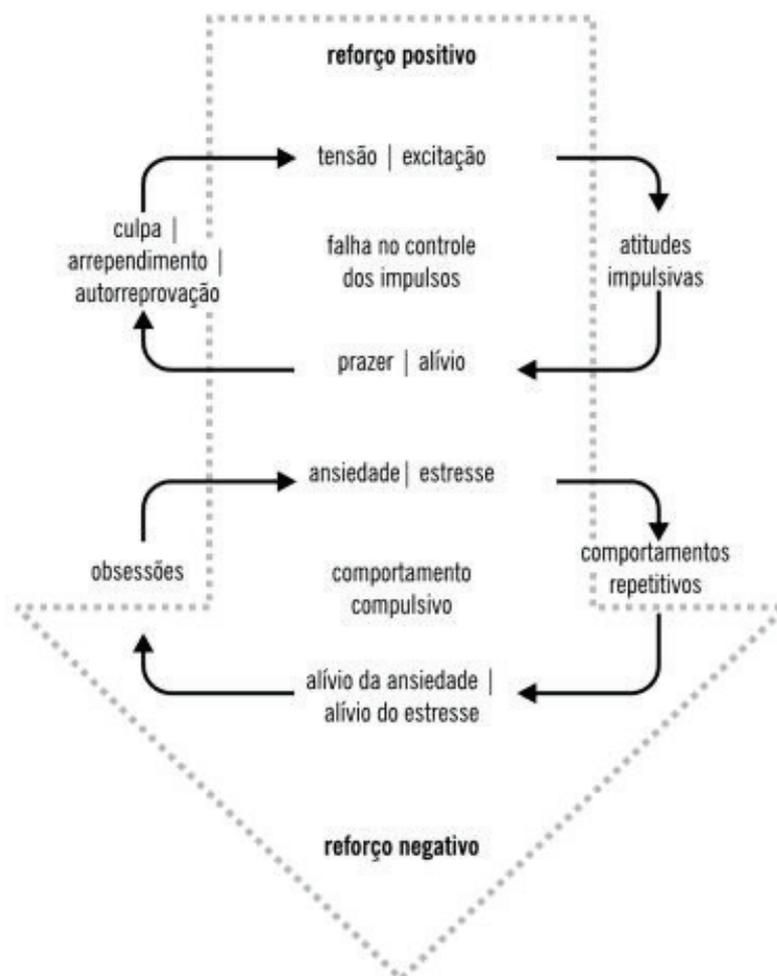


Figura 3. Evolução dos estágios de uso e instalação de comportamentos compulsivos.

Fonte: Laranjeira; Ribeiro, (Orgs.), 2012.

Num segundo momento, começa haver uma influência mais intensa dos efeitos abstinentes no organismo e o indivíduo é invadido por constante mal-estar que gera extrema ansiedade e estresse, o que os leva a ter comportamentos repetitivos de uso na tentativa de alívio desses sintomas, fixando o mesmo num quadro de obsessões que novamente o faz sentir mais ansiedade e estresse novamente fechando assim o ciclo.

Além do Modelo Neurobiológico, outro referencial teórico que explica o mecanismo da dependência química é o Modelo da Teoria do Processo Oponente amplamente trabalhado por Koob cuja perspectiva considera que o sistema nervoso sempre tende para uma homeostase (equilíbrio) e parte de forças de naturezas opostas (2009, como citado em Lima *et al.*, 2012).

Quando analisamos a Figura 4 percebemos que ao experimentar a droga o indivíduo atinge um pico muito alto de prazer (pico “a”) e, à medida que a droga vai sendo

metabolizada o sujeito alcança uma segunda fase do processo de uso/abuso que é o estágio “b” (fase disfórica), nela a ansiedade e irritabilidade são características típicas além do desejo de repetir o consumo da droga. Quando acontece uma nova ingestão da droga, o pico de prazer já não é tão alto quanto a primeira devido a ação dos mecanismos de adaptação, entretanto os processos disfóricos acontecem com maior rapidez e intensidade. Assim, o cérebro considera a presença da substância droga um elemento importante para seu “equilíbrio”, ou seja, para o alcance da alostase (fase abaixo da homeostase que confere certa estabilidade), levando o indivíduo à um padrão repetitivo para o alívio dos sintomas disfóricos cada vez mais agudos. Daí o consumo de novas drogas ou aumento da quantidade ingerida a fim de alcançar a cessação de seus sintomas abstinentes ou qualquer sensação que o alivie desse mal-estar.

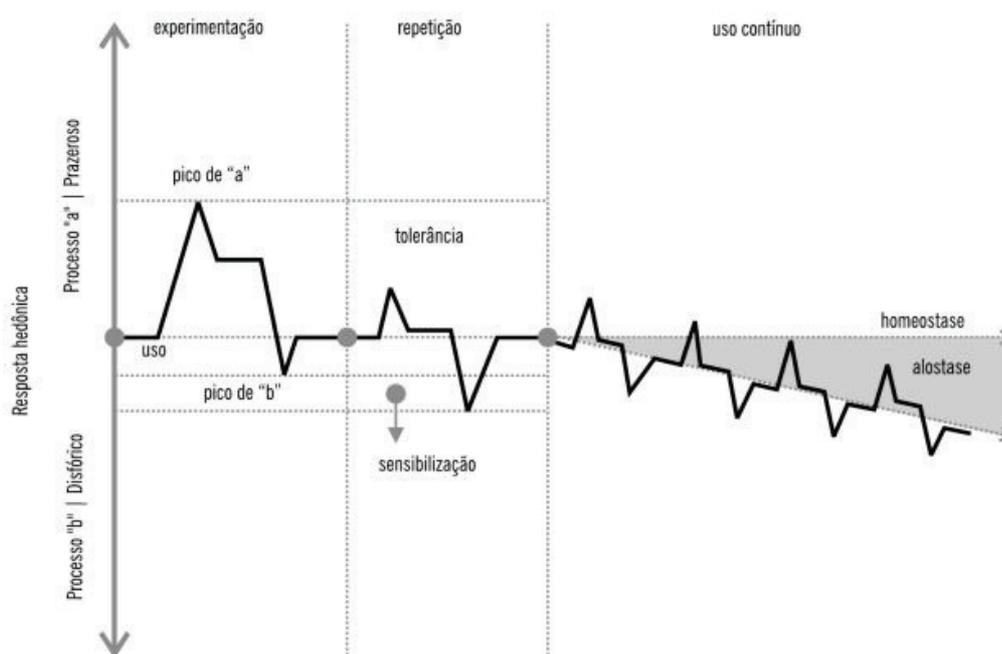


Figura 4. Mecanismo de adaptação ao consumo de substâncias psicoativas, de acordo com a Teoria do Processo Oponente.

Fonte: Laranjeira; Ribeiro, (Orgs.), 2012.

2.2.1 Sistema de recompensa

Todas as substâncias psicoativas atuam no sistema neuro-límbico-mesocortical, também conhecido como sistema de recompensa. Esse mecanismo tem sido importante ferramenta adaptativa para o animal encontrar determinado local na ausência do estímulo ou

mesmo ações que lhe causam bem-estar, talvez por isso que este sistema esteja ligado às áreas da memória (Lima *et al.*, 2012).

Os autores afirmam que basicamente o estímulo interpretado como positivo pela amígdala passa para o hipocampo onde será memorizado. Assim como o estímulo, todo o contexto que envolve a experimentação do mesmo também é memorizado. Essa é a razão pela qual muitos indivíduos que se expõem a práticas ou lugares considerados de risco por terem já participado usando droga, podem fazê-los recair mesmo estando desintoxicados da droga.

Outro fator relevante que explica a recaída de indivíduos que estejam em abstinência por longo período é a secreção de cortisol comumente liberada em situações de muito estresse ou traumática. Esta substância também é conhecida do sistema de recompensas, ou seja, o cortisol pode acabar estimulando o sistema de recompensas e contribuindo para a recaída do mesmo (Lima *et al.*, 2012).

De acordo com os autores, a dopamina é um neurotransmissor liberado mediante um estímulo compreendido como positivo e que gera sensação de bem-estar, assim, quando liberada, a dopamina provoca uma sensação de euforia e bem-estar no organismo. Automaticamente o sistema de recompensas é ativado. Esse mecanismo sofre alterações adaptativas rapidamente, de modo que em exposição ao mesmo estímulo, o organismo passa a bloquear a liberação sucessiva de dopamina lançando-a apenas em novas e inesperadas formas de prazeres vivenciados (Lima *et al.*, 2012).

Além da dopamina, diversos neurotransmissores, neuromoduladores e hormônios atuam no sistema de recompensa. Esse é um dos grandes problemas da dependência química, pois não se sabe exatamente como o sistema de recompensas escolhe ou determina um evento para ser repetido pelo prazer que ele confere. Talvez aqui entre as questões psíquicas, que podem estar implicados na eleição das situações prazerosas (Lima *et al.*, 2012).

De acordo com Abott a presença da cocaína no organismo é capaz de liberar uma quantidade de dopamina na área tegumentar ventral (hipocampo) até mil vezes mais do que numa situação natural de reforço positivo. Isso representa uma alteração extremamente intensa no organismo que não nos permite apoiar-se em explicações simplistas mediante as recaídas e sintomas de abstinência, já que a influência biológica, nesta fase de uso, não pode ser desconsiderada pela força da influência orgânica (2002, como citado em Lima *et al.*, 2012).

Com o passar dos meses o uso contínuo de cocaína inibe a liberação de dopamina pela própria escassez do neurotransmissor, dessa forma pode ocorrer casos de abandono da droga, pois a mesma não confere mais a satisfação de outrora. Pelo excesso de inibição

dopaminérgica e exaustão do sistema de recompensa, o usuário experimenta as primeiras reações de abstinência: a disforia e a anedonia. Esta última é percebida pelo usuário por uma sensação de tédio, falta de motivação e incapacidade de sentir prazer. Tal interrupção do uso provoca a hipersensibilização do cérebro, relacionado ao fenômeno de tolerância e à expressão gênica (características geneticamente herdadas relacionadas à capacidade de tolerância) (Silva, 2007).

Sobre as neuroadaptações, vale destacar os fenômenos de tolerância, sensibilização, *kindling* e síndrome da abstinência.

A tolerância é o limite da perda do efeito ou o aumento desta para conseguir o efeito desejado, é um fenômeno biológico condicionado à genética. Em outras palavras, é a capacidade que cada organismo tem de suportar o efeito da droga. A sensibilização é um fenômeno que acontece quando o uso da droga é intermitente, capaz de gerar comportamentos inquietantes, estereotípias, tiques e inquietações psicomotoras. O *Kindling* (termo criado por Goddard em 1969 para designar sensibilização por impulsos elétricos subconvulsivos geradores de convulsões) é também outra forma de sensibilização neuronal, nesse fenômeno, alguns neurônios expostos à presença de cocaína intermitente desenvolvem mais sensibilização do que outros, com o uso prolongado, a resposta desses neurônios ativados pode ser alcançada com a menor presença de cocaína. A síndrome de abstinência é um conjunto de reações do organismo capazes de gerar sintomas de desconforto físico e mental, aparecem quando o uso da droga é interrompido (Lima *et al.*, 2012).

Face ao exposto percebemos o quanto o fator biológico atua no componente psicológico do indivíduo que esteja em grau avançado de uso da droga. Evidente que não podemos nos limitar a dar explicações simplistas e reducionistas apenas sob o prisma da biologia, todavia é inegável que além da dependência psicológica o usuário está diante de um componente orgânico de altíssima expressão.

2.3 PERFIL DOS USUÁRIOS

Desde o início das publicações sobre a presença do *crack* no Brasil, o perfil do usuário tem sido praticamente o mesmo desde então: na sua grande maioria homens, com idade inferior a 30 (trinta) anos, solteiros, de baixa renda, baixo nível de escolaridade e marginalizados socialmente. (Nappo, Ribeiro & Sanches, 2012).

Segundo pesquisas de Oliveira e Nappo (2008), a forma de consumo mais comum do *crack* tem sido pela inalação da fumaça resultante da queima ou combustão da droga utilizando-se de cachimbos elaborados e compartilhados pelos próprios usuários feitos com

alumínio. O consumo ainda pode ser realizado misturado com cinzas de cigarro (denominado popularmente “pitolho”) ou misturado com maconha (conhecido como “mesclado” ou “craconha”), essas duas formas ganham a justificativa de serem menos prejudiciais, segundo os usuários. No entanto, o mesmo estudo realizado na cidade de São Paulo mostrou que os usuários acabam se tornando compulsivos da maneira semelhante aos consumidores da forma direta do *crack*.

Vale destacar que os homicídios relacionados ao *crack* não estão ligados diretamente à ação química da droga ao organismo humano, segundo estudos de Hassen e Krausz (2010, como citado em Chaves *et al.*, 2011) é o sistema de vendas (tráfico) que gera os maiores índices de mortes à usuários de *crack*. É mediante a ausência de recursos financeiros que os usuários se envolvem em roubos, sequestros e atividades ligadas ao tráfico e violência urbana, predispondo-se para a morte através de causas externas em sua esmagadora maioria.

Os locais para consumo de *crack*, em geral, são escolhidos em função da proteção que oferecem e dependem também da condição econômica dos usuários. Sendo assim, boa parte dos usuários prefere locais fechados como casas, pequenos hotéis localizados próximos das regiões de maior oferta da droga. Esses ambientes geralmente apresentam grande permissividade de uso, prostituição que agregam valor na escolha do local. Esta é uma precaução tomada pelos usuários como forma de se protegerem do uso coletivo, pois podem se deparar com violências de outros usuários, além de reforçar o estigma de “drogado” relacionado ao uso (Nappo *et al.*, 2012).

Os usuários que estão ainda no início de sua dependência conseguem eleger com mais clareza os locais mais adequados para seu uso, no entanto, essa eleição poderá ser afetada quanto mais envolvido com a droga estiver o indivíduo, chegando a condições bastante precárias.

No início da aparição do *crack* no Brasil, nos anos 1990, o consumo de *crack* estava restrito a uma pequena população marginalizada socialmente, como uma droga dos guetos. De acordo com Paquette (2010, como citado em Nappo *et al.*, 2012), o consumo de *crack* permaneceu com esse tipo de população ao longo dos anos, todavia, se estendeu à outras camadas da sociedade como um todo, atingindo países como Estados Unidos, Canadá, países europeus, África do Sul, entre outros, considerado como um problema de saúde pública.

Dentre as diversas complicações acarretadas pelo uso contínuo do *crack*, podemos constatar um esgotamento físico e mental do usuário, capaz de abster-se dos cuidados básicos como higiene pessoal, sono e alimentação. Acrescido a isso, a troca entre os usuários de utensílios para o uso da droga pode expô-los à contaminações de doenças como a hepatite ou

tuberculose. É dessa forma que o usuário de *crack* está sujeito à diversas complicações de sua saúde, uma vez que seu intento é a utilização do *crack* mesmo que em situações adversas ou insalubres (Nappo *et al.*, 2012).

A compulsão é um comportamento originado pelo desconforto físico e mental de falta do *crack*, sendo assim, o usuário pode lançar-se para comprometimentos em atividades ilícitas a fim de conseguir a droga para minimizar seu desconforto, gerando quadros cada vez mais graves da dependência (Chaves, Sanchez, Ribeiro & Nappo, 2011).

Há que se deixar claro que não é a química do *crack* a maior causa de morte dos usuários dessa substância, mas sim as causas externas que envolvem atividades ilícitas para aquisição da mesma. Parece que o estilo de vida ao qual se submetem os usuários, oferecem mais riscos à sua vida do que o próprio uso em si.

Considerando que o aparecimento do *crack* se deu por volta do ano de 1989, na cidade de São Paulo (Uchoa, 1996), somente após cinco anos é que surgiram os primeiros estudos referentes à essa droga, o motivo foi o rápido alastramento desta e aumento drástico no número de usuários dessa substância.

Um dos primeiros estudos sobre a questão foi realizado em 1994 a partir do levantamento de usuários que procuraram as unidades de atendimentos da UNIAD (Unidade de Pesquisas em Álcool e Drogas), na época, o único tratamento de desintoxicação disponível na rede pública de saúde. De uma amostra de 131 paciente que procuraram tais serviços, foram analisados as causas de mortes mais recorrentes que envolviam usuários de *crack*. Os pesquisadores concluíram que o homicídio foi a *causa mortis* mais recorrente, seguido da Aids e, em menor escala, overdoses, hepatite B e afogamentos.

A Figura 5 revela o quanto a mortalidade tem envolvido usuários de *crack* ao longo de 12 anos de estudo:

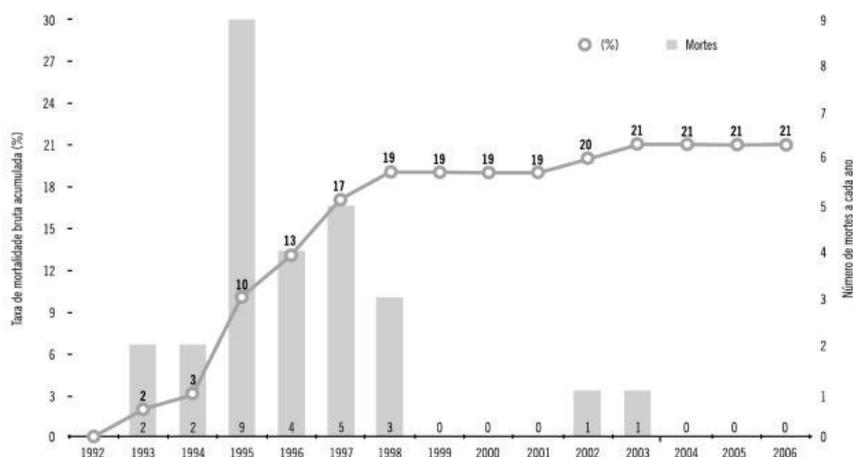


Figura 5. Evolução da mortalidade ao longo de 12 anos de estudo.

Fonte: Laranjeira; Ribeiro, (Orgs.), 2012.

Nos primeiros seis anos, as taxas de mortalidade eram bastante elevadas, atingindo quase 1/5 da população estudada, após esse período, a taxa caiu para praticamente zero. Vale ressaltar que os sujeitos estiveram em tratamento por um ano e foram entrevistados dois a quatro anos após sua alta, o que explica a diminuição dos “sujeitos em risco” durante o período.

Apesar de a pesquisa ter sido realizada na década de 1990, é possível perceber que as causas atuais que envolvem os usuários do *crack* ainda são as mesmas: os fatores externos à droga relativos ao contexto sociocultural do sujeito.

De acordo com Ribeiro, Dunn, Sesso, Dias e Laranjeira (2006), o risco de morte em função dos efeitos deletérios no organismo é sete vezes maior do que a população em geral. Os mesmo autores constataram uma realidade até então desconhecida, que foi a existência de usuários de longo tempo. Diante da alta taxa de mortalidade envolvendo usuários de *crack*, surge um paradoxo: Como poderiam usuários de *crack* permanecerem vivos por tanto tempo? O que os levou a concluir que houve uma adaptação desses usuários à cultura do uso.

Segundo os autores, esses usuários de *crack* de longa data parecem reconhecer as principais situações de risco, principalmente aquelas ligadas às leis do tráfico e passaram a desenvolver habilidades adaptativas para lidar com essas questões. Assim, a preferência por locais fechados, isolados, sem companhias, tem sido estratégia utilizada cada vez mais por esses usuários. Cabe salientar que esses também preferem relações mais amistosas possíveis com traficantes, a fim de não contrair dívidas ou questionar sobre preços/quantidade da droga ou causar alterações nos pontos de venda por brigas e assaltos que chamem a atenção da polícia.

Nem todos os usuários conseguem ter essa leitura do sistema ilícito de vendas da droga, todavia parece que a maioria dos usuários de uso prolongado do *crack* apresentam bastante clareza quanto à dinâmica do tráfico e tais adaptações conferem uma mudança dos aspectos socioculturais que envolvem o consumo de *crack*. Portanto os aspectos sociais e culturais estão sempre em constante mudança e indicam que o estudo do uso/abuso não deve se fechar em estabelecer verdades sob um determinado ponto de vista, deve sempre ser feito com olhar sistêmico e bastante atento às variáveis, já que são extremamente dinâmicas (Chaves *et al.*, 2011).

De forma alguma a relação entre *crack* e violência urbana deve ser entendida pelo aspecto psicofarmacológico, de maneira que se possa dizer de atitudes atrozadas cometidas pelo usuário devido os efeitos deletérios causados pela droga, acreditando que os indivíduos se tornam violentos devido à ingestão de certa quantidade de *crack*.

De acordo com Saporì e Sena (2012, p. 75), “é na dimensão da violência sistêmica que o fenômeno adquire contornos mais nítidos”. O autor considera que a violência está relacionada à “dinâmica do comércio das drogas ilícitas”, na qual abarca a disputa por território de vendas (“bocas” ou “biqueiras”), eliminação de informantes, além das punições por dívidas e alterações da droga, entre outros conflitos decorridos por desavenças comuns nesse tipo de relação comercial.

O objetivo deste capítulo foi conhecer alguns dos componentes relacionados à especificidade dessa droga denominada “*crack*” a qual aparece como meio de vida de muitos jovens brasileiros, considerando que nosso objeto de estudo (as vivências dos adolescentes) está diretamente ligada à experiência com essa droga, nos deparamos, assim com a necessidade de conhecê-la sob os diversos prismas que a envolve. Portanto, esta parte do trabalho se ateve às questões mais biológicas e químicas da droga, assim como a repercussão na vida dos usuários. O capítulo subsequente mostrará um aspecto mais social que envolve o jovem na escolha das vivências com o *crack*.

3 O ADOLESCENTE E O USO DAS DROGAS

3.1 O QUE É SER ADOLESCENTE?

Como nosso interesse é compreender a vivência de jovens que fazem uso de *crack*, neste capítulo buscamos situar a relação entre a juventude e o consumo abusivo de drogas, em geral, e do *crack*, em especial.

De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU), juventude corresponde à faixa etária entre 15 e 24 anos de idade. No Brasil, o índice dessa população tem aumentado desde 1945, correspondendo a 1,02 bilhões em 2005. Projeções da ONU apontam que a população jovem poderá chegar a 1,4 bilhão em 2025 (UNFPA, 2010).

Porém algumas divergências foram encontradas quanto à classificação da população jovem e adolescente. Segundo dados do IBGE, a população adolescente corresponde à faixa etária entre 10 a 19 anos, enquanto que a população jovem seria entre 15 e 24 anos e juntas elas representam 30,3% da população brasileira em 2002 (Brasil, 2010a).

Apesar de não haver uma definição legal de população jovem no Brasil, o marco jurídico de maior relevância que define adolescência e infância no país é o Estatuto da Criança e do Adolescente - Lei Federal nº 8.069, de 13 de julho de 1990. O Estatuto dá cumprimento aos objetivos instituídos pela Convenção Internacional dos Direitos da Criança das Nações Unidas e “reconhece todas as crianças e adolescentes como sujeitos de direitos nas diversas condições sociais e individuais” (UNFPA, 2010, p. 59).

Para nosso estudo, consideramos jovem a pessoa na faixa etária entre os 12 e 18 anos assim como define o artigo 2º do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). O uso desta denominação se deu pelo fato de todos os entrevistados estarem nesta faixa de idade, uma vez que é a mesma faixa etária atendida nas unidades de tratamento para dependência química onde a pesquisa foi realizada. (BRASIL, 2010b).

As alterações mais visíveis na adolescência acontecem no corpo, pela manifestação hormonal há um rápido crescimento da altura de maneira até desproporcional garantindo ao adolescente experimentar a sensação de habitar um corpo estranho. Essas constatações são perceptíveis ao adulto que passa a cobrar comportamentos mais responsáveis e condutas maduras que refletirão na posição defensiva que o adolescente se apoia para realizar tal transição (Oliveira, 2002).

Esse panorama atravessa, por assim dizer, a vida do adolescente cujo momento existencial corresponde a um período de intensas transformações bio-psíquicas e consequentemente sociais. Dessa forma o adolescente encontra-se em constante ambivalência,

ao mesmo tempo em que experimenta a confortável condição de criança, percebe a necessidade de adquirir autonomia (Oliveira, 2002).

Segundo Aberastury (1980), tal período é caracterizado por diversas crises, pois é marcado pela elaboração de diversos lutos reunidos no que ela chama de “lutos da adolescência”, no qual consiste em sucessivas perdas que lhe garante seu desenvolvimento. Tais perdas estão ligadas à alguns lutos como: luto do corpo infantil; luto pela identidade infantil; luto pelos pais da infância.

Já para Bessa (2004), a adolescência é o período cujas transformações físicas são intensas e por isso a distância entre o ser e sua autoimagem provoca intensa irritabilidade e falta de confiança em si. Por outro lado, é também tomado de intenso sentimento de onipotência que o coloca diante de seus limites e busca por novas experiências. Essas percepções contrárias de si faz com que também perceba de modo diferente as relações e, portanto, o posicionamento crítico se torna recorrente, questionando principalmente as figuras de autoridade (pais, professores, irmãos mais velhos, etc).

Com o desenvolvimento do pensamento abstrato, há um amadurecimento na forma de pensar passando a questionar a veracidade das coisas e então surgem os conflitos com aqueles que apareçam para o jovem como “detentores da verdade” (figuras de autoridade), assim o jovem acaba preferindo o afastamento afetivo encontrando refúgio, geralmente no seu quarto, mas pode acontecer em outros ambientes também como na rua, por exemplo. (Bessa, 2004).

Este afastamento é comum e não representa ainda uma problemática de ordem psicológica grave, trata-se apenas de um movimento de amadurecimento e necessário para a organização psíquica do adolescente, todavia, não exime a responsabilidade, por parte dos cuidadores ou responsáveis, de verificar em que nível acontece esse isolamento. Reconhecer este período se torna importante para não abandonar o jovem em sua reclusão.

À medida que afasta psiquicamente da família ou quem represente esta instituição social, aproxima-se da unidade grupo. Na convivência com os amigos encontrará referências e valores que o ajudarão a lidar com seus conflitos de modo que passa, por assim dizer, a organizar os princípios e valores constituintes de sua personalidade (Bessa, 2004).

Sobre isso Bock (2002) afirma que esse afastamento da família é uma fase de interiorização, expresso em atitudes aparentemente antissociais, mas seu alvo é, na verdade, a sociedade, e passa a considerá-la como passível de ser reformada e transformada. Atinge o equilíbrio quando compreende a importância da reflexão para a mudança da realidade.

O desenvolvimento do pensamento abstrato permite ao adolescente lançar o olhar para questões mais filosóficas, artísticas, místicas e também compreensões sobre problemas sociais, participando mais em atividades relacionadas ao desenvolvimento da sociedade através de altruísmos ou atitudes que lhes deem a sensação de transformação da mesma (Bessa, 2004).

A explosão hormonal que acontece pelo amadurecimento das características sexuais secundárias coloca o jovem diante da descoberta sexual, podendo experimentar insegurança, angústia e vergonha do próprio corpo. Ainda a opção sexual pode não estar clara neste período. Além do componente biológico, frente aos diversos enfrentamentos que o jovem passa diariamente, é tomado de constantes variações de humor, a partir de estímulos (aparentemente insignificantes) pode passar rapidamente do estado de depressão para alegria intensa, de vergonha para onipotência e assim por diante (Bessa, 2004).

As exigências econômicas do mundo atual influenciam o jovem na sua entrada para mundo adulto. Em algumas gerações atrás, esperava-se que o jovem fosse capaz de ingressar no mercado de trabalho e estabelecer vínculos afetivos estáveis para constituírem suas famílias, sem que tivesse qualquer responsabilidade quanto ao seu tipo de formação profissional (Silva & Matos, 2004).

Vale lembrar que cada adolescente representa uma individualidade e, portanto, não é uma regra que todo adolescente passe por tais mudanças, não necessariamente passará por todas essas fases e nem na mesma intensidade de transformação. Há aqueles cuja passagem se dá por um modo bastante tranquilo, desmistificando a ideia de que todo adolescente é conflituoso. São apenas características comuns a este período. Falar de desenvolvimento humano é sempre uma tarefa difícil quando nos enrijecemos em leis teóricas que explicam tais mudanças como regras gerais ou padrões invariáveis.

Face ao exposto, estamos diante de um sujeito cujo amadurecimento lhe aparece como necessário ao mesmo que conflituoso e gerador de crises. Além disso, não acontece de maneira descontextualizada do seu meio social e, sobre isso, Rocha (2002) afirma ser importante conhecer os elos que liga o adolescente à sua sociedade, que código de enfrentamento que se cria entre eles.

Esta autora afirma que devido às constantes transformações da contemporaneidade e a crescente complexidade social, trazem ao adolescente a dificuldade de compreender a realidade devido à diversidade de formas de valores, afetos, tradições e perspectiva. O individualismo exacerbado, insegurança pública pelas práticas violentas gera, no movimento de autodefesa, a redução das relações sociais e trocas de experiências (Rocha, 2002).

Ser adolescente atualmente significa enfrentar os desafios relativos aos laços sociais contemporâneos, cuja abrangência identificatória está atrelada ao enfraquecimento dos ideais. O adolescente experimenta os impasses constitutivos de uma sociedade cujos valores humanos estão em contradição, portanto, ao mesmo tempo em que revela, é afetado pelo sintoma social contemporâneo (Coutinho, 2005).

Percebemos o quão interessante e belo é o desenvolvimento da passagem do período infantil para a vida adulta, como se a todo o momento o jovem estivesse lutando para ser dono de si, pois de repente não sabe mais o que é seguro e o que precisa abrir mão, não sabe se quer permanecer infantil (e, de alguma forma, percebe as implicações disso) ou se adentra o mundo dos adultos de uma vez por todas (correndo o risco de se desorganizar psiquicamente). A busca por novas experiências aparece como forma de preencher-se, como se não soubesse quem realmente ele é, preencher um eu que para mim é outro e que preciso alcançá-lo para estar mais seguro.

3.2 A INTERFACE ADOLESCENTE E O USO DE DROGA:

De que maneira então a droga pode começar a fazer parte da vida do adolescente?

Uma das possíveis hipóteses está ligada ao sentimento de pertencimento no grupo que a droga oferece para o adolescente, o mesmo constitui sua identidade através das relações obtidas em grupo e por estarem em constante desamparo pela desapropriação dos valores infantis, encontram no grupo subsídios para a constituição de sua identidade. Vale notar que cada grupo apresenta suas regras e modos de existir bem definidos, seus membros conhecem as normas que podem variar desde um conjunto de estilos expressos nas roupas, calçados, como também em gírias e até uso de drogas (Oliveira, 2002).

Groisman e Kuznetzof (1984) também compartilham da mesma ideia acima, para eles, o adolescente pode afirmar-se perante o grupo através do uso de droga na tentativa de conquistar sua identidade, uma vez que é na unidade grupal que adquire segurança e estima pessoal.

Apesar da importância na constituição da identidade do adolescente, dependendo do tipo de conduta e regra que os grupos adotarem, poderá acarretar ganhos e/ou prejuízos na constituição da personalidade desse jovem, no caso da droga, há um ganho bastante importante quanto tornar-se membro do grupo, porém, sem dimensionar a extensão do impacto profundo que a droga pode deixar em sua existência.

Cabe ressaltar que nem sempre é o grupo o responsável pelas perversões dos jovens, pois se o mesmo não pôde estabelecer uma forte vinculação e identificação com suas figuras

parentais, a mesma dificuldade estará expressa nesse movimento de grupo. Portanto a escolha do tipo do grupo mostrará em que momento existencial se encontra o jovem (Oliveira, 2002).

Silber e Souza (1998) destacam que além das questões internas, o adolescente precisa lidar com as pressões externas ou campo social. Assim, a droga pode aparecer ao jovem como uma solução para lidar com os problemas gerados por uma cultura em crise, ou seja, como forma de vivenciar, de maneira segura, seus conflitos (família, escola e grupos afins).

A droga pode ser usada pelo adolescente como forma de anestesiá-lo os novos sentimentos experimentados nessa fase. Os impulsos sexuais contribuem sobremaneira para esse novo quadro de sensações e o adolescente pode ter na droga o refúgio a uma vida sem frustrações ou sensações tão antagônicas (Groisman & Kuznetzof, 1984).

A rotina diária é tida, por vezes, como desprazerosa e o adolescente encontra na droga a possibilidade de sentir novas sensações, novas vivências, novas formas de perceber o mundo, evidente que esse movimento caracteriza apenas o início do uso da droga podendo progredir para outros quadros como o da dependência. Esse prazer pelo qual o adolescente busca é sempre limitado ao corpo e impossibilita o contato com o outro, muito diferente do uso cultural no qual favorece uma experiência de transcendência coletiva (Oliveira, 2002).

Neste processo de socialização, às vezes são necessárias diversas repetições de comportamentos de uso de drogas para que o adolescente se consolide com um ser social ou se reconheça como tal, porém, há aqueles que apresentarão dificuldades para fazer este reconhecimento, com isso acabam recorrendo, não raramente, às atitudes agressivas a fim de impor sua visão de mundo (Silva & Matos, 2004).

É no contexto da impulsividade do adolescente que as ações voltadas à criminalidade ganham seu valor, pois confere a eles o reforço imediato pelo dinheiro, pelo respeito entre os demais ou qualquer outro valor agregado ao crime, inclusive o uso de droga. Essa falta de amadurecimento do sistema inibitório, muitas vezes, reflete na falta de amadurecimento para o adolescente lançar-se para o mundo dos adultos, e, por isso, estão mais vulneráveis ao uso/abuso da droga, já que são percebidas como muito mais prazerosas do que na fase adulta (Silva & Matos, 2004).

A morte tem uma função estruturante para o homem e na adolescente, em especial, permite ao jovem a percepção do valor da vida, encontrar sua liberdade e estruturar sua responsabilidade transformando-se em adulto. Este enfrentamento e encontro com o próprio limite pode se manifestar nas disputas automobilísticas, esportes radicais e toda brincadeira perigosa à integridade física do adolescente, nesse sentido a droga pode aparecer como esse enfrentamento de si mesmo, como um duelo do ego (Oliveira, 2002).

Outra característica do uso de droga é que ela confere o status de transgressão ao que está posto a ele, fazendo o contrário daquilo que está orientado a fazer, pôr as normas abaixo na tentativa de negar uma existência percebida por ele como limitada, todavia o adolescente está sempre em busca de algo que lhe faça maior e não sabe bem o que é, mas ainda não está pronto para limitar-se às regras da sociedade dos adultos (Oliveira, 2002).

A autora considera que quanto mais as drogas são reprimidas e consideradas perigosas, mais se tornam objeto de curiosidade e atrativas para adolescente e mesmo se as mesmas fossem liberadas pelo sistema governamental, a transgressão se deslocaria, pois o que está em jogo é a tentativa de contravenção da lei e a droga é apenas um meio para essa conquista.

Paiva (2002) assevera que o uso da droga pode ser influenciado por diversos motivos e, em seus estudos, organizou esses fatores em duas classes: as motivações internas e as externas, sob os aspectos sócio-culturais, econômicos e psicofísico.

No que tange as motivações “externas” temos que a droga por diversas vezes tem sido veiculada com informações contraditórias, polêmicas e, de um modo geral, aguça a curiosidade das pessoas em terem suas próprias experiências e convicções para saber o que sentem e pensam sobre o assunto. Também é verdade que alguns indivíduos têm personalidade mais curiosa do que outros, em especial na adolescência, em que o indivíduo encontra-se sedento por novas experiências, a curiosidade acaba se tornando uma das motivações para o uso de droga (Paiva, 2002).

Outra influencia pode estar relacionada à constante pressão vivida na sociedade atual para o consumo de produtos, essa é a lógica do capitalismo e reflete no modo de existir de muitos que passam a consumir coisas sem perceber a real necessidade ou mesmo as consequências dessas aquisições para si. É o caso de cigarros, cafés e bebidas alcoólicas, por exemplo, os quais são veiculados de maneira maciça, já que interessa aos seus fabricantes que sejam consumidos seus produtos pelo maior número de pessoas possíveis (Paiva, 2002).

A situação de fome, pobreza e problemas relacionados à exclusão social podem servir de motivadores para o uso de drogas, aqui o efeito que se busca é mais o de amenizar os desconfortos fisiológicos causados pela fome do que uma relação de prazer, já que a sensação de fome é escamoteada pelo efeito da droga e se torna convidativa por isso. Evidente que uma pessoa que se encontre em situação de fome, possivelmente depara-se mergulhada em outros problemas sociais como discriminação, problemas de saúde, dificuldade de saneamento, cultura e conhecimento, é esse contexto que contribui para o fácil acesso da droga, que parece minimizar as angústias dessa condição (Paiva, 2002).

Quanto às motivações “internas”, temos o estágio psicológico da adolescência marcado pelos desafios de enfrentamento do mundo adulto e os movimentos de grupo. A droga pode aparecer como instrumento de coesão entre si sem que possa se desdobrar em quadros de toxicomanias. Assim, é equívoco considerar que todo adolescente seguirá essa mesma lógica de desenvolvimento já que existem muitas outras possibilidades de descobertas e mesmo que a adolescência favoreça o encontro dos jovens às drogas, sua experimentação os leva a muitos caminhos diferentes, até mesmo à toxicomania, que, felizmente, não parece ser o mais recorrente, mesmo aumentando o número de novos usuários a cada ano (Paiva, 2002).

Tal movimento social acontece concomitantemente com o amadurecimento biológico de muita intensidade que ocorre no período da adolescência, portanto, um aspecto influenciará o outro e por isso, parece-nos prudente trabalhar sob o prisma sistêmico do fenômeno da constituição desse sujeito adolescente na sociedade.

Há que se fazer uma ressalva de extrema importância no que tange o desenvolvimento do adolescente, pois é comum que os familiares entendam que o adolescente tem a necessidade de experimentar o mundo pelas suas próprias convicções e, por isso, ao conhecer a droga, passa rapidamente de “experimentador” para “viciado”. Essa confusão gera um afastamento entre os pais e o adolescente dificultando a comunicação entre os mesmos (Oliveira, 2002).

É fato que os adolescentes irão experimentar muitas coisas na adolescência, podendo, ou não, conhecer as drogas, todavia, é nesse momento que o grau de identificação com as figuras parentais vai ajudá-lo nessa passagem sem que acarrete grandes prejuízos na vida do mesmo.

A fase da adolescência é marcada por um sistema de reforço altamente ativo enquanto que o sistema inibitório que controlam os comportamentos permanece prevalentemente inibido, com isso, quando as drogas estimulam o sistema de recompensa do adolescente, este experimenta uma intensidade muito maior do que na condição de adulto quando há mais equilíbrio entre os sistemas de recompensa e punição (Silva & Matos, 2004).

Acontece que na adolescência a prevalência sistema ativador em relação ao inibidor (regulados principalmente pela dopamina e pela serotonina, respectivamente) favorece que este sujeito se lance com mais frequências na busca por novidades, por novas experiências, muitas vezes desconhecendo seus limites. Esse descompasso é responsável também pelo comportamento impulsivo e exploratório (Silva & Matos, 2004).

É na adolescência que o jovem começa a abandonar a segurança do mundo infantil e lança-se na constituição de sua identidade ajustando seus desejos com as limitações impostas

pelo mundo externo. O prazer garantido pelo uso da droga proporciona alívio imediato para esse confronto diário. Entretanto, para aqueles indivíduos que porventura tiveram dificuldades para estruturar em si recursos para lidar com as adversidades da vida, apresentam dificuldade de assumir o mundo adulto, estão mais propensos a recorrer a esse tipo de prazer para lidarem com suas frustrações e enfrentamentos. Estes estão mais vulneráveis ao desenvolvimento de uma toxicomania ou dependência química (Paiva, 2002).

A adolescência é marcada por diversos conflitos psicossociais, necessidade de participação social, busca de autoafirmação, constituição da identidade e coincide com o amadurecimento de seu aparelho biológico. Se nesse período o adolescente tiver sido bem orientado e assistido, apresentará grandes chances, ao passar pela experiência da experimentação da droga esporadicamente, de abandonar o hábito com a própria chegada da maturidade que o mundo dos adultos o impele por volta de seus 25 anos, caracterizada pelo ingresso nas atividades laborais e assumindo papéis cada vez mais adultos na família, na profissão e qualquer outro lugar onde esteja (Silva & Matos, 2004).

É bem verdade que ainda não é possível mapear quais os adolescentes vão apresentar problemas de dependência das drogas futuramente, porém aqueles que usam a droga esporadicamente acabam ficando mais expostos ao risco de serem adultos dependentes (Silva & Matos, 2004).

Cabe salientar que os adolescentes em situação de risco ou vulnerabilidade social apresentam maior chance de experimentação e da repetição desta conduta, ou seja, o ambiente se torna bastante influenciador neste momento. Ao passar do simples hábito de uso para a dependência, o adolescente acaba reforçando a existência desse ambiente hostil que poderá ser prejudicial para as gerações seguintes.

O fato de o adolescente usar a droga de maneira abusiva, além do sentido dado a ela como válvula de escape, uso recreativo, inserção social e pela própria farmacologia da droga, também é um indício de falta de amadurecimento emocional e, possivelmente, sua fase adulta será marcada por intensa insegurança e medos diversos (Silva & Matos, 2004).

Atualmente, o modelo de sociedade exige uma qualificação cada vez maior do jovem, portanto essa mudança social acarreta no adiamento da entrada para o mundo adulto. Dessa forma cai sobre a família e/ou Estado a responsabilidade de prover a qualificação adequada para seu desenvolvimento profissional. Porém, quando o meio social é hostil, com poucos recursos financeiros e um Estado incapaz de suprimir tais faltas, temos os jovens desamparados no sentido da supressão da perspectiva de crescimento econômico. É então que

o tráfico aparece como proposta tentadora para o enriquecimento rápido e fácil, sem qualquer exigência profissional cobrada pela sociedade no seio de sua formação (Silva & Matos, 2004).

3.3 ENVOLVIMENTO DOS ADOLESCENTES COM AS DROGAS NO BRASIL

Face ao exposto, algumas estatísticas que abordaremos a seguir mostram o quanto as drogas são realidade da vida dos adolescentes, o que justifica mais uma vez a necessidade de voltar o olhar para essa população e entender melhor como acontece sua aproximação com a droga.

De acordo com o II Levantamentos Domiciliar realizado em 2005 pelo CEBRID (Centro Brasileiro de Informações Sobre Drogas Psicotrópicas), o último realizado por esta instituição em 108 cidades brasileiras com mais de 200 mil habitantes, com população estudada de 70.332.068 habitantes dos quais 47.135.928 tem idade entre 12 e 65 anos, há uma grande gama de pessoas que já entraram em contato com as drogas em vida (22,8% da população). Além disso, a maconha aparece como a primeira droga ilícita usada pela população (8,8% dos entrevistados), seguida pelos solventes (6,1%). O uso de *crack* pela população foi de 0,7% o que corresponde a 492.324 habitantes (CEBRID, 2005).

Tabela 1

Distribuição dos 7.939 entrevistados, segundo o uso na vida, no ano e no mês das drogas mais utilizadas nas 108 cidades pesquisada.

DROGAS	TIPOS DE USO %		
	Na vida	No ano	No mês
MACONHA	8,8	2,6	1,9
SOLVENTES	6,1	1,2	0,4
BENZODIAZEPÍNICOS	5,6	2,1	1,3
OREXÍGENOS	4,1	3,8	0,1
ESTIMULANTES	3,2	0,7	0,3
COCAÍNA	2,9	0,7	0,4
XAROPES (codeína)	1,9	0,4	0,2
OPIÁCEOS	1,3	0,5	0,3
ALUCINÓGENOS	1,1	0,32	0,2
ESTERÓIDES	0,9	0,2	0,1
CRACK	0,7	0,1	0,1
BARBITÚRICOS	0,7	0,2	0,1
ANTICOLINÉRGICOS	0,5	0	0
MERLA	0,2	0	0
HEROÍNA	0,1	0	0
ÁLCOOL	74,6	49,8	38,3
TABACO	44,0	19,2	18,4

Fonte: CEBRID, 2005.

Esse é o panorama brasileiro sobre o consumo de drogas e é nesse contexto que os jovens estão inseridos construindo e reconstruindo esta realidade. Quando se constata que

22,8% da população estudada já fez uso de algum tipo de droga, podemos ter uma ideia de uma projeção nacional e perceber quantos brasileiros já experimentaram alguma droga, do ponto de vista econômico, isso representa a movimentação de uma quantia monetária bastante significativa, tornando-se um mercado bastante promissor.

Toda ideologia que envolve o uso da maconha favorece com que ela seja a mais procurada de todas as outras drogas ilícitas, além disso, os efeitos e danos são considerados mais leves pelos usuários em relação às outras drogas ilícitas. Tal estatística tem corroborado com as discussões que envolvem a legalização do uso da maconha, pois tem sido usada como argumento de que a droga é consumida por um grande número de pessoas e, portanto, não justificaria os gastos no intuito de sua represália.

Apesar da baixa estatística do uso de *crack* da população estudada (0,7%), a transposição desse dado para análise em nível nacional se torna impactante, de modo que se trata de uma droga de altíssimo poder de desgaste físico além de todo risco social discutido no capítulo anterior. Então tal porcentagem já se torna alarmante.

Quanto aos adolescentes, há relatos de que já fizeram uso das mais variadas drogas existentes, assim como há facilidade de acesso às mesmas. Além disso, 7,8% dos jovens relataram já terem sido abordados por pessoas querendo vender drogas (CEBRID, 2005).

Mais uma vez vemos que essa porcentagem representa um grande número de jovens (não a maioria) que, de alguma forma, farão o enfrentamento da droga no período da adolescência, o que denota a fundamental importância destes em estar preparado para esse encontro com a droga.

O V Levantamento Nacional sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública de Ensino nas 27 Capitais Brasileiras em 2004, realizado também pelo CEBRID, com base na amostra de 48.155 estudantes, constatou que aqueles alunos que já tiveram feito uso de algum tipo de droga (exceto álcool e tabaco), apresentaram desempenho escolar inferior aos que nunca fizeram uso em vida de droga. O consumo de drogas tende a ser maior a partir dos 16 anos, mesmo assim, foi constatado um expressivo número (12,7%) de novos usuários com faixa etária entre 10 a 12 anos. Para os estudantes a ordem das drogas mais usadas foi: solventes, maconha, ansiolíticos, anfetamínicos e anti-colinérgicos. Quanto ao uso de *crack*, a pesquisa revelou que 0,7% da população estudada já fez uso de *crack* em vida.

A Tabela 2 nos mostra com mais clareza o panorama do uso de drogas por jovens estudantes:

Tabela 2

Uso de drogas psicotrópicas por 48.155 estudantes do ensino fundamental do ensino médio das redes municipal e estadual do Brasil.

Drogas	Tipos de uso % [†]				
	<i>Na vida</i>	<i>No ano</i>	<i>No mês</i>	<i>Frequente</i>	<i>Uso pesado</i>
Maconha	5,9	4,6	3,2	0,7	0,5
Cocalina	2,0	1,7	1,3	0,2	0,1
Crack	0,7	0,7	0,5	0,1	0,1
Anfetamínicos	3,7	3,2	1,9	0,5	0,3
Solventes	15,5	14,1	9,8	1,5	0,9
Ansiolíticos	4,1	3,8	2,5	0,4	0,3
Anticolinérgicos	1,2	0,7	0,5	0,1	0,1
Barbitúricos	0,8	0,7	0,5	0,1	0,1
Opiáceos	0,3	- [‡]	-	-	-
Xaropes	0,4	-	-	-	-
Alucinógenos	0,6	-	-	-	-
Orexígenos	0,7	-	-	-	-
Energéticos	12,0	-	-	-	-
Esteróides/Anabolizantes	1,0	-	-	-	-
Total tipos de uso*	22,6	19,6	14,8	3,0	2,0
Tabaco	24,9	15,7	9,9	3,8	2,7
Alcool	65,2	63,3	44,3	11,7	6,7

[†] As porcentagens representam os dados expandidos (vide Metodologia).

[‡] O traço (-) indica dados não colhidos.

* Tipos de uso exclui tabaco e álcool. Vide definição de tipos de uso em Metodologia.

Fonte: CEBRID, 2004.

O expressivo número de novos usuários na faixa etária entre os 10 a 12 anos abre campo para diversas discussões sobre o tema, desse modo podemos ter claro qual o período que se deve começar a falar de droga com os jovens e, pelas estatísticas, com linguagem adequada, o estudo aponta para abordar a temática antes mesmo de sua adolescência (CEBRID, 2004).

A busca pelos solventes como droga de preferência dos jovens estudantes se dá pela disponibilidade da mesma e a facilidade de transporte e uso; não há emissão de fumaça e não deixa vestígios de uso.

Quanto ao uso *crack*, as estatísticas indicaram que 0,7% da população fizeram seu uso, correspondendo a 99 estudantes. Cabe salientar, diante do perfil do usuário de *crack*, que dificilmente este se encontraria em situação de estudante, portanto esta margem de usuários está restrita apenas para o contexto escolar, todavia, quando passamos analisar o âmbito social, o número de usuários se torna ainda maior (CEBRID, 2004).

Outro dado interessante revela que o bom relacionamento com os pais aparece como um fator de proteção ao não uso pesado de drogas, exceto álcool e tabaco, assim como o fator religião, pois aqueles que apresentaram algum tipo de crença espiritual estiveram menos propenso ao uso pesado de drogas (CEBRID, 2004).

Tabela 3
Comparação em porcentagem de características familiares entre não-usuários e os que fizeram uso pesado de droga, exceto tabaco e álcool.

Características	Não-usuário (%)	Uso pesado* (%)	
Como é o seu relacionamento com seu PAI?	Não tenho PAI	10,6	12,7
	Bom	66,8	48,5*
	Regular	10,4	17,4*
	Ruim	2,2	7,3*
	Não tenho contato	7,2	9,3
	Não informado	2,8	4,9
Total	100,0	100,0	
Como é o seu relacionamento com sua MÃE?	Não tenho MÃE	3,9	5,0
	Bom	86,2	72,8*
	Regular	5,6	14,3*
	Ruim	0,9	2,5*
	Não tenho contato	1,3	2,3*
	Não informado	2,2	3,1
Total	100,0	100,0	
Como é o relacionamento entre seus pais?	Bom	62,4	46,6*
	Regular	10,9	15,7*
	Ruim	2,3	5,3*
	Não tenho contato	20,7	25,8*
	Não informado	3,8	6,6
Total	100,0	100,0	
Como você acha que seu pai é?	Autoritário (mandão)	27,4	28,8
	Moderado	44,5	34,2*
	Liberal (boa praça)	21,0	26,5
	Não informado	7,2	10,4
Total	100,0	100,0	
Como você acha que sua mãe é?	Autoritária (mandona)	22,4	24,0
	Moderada	49,5	40,4*
	Liberal (boa praça)	23,8	28,6*
	Não informado	4,3	7,0
Total	100,0	100,0	

• Para definição de *uso pesado*, vide Metodologia.

* Diferença estatisticamente significativa entre estudantes não-usuários e estudantes que fizeram *uso pesado* de drogas (Teste do χ^2 , $p < 0,01$).

Fonte: CEBRID, 2004.

Diante das Tabelas 3 e 4, podemos perceber que, nestes casos, a prática de esporte não pareceu influenciar como fator de proteção, pois mesmo entre os alunos usuários a prática esportiva foi atividade recorrente, talvez pela própria condição do desenvolvimento da adolescência nos quais podem sentir-se bastante realizados após uma exaustiva atividade física.

Tabela 4
Comparação em porcentagem entre não-usuários e os que fizeram uso pesado de droga de acordo com religião, esporte e trabalho.

Características		Não-usuário (%)	Uso pesado* (%)
Você segue alguma religião?	Não	30,1	39,9*
	Sim	67,1	55,9*
	Não informado	2,8	4,3
	Total	100,0	100,0
Você pratica esporte?	Não	34,4	28,3*
	Sim	63,5	68,2
	Não informado	2,2	3,5
	Total	100,0	100,0
Você trabalha?	Não	81,5	64,6*
	Sim, com carteira assinada	4,3	9,8
	Sim, sem carteira assinada	12,0	22,1*
	Não informado	2,2	3,5
	Total	100,0	100,0

• Para definição de *uso pesado*, vide Metodologia.

* Diferença estatisticamente significativa entre estudantes não-usuários e estudantes que fizeram *uso pesado* de drogas (Teste do χ^2 , $p < 0,01$).

Fonte: CEBRID, 2004.

Os índices de adolescentes que já fazem uso pesado da droga e que estão trabalhando com ou sem registro se mostraram superiores em relação aos estudantes que não fazem uso de droga, indicando que a entrada no mundo do trabalho nessa idade está relacionada à sua realidade social e também, mas menos importante, à necessidade de dinheiro para o consumo da droga, já que as práticas ilícitas são mais frequentes em adolescentes usuários.

3.4 FATORES DE RISCO E PROTEÇÃO AO CONSUMO DE DROGAS

Os parágrafos a seguir se dedicarão a comentar sobre o aparecimento da droga nos contextos da sociedade, escola e família, bem como diretrizes que fazem parte do manejo desse tipo de acontecimento.

Apesar de algumas diferenças nos motivos que levam os adolescentes ou determinada classe social ao uso de drogas, há alguns pontos em comum que nos permitem perceber que tanto o adolescente como o adulto usam as drogas porque, de alguma forma, a sociedade não está atendendo suas necessidades humanas. O adulto porque não consegue mais manter-se como parte integrante desta, e o adolescente porque não aceita, rejeita as incoerências que se expressam nos valores ideológicos do coletivo (Costa & Gonçalves, 2002).

De acordo com as autoras (2002, p. 49):

Numa sociedade na qual há escassez de modelos de identificação, não há condições de resposta a uma demanda de sistemas referenciais mais coesos e é natural que emerja um profundo sentimento de carência, principalmente naquela camada da

população na qual os valores estão ainda em gestão. A consequência é a cristalização de um sentimento individual e coletivo de angústia e insegurança, surgindo a droga como um caminho atraente, visto que é facilitadora de uma alienação procurada e desejada.

É diante dessa realidade que se torna um projeto falido a intenção de se abordar o assunto do uso/abuso nas escolas pela perspectiva da informação sobre o uso e consequências da droga em si, mesmo que fosse inserida regularmente como conteúdo programático das escolas, pois não é o produto droga em si o único problema em questão. Torna-se inviável um programa de prevenção se não for abordada o ponto fundamental da motivação, das atitudes e hábitos que levam o indivíduo ao risco (Costa & Gonçalves, 2002).

É preciso que a droga seja entendida num contexto mais amplo buscando sempre a responsabilização do indivíduo, o trabalho com temas como “solidão e o isolamento urbano, o nosso modo de vida competitivo e imediatista”, enfim temas que discutem o funcionamento da sociedade como um todo a fim de compreender que sociedade habitamos (Costa & Gonçalves, 2002, p. 50).

As ações de prevenção sobre uso de drogas dentro do contexto escolar podem ser feitas pelo próprio professor, cabendo à direção promover os recursos necessários para que este esteja preparado, sem que seja necessário algum profissional de comunidade externa à escola para trabalhar o assunto diretamente com os alunos. Acredita-se que dessa maneira o professor conheceria o cotidiano de tal maneira que conseguiria oferecer informações no momento oportuno ao aluno (Costa & Gonçalves, 2002).

Quanto à família, as autoras consideram prudente que se evite as dramatizações excessivas, visto que a descoberta do uso de droga na família denuncia, de alguma forma, as incongruências na família quanto a falha na comunicação entre pais e filhos ou mesmo a presença de um conflito latente. Pode ainda acontecer que pela falta de informação a família seja tomada por uma angústia de tamanha complexidade que pode dificultar a interrupção do uso.

Interessante notar que quase sempre o adolescente toxicômano está em conflitos intensos com sua família. Isso porque critica e se opõe aos valores familiares sem, contudo romper os vínculos afetivos com ela. Nesses casos o adolescente poderá levar esse mecanismo de dependência para vida adulta e, geralmente, apresentam-se mais imaturos, com dificuldades de decisões e atitudes de autonomia (Costa & Gonçalves, 2002).

4 O USO/ABUSO DE DROGAS NA PERSPECTIVA EXISTENCIALISTA

4.1 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DO EXISTENCIALISMO

O existencialismo possibilitou um ponto de vista relevante sobre a vida do homem, abrangendo as mais diversas áreas do conhecimento humano como a filosofia, política, história, psicologia entre tantas outras que mudaram e foram mudadas no curso da história.

Neste capítulo, inicialmente apresentaremos um panorama histórico geral do existencialismo enquanto corrente filosófica bastante popularizada na Europa do século XIX que se expandiu tornando-se bastante conhecida no mundo todo, posteriormente, será exposta as principais ideias dos autores de maior expressão do movimento. Foram priorizados, em especial, os conceitos apresentados pelo filósofo francês Jean-Paul Sartre, por ser o autor de maior afinidade com os objetivos desse trabalho, no que diz respeito às contribuições do existencialismo para o entendimento do fenômeno do uso/abuso.

De acordo com Angerami (2007), os principais pensadores existencialistas são Soren Kierkegaard (1813-1855), Friederich Nietzsche (1844-1900), Martin Heidegger (1889-1976) e Jean-Paul Sartre (1905-1980). Outros nomes menos conhecidos também contribuíram para a filosofia existencial como Gabriel Marcel (1889-1973), Karl Jaspers (1883-1969), Martin Buber (1879-1965), Simone de Beauvoir (1908-1986), Alberto Camus (1913-1960) e os fenomenólogos Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) e Edmund Husserl (1859-1938).

Por se tratar de um movimento filosófico, não existe um marco histórico que determine o surgimento exato do Existencialismo, é possível identificar diversos autores que se afinizaram com as ideias existencialistas em diversos países ao longo do século XIX. Sartre na França, Heidegger e Nietzsche na Alemanha e Kierkegaard na Dinamarca são exemplos disso.

Os temas existenciais sempre fizeram e fazem parte do cotidiano, uma vez que o homem está sempre questionando seu existir, é um ente sempre inacabado havendo a necessidade constante de se compreender. Nesse sentido, Erthal (2010) identifica que é possível reconhecer o quanto é recorrente o uso de expressões relacionadas com os temas existenciais, que aparecem nas trivialidades dos diálogos contemporâneos, como por exemplo: “crise existencial”, “ansiedade existencial” e “medo de não-ser”. São tentativas do senso comum de tecer comentários e opiniões sobre sua própria existência garantindo certo grau de controle de si através do conhecimento da vida.

Angerami (2007) esclarece que apesar de Kierkegaard ser considerado um dos grandes precursores do Existencialismo, é possível encontrar fragmentos do pensamento

existencial muito antes na história da humanidade, como na célebre frase de Sócrates (470 a.C. - 399 a.C.) "Conhece-te a ti mesmo" propondo ao homem o domínio do seu próprio destino, ou quando Pascal (1623-1662) criticava a lógica cartesiana valorizando a vida, a morte e o homem, ou mesmo o incômodo que São Francisco de Assis (1182-1226) causava frente ao luxo e poder da Igreja.

Após a Segunda Guerra Mundial, Martin Heidegger publicou as primeiras obras do que vieram a ser o existencialismo alemão. No mesmo período, Jean-Paul Sartre deu uma nova vertente à compreensão da existência que, ao lado de Heidegger, tornaram-se os principais expoentes do movimento influenciados pela filosofia fenomenológica de Husserl (Angerami, 2007).

O que o existencialismo propunha? Jolivet (1975, p. 21) apresenta uma definição bastante razoável sobre o existencialismo, a saber:

O conjunto de doutrinas segundo as quais a filosofia tem como objetivo a análise e a descrição da existência concreta, considerada como ato e como uma liberdade que se constitui afirmando-se e que tem unicamente como gênese ou fundamento esta afirmação sobre si.

A característica comum dos pensadores existencialistas é o interesse pelo entendimento da própria existência, não se prendendo aos conceitos de cunho explicativo, mas sim compreensivos, a diferença entre os autores existencialistas é que o fazem tal compreensão a partir de pressupostos diferentes (Angerami, 2007).

Erthal (2010) concorda que o ponto de congruência entre os autores é a preocupação de compreender a existência e, de certa forma, este modo de percepção da vida influenciou a psicologia em oposição à psicologia ortodoxa, se aproximando da orientação humanista e recebendo o título de teoria existencial-humanista, é dessa maneira que a Doutrina Existencial não se torna única, pois os filósofos existenciais imprimem sua percepção e dão à ela sentido sem se afastar dos princípios existenciais.

Ewald (2008) também concorda que diversos autores usam termos existenciais diferentes como se fossem vertentes dentro do mesmo modo de filosofia. Por exemplo, o termo alemão "*existential*"; "*existence*", em francês, e "filosofia da existência", remetem todos ao mesmo conceito de existência, essas e outras variações dão uma razoável multiplicidade de possibilidades de uma filosofia existencialista.

Para Abbagnano (1984) os autores existencialistas têm em comum o interesse mútuo de compreender a relação homem-mundo. Para tanto, a análise da existência não se restringe apenas às interpretações sobre como o homem interage com o mundo em sua *práxis*, mas

também e, ao mesmo tempo, sobre os diferentes modos como o mundo se desdobra para o homem influenciando suas possibilidades de existência, tal qual pressupõe a relação dialética.

Nas palavras de Angerami: "... para alguns autores, o Existencialismo seria menos uma doutrina, no sentido estrito do termo, do que um filosofar, uma maneira de o homem expor a si mesmo, reconhecendo-se automaticamente nesse ato." (2007, p. 08). Percebe-se a preocupação teórica dos autores existencialistas em desenvolver uma compreensão ontológica ou uma antropologia existencialista que fosse além de meras interpretações de causa e efeito, oferecendo uma compreensão do modo como o homem existe no mundo.

4.1.1 O Existencialismo e seus expoentes

De acordo com Ewald (2008) o que mobiliza os existencialistas é o estranhamento da percepção de que o homem existe. Diante desta inquietude Sören A. Kierkegaard, pastor dinamarquês, se ergueu fazendo críticas ao pensamento vigente da época que era a filosofia hegeliana. Oponha-se ao predomínio da Razão como verdade absoluta encerrada em si mesma nos conceitos racionais vinculando a vida às Ideias. Para ele, o existir somente ganhava sentido na presença divina, não sendo possível tal apreensão pela reflexão.

De acordo com Erthal (2010), a doutrina kierkegaardiana ofereceu as bases para uma filosofia existencial, todavia, ainda não estava claro o caminho epistemológico que justificasse as compreensões sobre o modo de existir do homem, então, outros filósofos existencialistas buscaram em Husserl (na fenomenologia) o complemento para a compreensão existencial.

Para Ewald (2008) Martin Heidegger foi um dos filósofos mais importantes que explorou com maior profundidade a relação fenomenologia e existencialismo através de sua obra "Ser e Tempo" e sua preocupação fundamental era a *questão do Ser (Dasein)*. Heidegger, assim como Sartre, estudou na presença do próprio Husserl por alguns anos e suas obras estão repletas de influências do pensamento fenomenológico.

Heidegger esclarece que o ente é o único ser que possui uma compreensão de ser e é capaz de questionar o próprio ser. O ente é o homem, que Heidegger denominou de *Dasein* (palavra alemã que significa "Ser-aí"). *Dasein* é o homem que existe em relação com o mundo, esse modo de existir Heidegger chamou de ser-no-mundo que complementa a ideia do *Dasein*. Para a análise do *Dasein*, Heidegger propõe a analítica existencial, cujo objetivo seria identificar as estruturais relacionais deste *Dasein* identificando seus existenciais. O método para isso foi criado através da fenomenologia e da hermenêutica (Werle, 2003).

O ser-no-mundo, portanto, não está simplesmente delimitado por um tempo ou

espaço físico, trata-se de um conceito ontológico da estrutura do Ser-aí, remonta à impossibilidade de separação entre homem e mundo, pois ambos estão em relação na condição de vivência no mundo. Podemos dizer que o *Dasein* é um ser-no-mundo imerso em sua existência (Werle, 2003).

Nesta perspectiva, a analítica existencial parte da compreensão do ser que é sempre do *Dasein*, que lhe é particular, portanto não explica o que é a existência humana com o olhar externo a ela. Parte do pressuposto da existência de um Ser-aí e da compreensão própria do ser de sua existência (Werle, 2003).

Outro filósofo que contribuiu sobremaneira com o existencialismo foi o francês Jean-Paul Sartre (1905-1980). Estudou pelo menos um ano a fenomenologia com Husserl, esteve em contato com a filosofia de Heidegger, Jaspers e Kierkegaard e elaborou sua própria teoria existencialista. Assim, o existencialismo sartreano pode ser entendido, a grosso modo, como um diálogo entre as teorias do materialismo histórico dialético de Marx, a fenomenologia de Husserl e o existencialismo de Heidegger. (Erthal, 2010)

Sartre usou para a compreensão do homem o método fenomenológico de Husserl, porém fez uma ressalva quanto à *epoché*, que privilegiava a suspensão de todas as ideias prévias sobre a existência no mundo independentemente da consciência. Para Sartre, a consciência deveria ser analisada no mundo, já que o Para-si (consciência) não existe sem mundo (Erthal, 2010).

O conceito de intencionalidade é o grande diferencial da teoria existencialista sartreana, sendo assim, a consciência é sempre consciência-de-algo, rejeita-se tudo o que está fora da consciência, portanto ela se torna nada, já que é uma intuição daquilo que ela não é. Se para Heidegger o ser surge do nada, Sartre tem o nada como fundo do próprio ser (Erthal, 2010).

Para Sartre o ponto de partida não era a existência ou a realidade humana (*Dasein*) como Heidegger propunha, mas sim a própria intencionalidade que movia o homem, esta noção aponta para uma aproximação com as ideias da fenomenologia sobre o sentido do fenômeno existir.

Diante de inúmeras críticas feitas ao existencialismo, Sartre decidiu participar de uma conferência em Paris, no dia 29 de outubro de 1945 a pedido do Club Maintenant, cujo objetivo era “animação literária e intelectual”, para esclarecer alguns pontos fundamentais sobre sua teoria. Essa conferência foi publicada no ano seguinte cujo nome foi “O existencialismo é um humanismo”.

Neste livro, Sartre explica que existem dois tipos de existencialistas e isso tem sido

palco de múltiplas divergências críticas à respeito desta teoria. Para o autor, existe os existencialistas cristãos como Jaspers, Gabriel Marcel e os existencialistas ateus como Heidegger e os filósofos franceses. Todavia, o que eles têm em comum é o entendimento de que a existência precede a essência e, portanto o ponto de partida é a subjetividade (Sartre, 1946/2012).

Se concebermos uma criação prévia do homem como os cristãos o concebem, segundo Sartre, teríamos um engodo teórico, uma vez que, para o autor, “O homem é, não apenas como é concebido, mas como ele se quer, e como se concebe a partir da existência, como se quer a partir desse elã de existir, o homem nada é além do que ele se faz.” (Sartre, 1946/2012, p. 24).

O homem é um projeto que se vive enquanto sujeito, será aquilo que projetar ser e não aquilo que querer ser, aqui retoma-se o conceito de intencionalidade da consciência, pois o querer é uma decisão consciente, para a maioria das pessoas, porém é posterior ao que fizemos de nós mesmos. (Sartre, 1946/2012)

Inúmeras foram as contribuições de Sartre para a compreensão do homem, conseqüentemente para o existencialismo, a seguir, discutiremos os principais conceitos existenciais que resumem sua obra.

4.1.2. A existência precede a essência

Esta máxima bastante conhecida de Sartre: “a existência precede a essência” (Sartre, 1946/2012, p. 23) contém em seu bojo uma proposta de análise do humano que está livre de determinismos, já que nos diz que o homem é aquilo que faz de sua existência. Este conceito se mostra bastante suficiente para romper com qualquer preceito naturalista sobre o ser humano, pois não havendo nada que o define *a priori*, o homem se torna aquilo que escolhe ser.

Erthal (2010) contribui dizendo que esse pressuposto, amplamente trabalhado por Sartre, carrega a grande marca do existencialismo, esta clássica afirmação apresenta o valor da escolha para que através dela o homem possa ser e somente existindo ele poderá ser. Dessa forma, o homem torna-se o artífice do seu próprio destino e, portanto, é garantida sua liberdade diante de qualquer natureza determinista.

Sobre isso, Giles (1989) reflete que o homem é antes de tudo um projeto que se vive subjetivamente, sendo assim não existe nada anterior a esse projeto, ou seja, não há nada além daquilo que o homem projeta ser. Essa ideia remete à responsabilidade humana, em que o mesmo é responsável por aquilo que é, além disso, quando o homem escolhe, escolhe a si

próprio, porém por estar em relação com outros homens, ao escolher para si, escolhe também os outros homens.

Monteiro (2010) também acrescenta dizendo que, uma vez o homem lançado no mundo, ou seja, existindo, não apresentaria uma essência pré-definida, ele se constitui a partir do nada e se faz à medida que se desenvolve no mundo.

Nas palavras de Sartre (1946/2012, p.25): “o homem primeiramente existe, se descobre, surge no mundo; e só depois se define. [...] O homem não é mais do que o que ele faz”. Para Sartre não há uma natureza humana que define o homem, e sim uma condição humana que compreende num conjunto de limites reflexos da sua situação fundamental de estar no mundo.

Sponchiado (1989), afirma que Sartre entende o homem como um ser-no-mundo, ou seja, sua existência será marcada pela relação que este estabelece com o meio através do corpo e da consciência. É por meio dessa relação que o homem cria e recria sua personalidade enquanto possibilidades de ser, de “essencializar-se”.

Para clarificar um pouco mais o conceito existencial de existir antes mesmo de ser, recorreremos à Pretto, Langaro e Santos (2009), pois consideram que quando criança, não há qualquer determinação, natureza ou condição biológica capaz de definir o modo pelo qual este sujeito se constituirá. Entretanto, ao nascer, esta criança estará lançada num meio de relações os quais estão repletos de expectativas, sentimentos e emoções estabelecidas pelos genitores ou pessoas próximas antes mesmo de o bebê nascer. Dessa maneira, o início do processo de subjetivação/objetivação da criança será marcado também pela forma como as pessoas se relacionam com esta criança desde seu surgimento no mundo.

Schneider (2002), sobre a constituição do sujeito, esclarece que inicialmente a criança não se diferencia das coisas e dos outros e essa relação constitui para ela sua identidade. Sua subjetividade se faz à medida que se depara com seus sentimentos e pensamentos frente ao espaço e tempo que a cerca, se apropriando disso e se constituindo enquanto ser social.

Pelo fato da criança se encontrar indiferenciada dos objetos/pessoas do mundo, o processo de subjetivação acontece, inicialmente, de maneira alienada, sem que possa ter ainda uma consciência crítica do eu. Diante disso a criança existe no mundo através de um projeto existencial futuro que lhe é passado pelos outros (pais, cuidadores e a sociedade como um todo) e vão definir suas escolhas e vivências que irão ser apropriadas no processo de subjetivação e constituir sua identidade, dessa forma a criança será aquilo que ela fez daquilo que fizeram com ela e com seu futuro. (Schneider, 2002)

Pretto e Langaro (2012) afirmam que há famílias que proporcionam à criança uma esfera de grandes contradições e distorções afetivas que podem influenciar ou dificultar a maneira pela qual a criança se torna um ser responsável pelas suas escolhas e, por isso, dona de seu destino.

Segundo as autoras (2012, p.1030):

Ocorre que, muitas vezes, os sujeitos que constituem essa família estão impossibilitados de oferecer mediações que proporcionem a essa criança uma constituição como um ser capaz de enfrentar as adversidades do meio e de fazer escolhas reflexivas críticas diante de uma realidade que, impreterivelmente, lhe apresenta diferentes possibilidades, impondo a necessidade da escolha e, portanto, da ação.

Diante do problema das poucas condições para a criança superar as adversidades da vida, Schneider (2002), afirma que a criança poderá desenvolver complicações psicológicas, uma espécie de “contradição de ser”, na qual apresenta dificuldades de assumir as consequências das escolhas que projeta para si. Essa incapacidade de assumir o compromisso com a própria vida é geradora de inúmeras dificuldades psicológicas e, possivelmente estarão expressas nas suas relações com o mundo.

Portanto, é na relação dialética entre subjetividade e objetividade que ocorre a personalização do homem. Significa dizer que a subjetivação da objetividade e a objetivação da subjetividade vão constituir o meio pelo qual o homem interioriza e exterioriza o mundo de relações que apreende (Pretto, et al., 2009).

4.1.3. Consciência

Vimos até agora que o sujeito é aquilo que faz de si segundo suas escolhas, todavia, tais escolhas podem ser mais ou menos críticas e assertivas a partir de uma consciência posicional do eu, quando o próprio sujeito torna-se objeto de reflexão.

É na obra “O Ser e o Nada” que Sartre mais se aprofunda para compreender a consciência humana. A tradição husserliana de investigação ontológica do fenômeno permeia toda a narrativa do escrito, com isso o autor apresenta a concepção da consciência como intencional, ou seja, é sempre consciência de alguma coisa, ela sempre tem um foco que reflete sua realidade e seu conteúdo são os objetos que estão no mundo (Sartre, 1987).

A consciência revela o mundo para o ser, não podendo ser objeto de sua própria consciência como dizia Descartes, assim a consciência não pode ser entendida como uma estrutura existente no ser, a consciência é por si mesma e somente é para seu ser. Para Sartre existem dois tipos de seres, a saber, a consciência e objetos de consciência, a primeira sempre

se revela para o ser, ou seja é um “Para-Si”, já o segundo tem sua existência “Em-Si” mesmos (Sartre, 1987).

O autor deseja com isso demonstrar que a condição humana está ligada ao fazer-se, é diferente a forma como o eu existe e como os objetos existem. Em outras palavras, os objetos do mundo são o que são e continuarão sendo objetos “Em-Si”, contudo, o “aparecer” desses objetos só é possível mediante uma consciência que está posicionada neles, portanto, a consciência não é propriamente algo, é somente o nada (Sartre, 1987).

Monteiro (2010) acrescenta que a consciência é uma relação, um movimento entre os objetos do mundo e o eu do homem, não poderia ser um recipiente com a capacidade de armazenamento de informações como previa as tradições cartesianas. A consciência não tem a própria existência, ela só existe na presença de uma intencionalidade que revela um sentido, somente ela tem a capacidade de transcender aos objetos, ou seja, de movimentar-se, é exatamente essa relação que garante a existência do homem como Para-si.

Na percepção dos objetos a consciência os toma em toda sua concretude como ele se dá e está inserido num determinado contexto, é através dessa relação com o objeto para a consciência que o mesmo se destaca do fundo como se fosse forma, tal como apresenta a Psicologia da Gestalt sobre figura-fundo (Schneider & Antunes, 2010).

As autoras explicam que Sartre considerava a existência de dois tipos de consciência. A *consciência irrefletida* (de primeiro grau) não posiciona o Eu, não a toma para si mesma, já a consciência de segundo grau é sempre uma *consciência refletida*, o Eu é quem define e se posiciona sobre ela mesma e os objetos do mundo.

A consciência de primeiro grau será objeto para uma consciência de segundo grau, é dessa forma que ao imaginar ou refletir não criticamente sobre um objeto o eu encontra-se submerso no objeto sem que haja a presença do Eu, é uma experiência imediata e espontânea e somente através do posicionamento do Eu é que se pode alcançar o segundo grau de consciência que é refletida e crítica (Schneider & Antunes, 2010).

A responsabilidade do homem é ontológica diante de tudo o que faz no mundo, ela surge no ato da escolha ou não-escolha (má-fé), pois se tratando de um ser social, o homem no seu exercício de se escolher, escolhe também para o outro, essa responsabilidade aparece no exercício da liberdade humana (Sartre, 1987).

Somos inteiramente responsáveis não apenas por nossos atos, mas também pela significação do mundo ao qual atribuímos valores. Pressente-se daí a enorme responsabilidade que pesa sobre os nossos ombros. Cada uma das escolhas que faço fixo um valor e minha responsabilidade é incomensurável perante o outro.

Perdigão (1995) afirma que frequentemente mentimos para nós mesmos para termos a sensação de que não somos responsáveis pelo que somos ou pelos nossos atos. Não queremos ver que somos covardes, por exemplo, já que somos responsáveis pelos atos que nos fazem covardes, da mesma maneira como os heróis se fazem heróis. Assim, é bastante comum encontrar aqueles que se conformam com aquilo que não puderam ser ou fazer, argumentando que a vida não lhes permitiu espaço para ação e conspiraram contra seus sucessos.

4.1.4. O Eu e os Outros

Enquanto ser-no-mundo o homem está rodeado de diversos objetos com qualidades características, consistências entre outras propriedades que lhes são próprias, cabendo à consciência atribuir-lhes valores e significados para o ser. Além dos objetos do mundo o homem também convive em relação com outras consciências, é neste momento que o ser compreende que não é único, mas é justamente por estar frente a frente à outra consciência que percebe existir “um outro que não sou eu e, por isso, diferente de mim”. Cada consciência procurará objetivar a outra (Sartre, 1987).

Para explicar melhor a presença do Outro, Sartre utilizou o exemplo clássico sobre o homem que olhava por trás da fechadura. Imaginemos que estamos sozinhos espiando o outro lado da porta, neste momento, minha consciência percebe apenas o buraco e a cena atrás da porta, é como se eu fosse toda subjetividade (autenticidade). De repente ouço ruídos de passos no corredor próximos a mim que me levam à sensação de que “estou sendo visto”. O que acontece então? É como se a presença do Outro me lançasse para fora de minha subjetividade e passo a me perceber a partir da visão que o Outro tem de mim, assim, já não me limito mais a ver uma cena pela fechadura, mas como que vejo também um homem (eu mesmo) espiando uma cena através de um buraco da fechadura. Quer dizer que a subjetividade que eu era deu lugar a objetividade que o Outro me impõe pela própria condição de estar ali naquele momento.

É nesse sentido que dependo do Outro para construir a verdade sobre mim mesmo, é ele quem me garante o conhecimento que tenho de mim e assim me objetivo no mundo concreto. Sem o Outro estaria eu impedido de me conhecer como jamais imaginava, ele denuncia o Eu que sou que não sei que Sou. É exatamente na presença deste Outro que me percebo covarde, corajoso, justo, gordo, bonito, etc, pois ele é o intermediário que me remete a mim mesmo (Perdigão, 1995)

Dessa forma o Outro limita os meus possíveis, transforma minha liberdade no limite imposto pela sua presença. O outro é indispensável ao conhecimento que tenho de “mim

mesmo” como Ser que existe objetivamente no mundo real. O outro me dá o retorno de como eu sou na relação com ele (Perdigão, 1995).

Minha liberdade é ameaçada pela liberdade alheia, assim, não posso forçar o Outro a pensar de mim o que quero: “se o olhar do Outro me censura, torno-me objeto de reprovação; se me admiram, torno-me objeto de admiração. Também não podemos fazer o outro agir como desejamos” (Perdigão, 1995, p. 146).

A célebre frase de Sartre: “O inferno são os Outros” sintetiza a questão humana de ser-no-mundo que se limita diante da liberdade do Outro. Ao mesmo tempo em que essa relação me garante quem eu sou, me objetiva e me devolve a mim mesmo, ela me limita, pois o olhar do Outro interpreta e me define como tal, portanto não há saídas para o homem, não há como livrar-se desse olhar, porque necessito me reconhecer, ao mesmo tempo me limito enquanto possibilidades de ser.

Sem a presença do Outro posso Ser o que eu conceber na minha fantasia, posso supor que sou forte, que estou qualificado, que tenho essas ou aquelas habilidades, potencialidades e virtudes, todavia, é na relação com outra consciência que eu confirmo ou não a impressão que tenho de mim.

4.1.5. Liberdade e Angústia

A liberdade é uma das condições ontológicas da existência humana, não há como existir no mundo sem ser livre. É possível que através daquilo que Sartre conceitua como Má-Fé o homem tente dissimular ou ignorar esta condição, todavia o autor afirma que o homem está condenado a ser livre, condenado porque existe no mundo enquanto um ser pensante e toma para si seu próprio destino (Sartre, 1987).

É precisamente pela liberdade de existir que a angústia se faz presente diante das inúmeras possibilidades de ser. Se a existência do homem tivesse sido predestinada, o mesmo estaria livre da incumbência de ter que se fazer através de suas escolhas, todavia, não existem garantias sobre o futuro do homem, ele será o que fizer a partir das escolhas presentes, portanto a angústia é condição frente a incerteza e compromisso de ser (Sartre, 1987).

A vida é permanente escolha, e, com cada uma de nossas escolhas, escolhemos o que somos, definimos a nós mesmos, por nós mesmos. A cada instante temos que optar um valor, uma regra de conduta. O que nos angustia é saber que não temos certezas a recorrer para orientar as nossas escolhas.

Quando escolho uma coisa, também escolho negar todas as outras, escolher significa optar por uma possibilidade, ao mesmo tempo em que se nega todas as outras. É dessa

maneira que o homem segue o princípio do não-ser, do nada, o futuro está por fazer e o homem será o que construir para si (Sartre, 1987).

Ser livre é fazer escolhas concretas e não fazer tudo aquilo que penso em fazer, até mesmo a abstenção e a inatividade são modalidades de escolha. Não há liberdade sem escolhas, sempre tenho uma escolha, mesmo que eu não goste das consequências dela, é da condição humana poder escolher. Nesse sentido, vale ressaltar que escolher não significa obtenção, mas sim a condição de optar a partir dos possíveis, ou seja, daquilo que minha consciência capta enquanto possibilidades de Ser.

Além disso, toda liberdade é liberdade situada dentro de um campo de facticidade (mundo). Sendo assim, minhas escolhas esbarram no limite temporal e espacial que me encontro no mundo, é mediante esta condição ontológica que o homem se angustia por saber que não poderá ser tudo o que quiser ser, mas precisamente o que puder ser dentro daquilo que sua condição factual permita.

O surgimento do existencialismo conferiu uma nova interpretação para a teoria liberal vigente. Quando Sartre propôs a “livre escolha” demonstrou também que os homens podem mudar o rumo de suas ações e isso é resultado de sua liberdade de existir e que irão constituir seu projeto de ser. Tal afirmação serviu como mote de diversos movimentos esquerdistas, principalmente nos anos 1960 e 1970, para lutarem contra a opressão burguesa, pois acreditavam na possibilidade de mudança da humanidade, uma vez que era essa a condição de existir que favorecia o homem (Sartre, 1987).

Portanto, a Liberdade será diferente de Vontade, enquanto a primeira é uma condição ontológica, a segunda está ligada ao desejo de estado, apesar dessa divergência não é raro tomar-se uma pela outra erroneamente.

4.2 O FENÔMENO DO USO/ABUSO DE DROGAS NUMA COMPREENSÃO EXISTENCIALISTA

Apesar das reduzidas referências bibliográficas a respeito do uso/abuso de drogas na perspectiva do existencialismo sartreano, buscaremos apresentar algumas considerações a respeito desse tema, uma vez que a própria discussão do trabalho como um todo será a maior contribuição para esta temática.

O ser humano, pela própria condição do vir-a-ser e de estar-no-mundo, apresenta uma leitura do mundo e dos fatos de acordo com sua intenção de Ser, nesse sentido, o uso de droga oferece uma vivência absolutamente diferenciada daquela experimentada cotidianamente, isso porque altera drasticamente o senso perceptivo através da química que

age no organismo humano. Ao mesmo tempo, essas reações ganham uma representatividade para o Ser que configuram uma dimensão absolutamente diferente de vivências capaz de influenciar a maneira pela qual o sujeito interage e concebe o mundo (Vianna & Sipahi, 2001).

Tal transformação na forma como se sente e capta o mundo, lança o homem a perceber possibilidades de existir por ele desconhecidas, com isso, passa a valorizar a droga como caminho para alcançar este estado mais agradável, suportável ou mesmo distanciado. A dependência se estabelece a partir do momento que o Ser se fixa nesta promessa negando os demais apelos do mundo, limitando o cuidado consigo mesmo a uma única via de viver melhor (Vianna & Sipahi, 2001).

De acordo com Monteiro (2010) a visão do homem existencialista trabalhada por Sartre apresenta o ser que age no mundo e é constituído por esse processo de existir, ou seja, *ex-sistere* refere-se à um ser-para-fora, a um ser-no-mundo. Nesse sentido, o autor compara o movimento compulsivo às drogas como uma tentativa de existir, de ser-para-fora, de transcendência. Todavia, é um engodo porque acaba por aprisionar-se na repetição mais ou menos continuada da droga, característica da compulsão, resultando no estreitamento da percepção de outros modos de existir.

Vianna e Sipahi (2001) consideram que o dependente químico anseia por transformação de sua realidade imediata, mudando seu mundo através do prazer e alívio que a droga oferece de imediato. O problema da dependência reside na fixação de uma única forma de prazer, perdendo a oportunidade de fazer-se diferente no mundo através da criatividade de ser, que compõe seu modo de existir.

Monteiro (2010, p. 54), afirma: “A falta de essência do para-si significa falta de certezas e excesso de ansiedade.” Nesse contexto, o sentido do “ter” se conecta à tentativa vazia de completude, pois o “ter” remete aos objetos do mundo (Em-si) sendo que a consciência (Para-si) é de outra ordem, a relação com as coisas não cria correspondências com a consciência, apenas a sensação aparente desse sucesso.

Assim, não é possível explicar os motivos ou as causas do uso/abuso, pois cada usuário de substâncias psicoativas atribuirá um pretexto particular para isso, no entanto, é possível compreender o sentido desse projeto existencial identificando as intenções de ser-no-mundo desses homens (Monteiro, 2010).

As repetidas experiências da busca pelo prazer nas drogas faz com que o ser altere sua relação com seu tempo subjetivo e passe a se desresponsabilizar pelo cuidado do seu futuro. Nas palavras de Vianna e Sipahi (2001, pp. 504-505):

O uso repetitivo promove a busca de uma sensação já conhecida como prazerosa: a realização da droga é o prazer previsto. Desse modo, sem ter que construir-se no vir-a-ser, o dependente encontra possibilidade de alívio em algo já dado de antemão, sensações e modos já conhecidos. Não é mais necessário buscar ser o que não é, pelo contrário, ilude-se na crença de já ser, num estado fechado, em modo único de obtenção de prazer.

Restrito no cuidado de seu futuro, encontra-se enclausurado num infértil e eterno presente sem fim.

Quando o homem faz o uso de drogas, em seu exercício de liberdade orienta-se no mundo pelo preenchimento de uma falta que nem sempre é conscientemente posicional. Sou aquilo que faço de mim e não aquilo que penso que sou. Além disso, em relação ao uso de drogas devemos levar em consideração os interesses coletivos (sociais), já que as escolhas individuais sempre repercutem na liberdade do outro, dessa forma, o usuário não estaria isento de sua responsabilidade frente aos atos ou delitos por decorrência das drogas. (Monteiro, 2010).

Sobre o assunto, Lima (2009), afirma que Sartre deixou valiosas contribuições epistemológicas que favorecem a compreensão do fenômeno do uso/abuso, isso porque seu entendimento sobre os transtornos psiquiátricos parte do princípio fenomenológico, a partir dos quais critica os modelos organicistas e positivistas sobre a psiquiatria em geral. Além disso, o autor elaborou um método capaz de garantir objetividade sem se aproximar das ciências reducionistas.

Nas palavras de Lima (2009, p. 10):

Este método, chamado de progressivo regressivo, enfoca a dialética presente entre os aspectos singulares (características, particularidades, singularidades) e universais de um fenômeno (contexto, época, sociedade, cultura). Um sujeito, por exemplo, apresenta gestos, sentimentos e atitudes que o distingue dos demais. Contudo, este sujeito sempre será um recorte que expressará as características universais de sua época, de sua cultura, de sua rede social. Um sujeito, ao mesmo tempo em que é individualidade e singularidade, é resultante de seu tempo, de sua cultura, sendo, portanto, um acesso para compreendê-los.

Mediante este referencial teórico existencial-fenomenológico, no qual compreende a consciência como intencional e que escolhe para si sua própria existência garantindo, assim, sua condição existencial de liberdade e também de angústia para se escolher, é que pautaremos as discussões sobre as diversas possibilidades de ser-no-mundo dos adolescentes frente ao uso do *crack*.

5 O CAMINHO PERCORRIDO

5.1 CONSIDERAÇÕES ACERCA DO MÉTODO FENOMENOLÓGICO

Para o presente estudo adotamos uma metodologia respaldada no referencial filosófico fenomenológico. Alguns conceitos referentes à fenomenologia são importantes serem esclarecidos para que se tenha uma melhor compreensão dos motivos que nos levaram à escolha desse referencial metodológico como caminho para se chegar aos fenômenos conforme eles se mostram.

O que se entende por fenômeno? A origem do termo vem da expressão grega *phainomenon* derivada da palavra *phainestai* que significa mostrar-se a si mesmo, que por sua vez, é a forma reduzida da expressão *faino* que corresponde àquilo que se pode trazer à luz do dia. Em outras palavras, fenômeno é aquilo que pode ser visível ou percebido em si mesmo, é tudo aquilo que pode mostrar-se a si mesmo em um determinado local situado (Martins & Bicudo, 1994). Pretendemos assim, chegar à luz do fenômeno “uso de *crack* por jovens”, com o objetivo de compreendê-lo tal como se mostra na vivência desses jovens.

Das diversas modalidades de pesquisa qualitativa, a pesquisa fenomenológica é a que faz mais sentido quanto aos objetivos da nossa pesquisa, pois se baseia na análise do vivido como objeto de investigação, ou seja, a experiência do sujeito. Dessa forma, a partir de descrições que o sujeito oferece ao pesquisador, este parte para compreender a essência do fenômeno (Martins & Bicudo, 1994).

O “manifestar” de um fenômeno tal como ele aparece para o sujeito que o vivencia, pode ser apreendido por outrem a partir do que ele relata acerca do seu vivido. Segundo AmatuZZi (2003) o discurso aparece como ponto de partida para a compreensão do fenômeno, é apenas um apoio indireto e o relato é compreendido a partir da sua intencionalidade própria e constitutiva, ou seja, não é apenas o que se revela, mas o que realmente é, ou o que pretende ser revelado. O pesquisador deve estar embasado nas questões: “O que o entrevistado realmente deseja dizer?” ou “Qual sua intenção com esse discurso?”, é uma tentativa de aproximação com a intenção da subjetividade humana. Sobre o pesquisador o autor diz: “O que ele busca no relato é a experiência intencional, vivida”.

Importante enfatizar que um fenômeno é aquilo que se mostra, mas para esse mostrar-se é imprescindível que a consciência se volte para ele. Nas palavras de Ales Bello (2006, p. 18) “quando dizemos que alguma coisa se mostra, dizemos que ela se mostra a nós, ao ser humano, à pessoa humana (...) nós é que buscamos o significado e o sentido daquilo que se mostra”. Assim, um fenômeno é para si (para uma consciência) somente quando passa pela

experiência do sujeito, portanto a observação externa não garante a apreensão deste, sendo necessário recorrer ao estudo da vivência desse fenômeno, pois ela garantirá o acesso à essência. Esse é um movimento que deve acontecer a partir do ponto de vista de quem vive ou viveu o fenômeno, distanciando-se de uma definição a priori sobre o que se observa, pois essa constatação vem do próprio observador e não do sujeito que experienciou o fenômeno. (Holanda, 2003).

Dessa maneira, o pesquisador apresenta uma postura participativa na coleta dos dados, ele interage acolhendo, estimulando e solicitando o retorno à experiência mais particular da pessoa para se chegar à essência do vivido e evitar divagações teóricas ou de senso comum que possam levar a pesquisa para o distanciamento daquilo que é empírico (Amatuzzi, 2003, p. 21).

Aquilo que se chama de vivido, nem sempre foi ainda percebido pelas pessoas entrevistadas, possivelmente por nunca terem tido uma oportunidade para falarem do assunto, portanto o “vivido” não está claro, ele é um acontecimento que aparece no momento da entrevista, está na relação entre os interlocutores. O “vivido” se mostra através de ideias, concepções, quase como se fosse sua “roupagem”, se assim podemos dizer sobre suas versões de manifestação, portanto sua apreensão nunca é imediata (Amatuzzi, 2003, p. 22).

Pelo fato do homem utilizar a linguagem como forma de representar o mundo no qual está inserido, a análise da descrição do discurso do sujeito ganha sentido para as pesquisas qualitativas, uma vez que a linguagem traz consigo um conjunto de significados junto às palavras. Sobre a descrição teremos sempre uma representação do vivido tal como imaginado pelo sujeito. Descrever uma experiência “é poder dizer como ela pode ser diferenciada de outra coisa ou como pode ser reconhecida”. (Martins & Bicudo, 1994, p. 46).

Assim, a análise fenomenológica partirá das descrições sem, contudo, fazer imaginações, idealizações do que venha a ser o fenômeno estudado. Ela organiza as unidades de sentido evitando generalizações sistemáticas permitindo que o fenômeno se apresente tal como ele é. Para Coltro (2000), o método fenomenológico busca alcançar uma compreensão do vivido intuitivamente através de uma descrição direta da experiência do fenômeno, sem oferecer explicações imediatas ou causais. De acordo com o autor, “a pesquisa fenomenológica parte da compreensão do viver e não das definições ou conceitos, e é uma compreensão voltada para os significados do perceber” (p. 39).

Neste sentido, a pesquisa fenomenológica privilegia a investigação da consciência imediata e da experiência concreta, pois parte do pressuposto da descrição da vivência tal como aparece para a consciência (Holanda, 2003).

Para se chegar à essência do vivido necessário se faz realizar a redução fenomenológica, a qual exige uma “mudança de atitude (da natural à fenomenológica)”, que permite a apreensão do fenômeno como parte integrante de uma totalidade (Forghieri, 1993, p.15).

A redução fenomenológica funciona como o caminho para se chegar à essência de um fenômeno. Vivemos a vida tal como ela se apresenta a nós, sem considerar que estamos imbricados com a forma pela qual ela se desdobra, consideramos que as mudanças são eventos fora de nós e atribuímos suas causas a fatores externos como o destino, Deus e o Outro. Essa é a atitude natural da qual passamos despercebidos, dissolvidos na cotidianidade. Quando refletimos sobre a vida e entendemos qual o nosso papel nas transformações que ocorrem no mundo, estamos posicionando nossa consciência neste mundo. Ao superar os preconceitos, dogmas e convicções para compreender algo como realmente é, dizemos que esta mudança de olhar significa a passagem da atitude natural para a fenomenológica, eis a redução fenomenológica (Holanda, 2003).

Forghieri (1993) complementa a ideia de redução fenomenológica quando afirma que esta é constituída por dois momentos que são paradoxais e complementares ao mesmo tempo, uma vez que inicia-se com o “envolvimento existencial” e prossegue no “distanciamento reflexivo”. Isso significa dizer que para a redução fenomenológica acontecer o pesquisador deve, num primeiro momento, realizar o “envolvimento existencial” que pode ser considerado como uma abertura aos conteúdos que lhe chegam, uma completa imersão na narrativa do pesquisando, assegurado da isenção de suas críticas e conhecimentos técnicos sobre o que está se deparando. Em seguida, a atitude do pesquisador segue em direção do “distanciamento reflexivo”, pela qual deverá se afastar das vivências para captar e refletir acerca do discurso recebido, buscando compreender os sentidos atribuídos pelo sujeito relacionado com seu projeto de existir.

Por isso é que a pesquisa será sempre uma relação em que o pesquisador deve se valer de sua condição de homem que se entende para tentar compreender o outro. É possível perceber a sutileza com que a pesquisa fenomenológica acontece, conforme considera AmatuZZi (2003, p. 21) ao afirmar “que a pesquisa fenomenológica não tem sujeitos que forneçam informações, mas colaboradores que pensam junto o assunto e o fazem com a novidade da primeira vez”.

Quando o pesquisador se lança em seu intento, o que ele capta na entrevista é apenas a estrutura de pensamento do entrevistado envolto de suas palavras, pode-se dizer que se capta seus conceitos sobre aquele fenômeno e que foram construídos anteriormente através dos

diversos modos de relações sociais. Todavia, é necessário algo mais, pois a pesquisa fenomenológica implica na transcendência das estruturas já dadas, superar a teoria, o senso comum, a rotina de pensamento e, com isso, levar à descoberta do vínculo do discurso com a experiência (Amatuzzi, 2003).

Para que isso ocorra duas condições são necessárias. A primeira delas diz respeito ao pesquisador: é de extrema importância que ele consiga abandonar suas ideias e convicções *a priori* sobre o fenômeno, é quase uma suspensão temporária de seus valores para que possa permitir o desvelar-se do fenômeno, é uma abertura para o que se revela. A segunda condição recai sobre o entrevistado, pois quanto mais confiar na relação com o pesquisador, melhor permitirá fala livre, muito além do discurso de conceitos e teorizações do vivido. É necessário ir mais fundo, pois justamente a intimidade segura entre as partes envolvidas com a pesquisa que revelará através do discurso o relato mais próximo da experiência do entrevistado.

Tendo em vista essas condições, o caminho para a compreensão do fenômeno se abre. Compreender é “tomar o objeto a ser compreendido na intenção total, não apenas naquilo que as coisas são na sua representação (...) é ver o modo peculiar, específico, único de o objeto existir”. Portanto compreender vai muito além do que meras explicações sobre a natureza de um determinado fenômeno (Martins & Bicudo, 1994, p.76).

A postura do pesquisador no estudo sistemático dos fenômenos implica inegavelmente o “lançar”, por assim dizer, de sua consciência com todo seu arcabouço de experiências em direção à percepção que o outro tem do fenômeno. Assim, para adquirir certo grau de inteligibilidade do fenômeno relacionado às vivências do sujeito colaborador, o pesquisador, pela própria condição humana, é capaz de reconhecer o vivido que aparece no discurso obtido (Martins & Bicudo, 1994).

Holanda (2003) também contribui com reflexões sobre o papel do pesquisador na pesquisa fenomenológica e considera que a fenomenologia é um importante método para se compreender como as pessoas são o que estão sendo num determinado momento de suas existências. O autor reforça que o pesquisador deve abandonar qualquer concepção existente até então a fim de evitar julgamentos prévios que o impeçam de mergulhar, por assim dizer, nas experiências do vivido. Em outras palavras é o próprio ser que diz sobre sua vivência e somente a partir de sua experiência é que o pesquisador tem condições de compreendê-la tal qual lhe aparece.

Moreira (2004), ao analisar a obra *Phenomenology and Psychological Research*, publicada em 1985, do fenomenólogo Amadeo Giorgi, destaca que o autor na introdução de seu livro já considerava o fato de que a Psicologia, firmada enquanto como ciência natural se

preocupou em mensurar e quantificar os fenômenos humanos expressos no cotidiano. Com isso, alguns aspectos desses fenômenos como o vivido, o experienciado, foram deixados de lado ou mal compreendidos. Diferente da pesquisa quantitativa que objetiva a organização de princípios explicativos e as generalizações que se desdobram do estudo, a metodologia da pesquisa qualitativa segue em direção a uma compreensão das experiências e do vivido, em que aparece a “importância da interpretação e da intuição que a sustenta” (Martins & Bicudo, 1994, p. 28).

Para Moreira (2004), o método fenomenológico, conforme Giorgi o entende, consiste na obtenção de “unidades de significados” a partir do discurso revelador do fenômeno, ou seja, busca-se compreender quais os sentidos atribuídos a um determinado fenômeno com base no relato verbal de um colaborador.

Quando ler as descrições oferecidas pelos colaboradores da pesquisa, o pesquisador deve ter sempre em mente a interrogação que justifica a importância de sua pesquisa, com isso, ele conseguirá intuitivamente elencar as unidades de significado daquilo que lhe é relatado da experiência do sujeito. É da descrição das experiências que se originam as unidades de significados (Bicudo, 2000).

Para a análise dos dados obtidos, é necessário levar em consideração o princípio metodológico dessa modalidade de pesquisa, que é justamente a suspensão do fenômeno por assim dizer. De acordo com Martins e Bicudo (1994, p. 40) a análise pode acontecer a partir das seguintes etapas: 1º leitura ingênua da descrição, para que possa ser formado um sentido para o conjunto de proposições; 2º leitura do texto com o objetivo de encontrar “unidades de significado” no discurso da pesquisa; 3º transformação de cada unidade de significado encontrado no discurso ingênuo para o tipo de discurso que intenta o pesquisador; 4º busca de essência ou da estrutura.

De maneira similar, Moreira (2004) sugere alguns passos para este intento: 1º) Leitura geral da entrevista transcrita para que o pesquisador tenha uma boa familiaridade com o conteúdo facilitando o passo seguinte; 2º) Tendo uma compreensão geral do discurso, o pesquisador volta a refazer a leitura buscando identificar as “unidades de sentido”, que seriam as essências tomando-se por base sempre o fenômeno a ser estudado. Dessa forma o texto é quebrado em partes e aglomeradas segundo temas relacionados ao fenômeno. A discriminação das unidades de sentido acontece de forma espontânea enquanto o pesquisador relê o texto e percebe alteração de sentido; 3º) Após a delimitação das unidades de sentido, o pesquisador deve percorrer todas elas e transformar a linguagem do cotidiano do sujeito em termos relacionados ao fenômeno pesquisado. Acontece através de “um processo de reflexão

e variação imaginativa”; 4º) por fim o pesquisador sintetiza todas as unidades de sentido em temas que estão em relação com a experiência do sujeito, criando o que chamou de “estruturas da experiência”. Nesta fase agrupam-se os *insights* contidos nas unidades de sentido transformadas em estruturas do fenômeno até se chegar à essência ou perto disso.

É possível identificar pouca variação de procedimentos e modos de compreensão entre os autores que versam sobre o tema. Moreira (2004, p. 117) considera que “não existe uma variante que possa ser apontada inequivocamente como o representante básico dessa ferramenta na pesquisa empírica”. De uma maneira geral os autores não comprometem o resultado da pesquisa pela pequena diferença de procedimentos adotados para se chegar ao fenômeno.

Ao final da pesquisa, deve-se chegar àquilo que podemos chamar de aspectos essenciais da experiência, lembrando que nesse sentido “a ‘essência’, passa a ser considerada como um conjunto de possibilidades”. Portanto deve-se partir do fenômeno sob o ponto de vista do sujeito, através de uma forma específica da vivência do próprio fenômeno, para se chegar às essências daquilo que lhe é mais próprio, ou que se possa ser considerado essência para uma consciência vivencial (Holanda, 2003, p. 61).

Em concordância com o que foi exposto, tomamos a metodologia fenomenológica para desenvolver nosso estudo, uma vez que pretendemos chegar a uma compreensão da vivência do uso/abuso, em especial a relacionada ao *crack*, a partir do discurso de jovens que se encontram em processo de recuperação de sua dependência química.

5.2 PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

Na entrevista com os colaboradores, o pesquisador de abordagem fenomenológica deve se orientar em busca dos significados que os sujeitos atribuíram ao fenômeno. Trata-se de experiências vividas pelos sujeitos que foram interpretadas por eles e relatadas segundo seus entendimentos, com isso o significado aparece como a forma pela qual o sujeito expressa sua experiência do fenômeno (Martins & Bicudo, 1994). Assim, para nosso estudo, a entrevista não teve apenas a finalidade de “coletar dados”, mas ao mesmo tempo, de incentivar os jovens a falarem livremente como foi sua aproximação do *crack*, bem como seu uso e abuso.

Seguindo a orientação fenomenológica, o pesquisador procura pelo modo como determinada situação foi elaborada e vivida pelo sujeito. Optamos por utilizar a entrevista aberta, iniciada a partir da questão norteadora "Como foi/como está sendo sua vida com o *crack*?" Outras perguntas foram incorporadas no decorrer das entrevistas, no intuito de

estimular os entrevistados a relatarem todos os aspectos que envolvem suas vivências, conforme consta no Apêndice 3.

Para a pesquisa fenomenológica, não há um número prévio de sujeitos a serem pesquisados, pois neste método pressupõe-se a suspensão de qualquer hipótese inicial para o encontro autêntico com o fenômeno. Além disso, tivemos que nos adequar à realidade cotidiana das instituições onde buscamos nossos colaboradores de pesquisa sem que acarretasse qualquer prejuízo para o trabalho dos profissionais.

Todas as entrevistas foram gravadas com o recurso de gravação de voz de um aparelho de MP3. Conforme exigência da legislação sobre ética na pesquisa com seres humanos, o conteúdo de cada entrevista foi transcrito e em seguida, os arquivos foram deletados para que não houvesse risco de qualquer exposição ou prejuízo da imagem do adolescente, bem como o risco de sua identificação e desrespeito a sua privacidade.

A pesquisa, em todos os seus aspectos, foi submetida ao Comitê Permanente de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (COPEP) da Universidade Estadual de Maringá, tendo sido aprovada pelo parecer “CEP 271.513”, de 06 de maio de 2013. (Anexo 1). Como parte do compromisso ético, foi apresentado aos sujeitos e/ou seus responsáveis o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), pelo qual foram esclarecidos os objetivos e a importância da pesquisa, bem como o comprometimento do pesquisador e da equipe de tratamento dos referidos locais onde os sujeitos foram recrutados, em oferecer qualquer tipo de ajuda psicológica caso houvesse algum desconforto durante a entrevista, visto se tratar de uma população em vulnerabilidade social.

A pesquisa foi realizada em duas unidades de tratamento para dependência química no município de Maringá, Paraná: o Centro de Apoio Psicossocial Infantil - CAPSi (atendimento ambulatorial) e Comunidade Terapêutica Maringá Apoiando a Recuperação de Vidas - MAREV (atendimento por internação). O motivo da escolha desses locais foi porque neles se encontram relativa concentração de adolescentes em tratamento para a dependência do *crack* e, portanto, poderiam contribuir com a pesquisa.

Após a autorização dos responsáveis pelas Instituições CAPSi e a Comunidade Terapêutica MAREV, foi apresentado o TCLE para os colaboradores da pesquisa de cada instituição que estão em tratamento nestas unidades (Apêndices 1 e 2). Foi solicitado que assinassem o termo, caso estivessem de acordo com os objetivos da pesquisa e desejassem dela participar, em seguida foram feitas ligações telefônicas para informar os familiares dos colaboradores sobre as intenções da pesquisa e marcado um encontro na instituição para apresentação do TCLE e assinarem caso concordassem com a pesquisa.

5.3 COLABORADORES DA PESQUISA

Realizamos entrevista com 5 (cinco) adolescentes, sendo que 4 (quatro) se encontravam em tratamento na Comunidade Terapêutica MAREV e 1 (um) adolescente no CAPSi. Cabe uma observação quanto à dificuldade de encontrarmos adolescentes no CAPSi disponíveis para a entrevista, visto que a grande maioria dos familiares ou responsáveis legais acabam buscando outros serviços da rede para o tratamento da dependência química, principalmente pelo desconhecimento do trabalho do CAPSi.

Salientamos ainda, que segundo a metodologia adotada para a pesquisa, o número de entrevistados não é designado segundo a relevância estatística, mas pelos conteúdos trazidos nas entrevistas. Assim, quando os conteúdos começaram a se repetir e se mostrarem saturados não procuramos mais por colaboradores, pois para a análise do conteúdo na perspectiva da pesquisa fenomenológica o discurso aparece como revelador do fenômeno, não sendo necessário um dado quantitativo significativo para validar a existência de um fenômeno.

Todos os entrevistados que aceitaram colaborar com a pesquisa eram do sexo masculino, uma vez que nas unidades de tratamento onde a pesquisa buscou seus colaboradores havia, em tratamento, apenas adolescentes desse gênero. Apresentavam idade entre 13 e 18 anos, iniciaram sua experiência com o *crack* há menos de um ano e encontravam-se em tratamento há pelo menos três meses.

As entrevistas tiveram uma duração média de trinta minutos, sendo a mais longa com quarenta minutos e a mais breve com quinze minutos. Foram realizadas nas dependências da comunidade terapêutica e do CAPSi.

No Quadro 1 apresentamos mais algumas características dos colaboradores da pesquisa.

Quadro 1
Apresentação dos colaboradores.

COLABORADOR*	TEMPO DE TRATAMENTO	TEMPO DE USO	IDADE	UNIDADE DE TRATAMENTO
Elídio	8 meses	2 anos	17 anos	MAREV
Wagner	6 meses	1 anos	18 anos	MAREV
Vinícius	4 meses	3 anos	18 anos	MAREV
Mateus	4 meses	1 anos	17 anos	MAREV
Medina	10 meses	1 anos	16 anos	CAPSi

* Todos os nomes dos colaboradores são fictícios sendo, assim, resguardado o sigilo e a segurança dos mesmos.

5.4 ANÁLISE DOS DADOS

De acordo com o delineamento metodológico escolhido para esta pesquisa, baseado na perspectiva da Fenomenologia Empírica, buscamos uma aproximação da essência do fenômeno do uso/abuso pelos adolescentes através de seus relatos sobre suas experiências com o *crack*. Como nossa motivação para o estudo era compreender os sentidos que emergiam da vivência desses jovens com o *crack*, nos referimos adiante à análise que fizemos a partir dos conteúdos das entrevistas realizadas com nossos colaboradores.

A análise dos dados consistiu em duas etapas. Primeiramente fizemos uma análise ideográfica, em que se buscou nas narrativas de cada entrevistado, suas ideias, crenças e percepções. Esta análise foi organizada a partir de unidades de significado que expressaram os sentidos atribuídos ao uso do *crack* pelos jovens entrevistados. Num segundo momento, fizemos uma análise nomotética, em que se buscou as convergências e divergências dos sentidos atribuídos, para então, realizarmos uma discussão com o referencial existencialista de Sartre.

Para tanto, seguimos a estrutura sugerida por Moreira, Martins e Bicudo relatadas no capítulo “O Caminho Percorrido”, resumida nos seguintes passos: 1º) Leitura atenta das entrevistas tantas vezes fossem necessárias; 2º) Busca de “unidades de significado”; 3º) Busca de convergência e divergência e 4º) Elaboração de uma síntese compreensiva à luz do Existencialismo de Jean-Paul Sartre; em outras palavras, elaboração de uma interpretação acerca dos sentidos que emergiram dos discursos analisados.

6 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo apresentamos as unidades de significado que, segundo nossa análise, revelam os sentidos e vivências dos jovens entrevistados com o *crack*. A análise realizada chegou a 17 (dezesete) unidades de significado que, de maneira geral revelaram que inicialmente a aproximação é física, o adolescente passa a habitar locais e estar próximo de pessoas que fazem o uso como se vivessem algo diferente no ciclo do vício. Outro significado que apareceu foi sentido de encantamento por uma experiência diferenciada relacionada às sensações prazerosas, a curiosidade funcionando como força motriz para a descoberta do efeito da droga.

A pesquisa também revelou que os adolescentes conseguem perceber que o prazer do *crack* é ao mesmo tempo incomensurável e efêmero. Outra essência identificada foi a sensação de ser dominado pelo desejo de repetir o uso, os adolescentes revelaram que na experiência com o *crack* há uma espécie de perda de autonomia para deixarem de usar a droga. Após certo tempo de uso, os adolescentes constaram que existe uma mudança na assertividade para fazer escolhas, a experiência com o *crack* se torna a escolha fundamental de suas vidas, como se o *crack* subjugasse o sujeito.

Outra essência extraída da vivência com o *crack* é que a droga atua criando uma representação de si totalmente desconhecida ao sujeito, em outras palavras, mostrando outras faces do Ser. Identificamos também a vivência de um projeto de vida marginal, a exclusão social se intensifica enquanto usuários de *crack*. Além disso, os adolescentes percebem sua auto-imagem como depreciativa quando da presença do *crack* em suas vidas, mudam a maneira de se veem e vinculam-se à aspectos negativos. Invariavelmente, nesta condição, o olhar do Outro ratifica sua exclusão.

Ao que indicou a pesquisa, as informações recebidas sobre os riscos das drogas e do *crack* se mostraram insuficientes para evitar o apelo ao *crack*. Do discurso dos adolescentes pudemos identificar alguns fatores de risco como o convívio com outros usuários, falta de uma família acolhedora, sentimento de menos valia entre outros relacionados a demais áreas que abrangem a vida desses adolescentes. Os adolescentes acreditavam na possibilidade de uma vida mais atraente, como uma excelente solução para tantas dificuldades de existir em sua própria condição de ser. Na percepção dos adolescentes, o *crack*, paradoxalmente, garante uma vida de horizontes de possibilidades estreitos. Manifestaram-se necessitados da ajuda do Outro para reassumirem o compromisso com a própria vida.

Outro dado é que somente conseguiram se desvencilhar do *crack* a partir do momento em que pediram ajuda. Os adolescentes são capazes de abrir seus horizontes

enquanto estavam em tratamento. Por fim, mostraram que são capazes de construir e viver um projeto de vida sem a droga.

A seguir, cada uma dessas unidades de sentido foi desenvolvida no sentido de clarificar as essências contidas nos discursos dos adolescentes.

1) “*O baguio* ¹é da hora” - Algo novo no ciclo do vício

O primeiro sentido extraído das falas dos adolescentes dizia respeito à sua aproximação com o *crack*. Todos eles já faziam uso de outras drogas (maconha, cocaína). Foram unânimes em dizer que o convite ao uso da droga partiu de outra pessoa, com mais idade e conhecida por eles e existia uma relativa convivência que lhes assegurou o estímulo para o uso. O incentivo foi no sentido de encorajá-los ao uso já que a droga era considerada “boa” e “barata”. Segundo suas histórias, inicialmente os adolescentes passam a frequentar lugares em que o *crack* estava presente, em seguida, conviveram com usuários por um determinado tempo e isso criou condições para o ânimo, a confiança e a decisão futura para a experimentação.

NOME	DISCURSO QUE JUSTIFICA
Wagner	Eu comecei fumando um “baseado ² ” com meu tio, no começo. Ele apresentou a maconha. Eu comecei fumando, fumando e fumando com eles e com o passar do tempo eles me apresentaram o <i>crack</i> e eu comecei a usar. (...) ele tava usando ai chamaram eu, ai eu fui e usei com eles, dai ele começou esse ciclo dai, deu de eu começar a usar.
Mateus	Conheci o <i>crack</i> por causa dos colegas, por tipo “aviãozinho ³ ”. (...) Pegar a droga e entregar para outro, foi assim que eu conheci o <i>crack</i> , mas não tinha experimentado. (...) incentivado também pelas pessoas que falavam que era bom. (...) É tudo maior de idade, os traficantes.
Vinícius	Um “piá ⁴ ” que vendia maconha, era um “patrão da maconha ⁵ ”, como nós convivia tudo ali com a maconha, chegou esse “piá” com uma

¹ “Baguiiu”: termo utilizado para se referir à droga ou às palavras “coisa” ou “negócio”.

² “Baseado”: termo utilizado por usuários para se referirem ao cigarro de maconha.

³ “Aviãozinho”: termo utilizado para se referir ao trabalhador do tráfico responsável por transportar a droga de um lugar para outro, em geral, são utilizados adolescentes para isto, pois se houver apreensões da droga, não atrapalharia a estrutura do sistema do traficante, uma vez que a penalização para o adolescente é menor do que para o adulto.

⁴ “Piá”: gíria comum para se referir a “menino”.

⁵ “Patrão da Maconha”: É o traficante que detém o comércio da maconha e sempre deixa uma quantia grande dessa droga para seus vendedores.

	mochila com um quilo de <i>crack</i> mesmo. Daí ele falou: vai lá e experimenta. O baguio ⁶ é da hora, pá. Daí deu oito pedra, assim (mostrou a ponta do dedo mínimo).
Elídeo	Eu morava com outra pessoa, não morava com minha família, morava com um dependente químico e ele usava <i>crack</i> , ele falava para eu usar que era bom, era bom e eu era dependente da cocaína e ele disse “usa o <i>crack</i> , usa o <i>crack</i> porque vai ser bom”, ele dizia isso porque o <i>crack</i> era mais barato.

- 2) “Qual é a pira⁷?” – Curiosidade para conhecer uma experiência diferente, de sensações boas e prazerosas

A curiosidade é cada vez mais crescente e percebem querer para si o bem estar vivido pelo Outro que evidencia um conjunto de sensações as quais consideram boas. Todos já haviam experimentado ou faziam uso de outras drogas e pareciam estar acostumados a elas, de modo que elas lhes pareciam insuficientes em oferecer prazer e boas sensações. Os adolescentes expressaram um desejo de viver experiências diferentes de sua realidade. O uso do *crack* aparece como uma possibilidade para a vivência de sensações mais intensas e decidem por experimentá-lo.

NOME	DISCURSO QUE JUSTIFICA
Wagner	Senti curiosidade. Curiosidade de... que eu via eles naquela situação lá, que parecia prazerosa no momento, daí eu senti vontade de ficar igual eles, daí foi quando eu entrei. Assim, não sei o que sentiria. Sabia que é uma sensação boa pelo que eles me contaram né, outras pessoas falavam que era uma sensação boa.
Mateus	O colega falou: “Vamos fumar?” eu falei: “Vamos!”, queria saber, experimentar, tava curioso. Quando eu passei a traficar, passar droga para os caras, eles falavam que era bom e quis saber o que era bom, curioso, né.
Vinícius	(...) a maconha era uma coisa tão boa, que você fala “que baguio da hora”. E porque aquilo lá não vai ser bom também? Eu vou experimentar.
Medina	Ele (amigo) chegou e queria comprar umas 10 pedras de <i>crack</i> , aí eu não tinha maconha para fumar, na época eu fumava maconha, fazia dias que

⁶ “Baguio”: é uma derivação do termo “bagulho” que se referia à maconha, atualmente este termo tem sido utilizado para se referir a tudo que representa “coisa”.

⁷ “Pira”: termo utilizado para se referir ao efeito que qualquer droga cause.

	eu estava internado, daí eu disse “eu vou experimentar esse negócio para ver qual que é a ‘pira’”. Nunca tinha experimentado, só a “farinha ⁸ ” né, aí foi e começou a viciar e minha avó começou a internar eu.
Elídeo	(...) eu tinha muita curiosidade, sempre, sempre eu perguntava “qual era a pira”, mas nunca tive coragem.

3) “*Um super-bem-estar*” - A experiência de um prazer imediato e efêmero

Ao *crack* foi atribuído um sentido prazeroso, uma experiência positiva causada pela própria química da droga e percebido pelos adolescentes no exato momento em que ela atinge seu organismo. Apresentaram dificuldades em descrever como era o prazer que a droga lhes conferia, justamente pela própria rapidez com que ele se esvai. Alguns descrevem as sensações físicas, mas todos se referem a uma “sensação boa”. Ao mesmo tempo, trazem sobre o processo de desconforto e insatisfação pela falta da droga (“fissura”), “a consequência ruim”. São unânimes quanto ao efeito prazeroso imediato da droga.

NOME	DISCURSO QUE JUSTIFICA
Wagner	Legal, nossa o bagui é massa memo. (...) não tem como explicar. Era um aceleração no coração e um bem estar assim, nossa, muito bom no momento, um bem-estar super. Era bom. Fumava e dali cinco segundos já dava um aceleração no coração, como eu posso dizer..., uma “cabreragem ⁹ ”.
Mateus	Sensação boa, gosto bom. A parte boa é a hora que você está fumando. Ah... é gostoso... quando você está fumando ali... enquanto você tiver vai sendo bom, depois que acaba é ruim.
Vinícius	(...) é pra você ficar mais ligeiro, né. É meio louco o negócio. A sensação é boa, o primeiro ali. (...) 10 segundos.
Elídeo	Essa sensação é boa, mas a consequência que é ruim.

4) “*Eu já estava dominado pela droga*” - O *crack* exerce uma força incontrolável sobre a vontade do sujeito

⁸ “Farinha”: é utilizado para se referir à cocaína na forma de pó.

⁹ “Cabreragem”: No mundo da droga este termo se refere à um conjunto de sensações estranhas que estão relacionadas a um medo excessivo e perigo iminente.

Em relação à percepção do momento em que passam a se viciar no *crack*, os discursos dos adolescentes são divergentes, alguns dizem que sentem viciados após o primeiro contato com a droga, outros que só através do uso contínuo é que se viciaram. De qualquer maneira, todos concordam entre si que, invariavelmente, foi inevitável a instalação do vício. Atribuíram à droga o poder e responsabilidade de causar dependência, seja pela quantidade de vezes que se repetiram o uso ou pela forma como isso se deu.

NOME	DISCURSO QUE JUSTIFICA
Wagner	Fumava ali, tava de boa, não tinha vontade, mas a partir do momento que eu comecei fumar todos os dias, daí não conseguia parar mais. Não consegui manter o controle, porque eu já tava dominado pela droga já. Achei que podia ser feliz e controlar né, saber dosar, escola, família e droga, mas não consegui conciliar isso.
Mateus	Foi depois que eu comecei “na lata ¹⁰ ”. Viciar assim eu falo não “embalar ¹¹ ”, toda vez que tem você fumar, mas às vezes que você pegava fumava, as vezes pegava “mesclado ¹² ”, mas não de embalar semana e mês.
Vinícius	A partir da primeira. Que nem eu falei, você deu a primeira, você não pára mais.
Medina	Vicia, se o cara não tiver cabeça vicia. A primeira “bolada ¹³ ” que você deu, qualquer molecada que não era envolvido com o <i>crack</i> , que vendia, hoje em dia, estão fumando.
Elídeo	(...) foi na segunda vez que eu comecei a usar com força mesmo, a usar puro mesmo.

5) “Meu corpo estava pedindo mais droga... é insanidade” - O *crack* subjuga o sujeito

¹⁰ Esta é uma modalidade do uso de *crack* fumado, consiste em utilizar uma lata de alumínio amassada em seu centro que servirá para acomodar as pedras de *crack*, em seguida são feitos pequenos furos neste local para a passagem da fumaça para o interior da lata e fuma-se ateando fogo nas pedras de *crack* e sugando a fumaça pela abertura de bebida da lata.

¹¹ “Embalar”: é uma gíria utilizada para quando o usuário ganha ritmo e frequência no consumo de droga.

¹² “Mesclado”: é a mistura que é fumada de *crack* com a maconha, os efeitos do *crack* são atenuados e geralmente são utilizados por usuários que estão em fase inicial de uso do *crack*.

¹³ “Bolada”: é o mesmo sentido utilizado no termo “paulada”, que se referem ao primeiro efeito causado pela primeira tragada da fumaça de *crack*.

Após consumirem algumas vezes o *crack*, os adolescentes apontaram para uma nova condição: a de viciados em *crack*. Sem perceberem como se deu esta passagem, encontram-se envolvidos na compulsão à droga, como se tivessem perdido totalmente autocontrole e a possibilidade de escolher ou não usar a droga. Para não se afundarem em quadros de extremo sofrimento pela impossibilidade momentânea de repetição do uso, recorrem à maconha como alternativa e alcançam, assim, algum tipo de alívio psíquico e orgânico para poderem se recuperar da crise de abstinência. Assinalam que já acordam necessitando da droga e vão imergindo cada vez mais nesse mundo.

NOME	DISCURSO QUE JUSTIFICA
Wagner	<p>A hora que eu vi que não tinha mais jeito mais, já estava exausto, não tinha mais o que fazer, já tava amanhecendo o dia, eu dava um jeito de fazer um “corre¹⁴” do “baseado” pra poder amenizar a situação se não eu não conseguia dormir.</p> <p>(...) meu corpo tava pedindo mais droga, e se eu não fosse atrás da droga eu ficar num mal estar comigo mesmo e não ficava bem. Tinha que ter um baseado pra poder relaxar.”</p> <p>Pesquisador: Se eu te desse todas as “pedras” que você quisesse fumar, todas! Você conseguiria parar? Teria um momento que você iria saciar?</p> <p>Wagner: Não. Não ia parar. (...) Quanto mais tivesse, mais eu queria usar. Ia acaba aquilo lá e eu ia atrás de mais ainda.</p> <p>A maconha dava saciedade sim. Mas ela, a maconha, me dava sono. Não na hora, mas eu fumava bastante até dar tranquilidade. (...) Só com o sono que eu parava.</p>
Mateus	<p>Às vezes, fumava um baseado dar uma acalmada. Na maioria das vezes eu fazia assim, fumava e depois fumava um baseado para cortar a “brisa¹⁵”.</p>
Vinícius	<p>Que nem eu sempre falei que trabalhava na “boca¹⁶”, então <i>crack</i> eu tinha assim, maconha eu tinha exagerado, todo dia vendia pelo menos 300 balas, 50g de “pedra”, picada ali. Então, como eu tinha muito, se eu desse uma aí você fumava tudo, daí você pensava, que coisa ruim, em vez de eu tirar dinheiro para gastar, eu to fumando a droga.</p> <p>(...) é insanidade, né. Se eu tivesse, ali, 10g de pedra e eu fumasse 1 pedra... (mas) eu fumava 10, chegava ao ponto de desmaiar, dar começo de overdose, mais de 20g. Se você deu a primeira, a primeira é</p>

¹⁴ “Corre”: também utilizado como “correria”, refere-se à qualquer atividade dentro do tráfico cujo pagamento é feito na forma de droga, assim usuários que não possuem dinheiro para comprar droga realizam essas atividades em troca de droga.

¹⁵ “Brisa”: termo utilizado para se referir aos efeitos das drogas em geral.

¹⁶ “Boca”: também chamados de “biqueiras” são locais de venda de drogas, geralmente são becos, casas ou construções abandonadas que os traficantes passam a ocupar e vendem todo tipo de droga.

	<p>que acaba com o cara.</p> <p>(...) tem gente que fuma a maconha misturada com o <i>crack</i>, que chama “mesclado”, eu já nunca gostei, porque o <i>crack</i> cortava a “brisa” da maconha e a maconha cortava a “brisa” do <i>crack</i>, então você estava jogando droga fora, meu pensamento era esse.</p>
Medina	Eu usava a maconha, aí quebrava, mas no outro dia eu já acordava pensando.
Elídeo	<p>Porque era uma ansiedade que tinha, parecia que o “bagulho” chamava você para usar, né, e onde eu morava tinha droga direto, né, então não dava para evitar, né. Agora, se eu tivesse usado a primeira vez e parado, eu não tinha mais usado, mas como eu morava numa casa de consumo aproximei mais rápido do <i>crack</i>.</p> <p>Aí tem que fumar uma maconha para sair o efeito, porque a maconha acaba, aí ia dormir, mas no outro dia já levantava para querer usar mais.</p>

6) “*Você só quer fumar, quer ficar longe de todo mundo... você fica com medo, assustado*” - O *crack* mostrando outras faces do Ser

Após a instalação da dependência, quando falaram sobre a percepção de si mesmos no momento do consumo, sob o efeito do *crack*, os adolescentes se revelaram como um Ser irreconhecível, suas reações eram estranhas à eles, havia a presença de alucinações acompanhadas de reações fisiológicas do Sistema Simpático que descarregava grande quantidade de adrenalina concomitante à presença dos componentes químicos do *crack*. A apropriação de si acontece segundo as alterações orgânicas que vivenciam e são revelados estados de “loucura controlada”, como se soubessem que em breve retornariam ao estado de consciência inicial (sem uso).

NOME	DISCURSO QUE JUSTIFICA
Wagner	<p>“(...) parece que tem alguém te vigiando toda hora, via bichinho.</p> <p>Durava no máximo 5 minutos, daí já tinha que dar outra paulada pra voltar naquela “pilha¹⁷” e ficar sempre daquele jeito.</p> <p>Não converso nada. Fico quieto. (...) Mando os outros ficar cuidando da janela, da porta...</p>
Mateus	“Estraladão ¹⁸ ” né, se “mordendo ¹⁹ ”, fica “cabreiro ²⁰ ”, olhando para os lados.

¹⁷ “Pilha”: é o termo utilizado para se referir ao estado de extrema excitação ou estimulação.

¹⁸ “Estraladão”: é utilizado para se referir ao estado de alerta excessivo.

Vinícius	<p>A mente também fica assim, não tem como você pensar muito claro, a mente fica assim alvoroçada, muito ansioso. Fica assim... agitado demais, ela seca a boca da gente, a garganta, a gente sente que secou o corpo da gente todo por dentro e você precisa de água.</p> <p>O <i>crack</i> já é o durante, mano, enquanto você está fumando ali, não passou aquela “instiga”, você está fumando, está fumando e o pensamento, não passa outra coisa na sua cabeça, você só quer fumar, quer ficar longe de todo mundo, você quer ficar num canto, até debaixo de uma cadeira você entra, tá ligado, parece que tudo assim, você fica com medo, assustado. Parece que a polícia vai entrar arrombando a porta, sua mãe vai abrir a porta do quarto vai ver você. Você chega ver até gente morta, tudo te dá medo. É o pior medo que você passa na sua vida, durante essa constância de fumar. Constância de fumar vai te dando medo, mesmo ali você vai estar com medo, qualquer coisa que acontecer, parece que ele [o <i>crack</i>] entra na sua mente assim e pega tudo o que pode dar errado. Não é que nem as outras drogas que diz: vai que vai dar tudo certo. Ele fala: vai que vai dar tudo errado.</p>
Medina	<p>Vê as coisas, fica cercado, fica vendo bichos no meio do mato, pode ser de dia que você começa a ver bicho, vulto em volta da casa, começa a ver coisa dentro de casa, fora também, se você quiser ficar no mato cercado.</p>
Elídeo	<p>Dá uma loucura assim, parece que você está vendo o bicho aí quando vê você sair fora de si, você se desliga, você sai correndo, você vê sombra...</p>

7) “*Só de falar que está nessa vida, você perdeu... perdi saúde, perdi família, perdi tudo*” - Um projeto de vida marginal

Pelo fato do *crack* exercer um apelo tão forte, tanto físico como mental e emocional, para sustentar o vício os adolescentes se envolvem em outros tipos de delitos, como o roubo, deixam atividades como a frequência à escola e vislumbram a perda da estima da família. Relataram ter noção das consequências que o uso do *crack* traria para suas vidas e reconheceram que a vivência com a droga implica em abandonar a vida que tinham. Demonstraram ter noção sobre possíveis limites que a experiência de usar *crack* acarretava para si, no entanto, revelaram-se impotentes para qualquer tipo de mudança, confirmando a experiência de subjugação ante a droga, num projeto existencial estreitado pela necessidade de manter o vício.

¹⁹ O usuário de *crack* sente dormência na língua devido à química da fumaça da droga, sendo assim, ficam mordendo a língua para aliviar o formigamento.

²⁰ “Cabreiro”: relacionado com o termo “cabreragem”, ligado à sensação de medo excessivo e perigo iminente.

Após algumas experiências com o *crack*, as perdas se concretizam e se acentuam em vários aspectos da vida. Há a perda da ilusão de uma vida melhor através do uso do *crack*. Dois adolescentes expressaram tal sentido com clareza. Existe uma mudança de paradigma neste momento, uma espécie de ruptura entre a expectativa e a realidade que os acomete. Dessa maneira se percebem num mundo diferente daquilo que esperavam encontrar, como se o projeto inicial de fruição de prazer se mostrasse falso.

NOME	DISCURSO QUE JUSTIFICA
Wagner	<p>(...) no momento não tinha mais o que fazer, é só droga e droga.</p> <p>(...) o que eu mais gostava de fazer era roubar pra usar droga.</p> <p>A partir do momento em que minha família começou a me desprezar, que eu roubava as coisas deles, daí eles já não estavam mais naquela alegria comigo, não tinham mais aquele amor, aquele afeto, aí eu comecei a entrar em depressão.</p> <p>No começo eu via as pessoas usar, estavam bem arrumadas, mas depois, com o tempo, eu via que eles começavam a ficar bem debilitados, já ficavam sujo, roubando, estavam mais nem aí com a vida, só queria saber de usar, não ligava pra família mais, abandonavam os estudos.</p>
Vinícius	<p>Eu lembro que nós estávamos num barraquinho lá, nós praticamente moráva lá, o tempo inteiro toda a molecada ficava lá. Era a casa do piá mesmo, eu saía da escola eu ia pra lá, era seis horas da manhã eu tava lá naquele barraco em vez de ir pra escola.</p> <p>Uma falsa sensação de prazer, de alegria, de acreditar que podia ser assim, sei lá, mudar o mundo, ser diferente.”</p> <p>Deu nada pra mim, tudo o que eu conquistei com ela, eu perdi... perdi saúde, perdi família, perdi tudo.</p>
Elídeo	<p>É que a palavra “<i>crack</i>” é muito forte e só de você falar que está nessa vida você perdeu né, não vou ter cura, não vou ter cura, como vou sair dessa vida, como minha família vai ficar quando saber que estou usando? É bom mas também tem o lado do medo, né, dá um medo assim muito grande, de morrer, de apanhar de polícia, de tudo.”</p> <p>(...) eu sabia que lá na frente haveria consequências.</p>

8) “*Quem fuma crack, pra mim é ‘nóia*²¹” - Autoimagem depreciativa

²¹ “Nóia”: Termo pejorativo que caracteriza o usuário descontrolado e desesperado pela conquista do *crack*.

No caminho de perdas que a vivência com o *crack* constrói, uma diz respeito à autoimagem dos adolescentes. Eles se percebem culpados, arrependidos e em depressão pelos delitos cometidos, principalmente em relação à figura dos seus familiares. Além disso, o sentimento de fracasso e derrota acompanham a percepção de terem cedido para o *crack*. Para eles, o uso do *crack* é marcado pela decepção em relação a si mesmos, pois de alguma forma percebiam que aquela escolha os lançavam a se verem como “*nóias*”.

Wagner	Depois vinha a depressão, a culpa por eu ter roubado meu pai, minha avó, outras pessoas, vinha culpa, vergonha, depois encarar a situação.
Mateus	Sentimento de... ser um lixo. Porque quem fuma <i>crack</i> pra mim é “ <i>nóia</i> ”, é mal falado e eu não me sentia bem depois disso.
Vinícius	Fisicamente já vê que não presta, que está te prejudicando e você já vai tendo mais um conhecimento aí você vai ver que ali você vicia e perde tudo o que você tem. Daí vem aquele sentimento: puxa vida, olha aonde eu estou entrando! O mesmo caminho que aquele “ <i>nóia</i> ” que vem trocar tudo o que ele tem. (...) eu to vendo... a depressão é de ver o cara muito mal e saber que um dia você pode chegar no mesmo estado que ele por estar usando aquilo ali.
Elídeo	Eu senti como que eu fui um derrotado, um perdedor, perdi para a droga, entrei para essa vida. Ah, eu pensava assim, perdi, agora não vai ter mais como voltar e agora vou ter que usar, desgracei tudo a vida.

9) “*Um cara sem futuro*” - A visão depreciativa do Outro

As entrevistas revelaram que os adolescentes também são capazes de identificar a representação social que as demais pessoas da sociedade têm a respeito deles. O fato de escolherem serem usuários de *crack*, conferiu a eles uma imagem bastante depreciativa sobre si mesmo revelada através da relação com o Outro, que lhes denunciavam este lugar.

NOME	DISCURSO QUE JUSTIFICA
Wagner	Eles falavam que usar <i>crack</i> não tinha mais volta e eu nem ligava mais pro que eles pensavam né, só queria saber de usar, usar, pensava só em mim, no meu prazer na hora. Depois que passava que eu via que tava errado, já não tinha mais a confiança de parente, já não queriam que eu fosse na casa deles mais, escondiam bolsa, dinheiro, celular, nada ficava mais marcando porque eles sabiam que eu ia roubar, qualquer

	coisa tava levando pra vender. Imagem de um cara que era sem futuro. Que vivia só pra droga. É o que eu tava mostrando para as pessoas.
Mateus	Sabiam que eu vendia, que eu fumava não. Daí eu falava que não, não e batia o martelo que não.”
Medina	Que eu era um “nóia” (...) É o cara que fica vegetando na rua, só fica roubando coisa dentro do barraco, fica vendendo droga para fumar mais.
Elídeo	Pensava: “Nossa olha aquele moleque que eu achava que ia ser tudo aquilo e está nessa vida”, só criticavam né. (...) Eu falava “força” pra eles, não era eles que pagavam meu vício, mas a confiança foi perdendo de pouco em pouco.

10) “*Mesmo eu sabendo disso eu insisti em experimentar*” - As informações sobre as drogas e seus riscos se mostram insuficientes para evitar o apelo do *crack*

O uso de *crack*, não nos pareceu ser uma experiência inocente, sem conhecimento prévio sobre as drogas, seus efeitos e riscos causados por elas no organismo e na vida social. De forma geral os adolescentes receberam algum tipo de informação anterior e identificaram a escola como o local onde tiveram os primeiros conhecimentos sobre as drogas em geral e seus riscos. Contudo, tais informações foram insuficientes para evitar que os mesmos aderissem a elas.

NOME	DISCURSO QUE JUSTIFICA
Wagner	Na escola. Na escola eu estudava, eles falavam sobre droga, mas... (...) O professor falava, tinha palestra da polícia. (...) A polícia foi dar palestra na escola sobre drogas, mostravam as drogas, mas mesmo assim eu não ... (...) Pensava que nunca ia cair, “to de boa”. “(…) mesmo eu sabendo disso eu insisti em experimentar, por curiosidade, por ta ali perto dos caras.
Mateus	(...) foi o PROERD ²² , na escola quando eu estava na terceira série. Falaram [sobre o <i>crack</i>], mas eu não quis saber.
Vinícius	Informação é que passa na televisão: “Não use drogas, ela vai te matar.”

²² PROERD: Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência, realizado por policiais militares treinados para alunos do 5º e 7º ano de rede pública e particular de ensino, cujo objetivo é transmitir uma mensagem de valorização à vida e da importância de manter-se longe das drogas.

	Foi só depois de um certo tempo que eu comecei a escutar assim, mas informação superficial do estado alarmante que realmente é o <i>crack</i> .
Medina	(...) o PROERD já foi na minha escola.”
Elídeo	(...) nunca teve campanha nenhuma no meu colégio, quando na minha época que eu estudei não tinha. Se eu tivesse ouvido a palestra eu seria diferente, mas nunca cheguei a ouvir.

11) “*Eles não me davam nada, a droga é que me dava*” - Fatores que contribuem para o uso do *crack*

Ao falarem sobre suas experiências com o *crack*, apareceu, na visão dos jovens, possíveis fatores que facilitaram a sua entrada no vício. Os adolescentes identificaram os seguintes: convívio com usuários; falta de uma família acolhedora, principalmente em relação à figura materna; sentimento de menos valia, o fracasso escolar; falta de participar de uma religião, o uso de outras drogas mais leves que desencadeavam a vontade de usar o *crack*; a facilidade para aquisição da droga; más condutas, como roubar, mentir e desrespeitar os familiares.

NOME	DISCURSO QUE JUSTIFICA
Wagner	<p>[não teria iniciado o uso do <i>crack</i>] (...) se eu tivesse indo bem na escola, que eu comecei a cair na escola, as matérias, [se] tivesse me dando bem com minha família, que mesmo sem usar droga já comecei com os roubinhos na casa. (...) era mais legal roubar, pegar o dinheiro ali, gastar no que eu quisesse, porque meu pai dava o dinheiro controlado. 5 reais, eu queria mais pra sempre ter mais que os coleguinha da escola, eu queria comprar mais bala e jogar vídeo-game direto e sempre tava roubando.</p> <p>Minha família sempre tentou me levar pro caminho da igreja, mas eu sempre falava que ia na igreja e ficava na porta da igreja, não entrava, ou ia pra cidade, mas nunca fazia o que eu tava falando, ou ia na igreja pra pegar o panfleto, pra falar que fui.</p> <p>Não respeitar a catequese, fazer tudo errado, fazia aula pra nada, começar a fumar cigarro, tudo isso foi me levando pro lado da droga. (...) Acho que foi minhas atitudes. O modo de ta vivendo errado.</p>
Vinícius	<p>(...) eu procurava aquilo ali porque eu tava com aquilo ali o tempo inteiro na mão, então já tinha experimentado, o Capeta falava: não, vai lá, só uma que não dá nada não, e ali ia tudo. Então se o cara... não pode ter aquilo ali na mão, não pode estar perto.</p> <p>[o acesso à droga] é muito fácil... é mais fácil do que você comprar um cigarro ou um pão, você não tem um dinheiro pra comprar um pão,</p>

	<p>mas se falar ah, quero fumar uma “pedra²³”, aparece “deizão²⁴” para você fumar.</p>
Medina	<p>Por curiosidade... também porque minha avó não estava querendo nada com nada comigo e minha mãe também, já tinha levado meu outro irmão, já estava brava também aí foi.</p> <p>[A mãe] ficava no bar, eu ficava vendo aquelas coisas, os caras vendendo droga. Aí eu comecei a vender droga também e comecei a roubar, aí foi começando a desgraça.</p> <p>Minha mãe (...) tinha que cuidar mais de mim, porque ela só gostava de ficar no bar só, bar... e trazer macho em casa, porque a casa era dela e ela fazia o que queria. Aí eu falei: então eu vou sair dessa casa aqui. A hora que eu pensei em sair, que peguei minhas coisas, a hora que eu voltei para pegar minha mala, ela já tinha ido para a praia. Ela foi pra praia com meu irmão, ele tinha problema também.</p> <p>Ah, porque eu ficava pensando que ninguém gosta de mim, então eu vou ver quem gosta de mim é a rua e só isso pra mim eu pensava. Ninguém gostava de mim, minha avó jogou eu pra rua. Não é porque minha avó quis, é que ela não tinha condições de cuidar, já estava cuidando dos meus outros irmãos, minha mãe foi irresponsável e jogou eu na rua, aí ela [a avó] viu que eu estava abandonado na rua, não estava voltando mais pra casa aí ela ligou para o Conselho Tutelar, aí me levaram para o abrigo.</p>
Elídeo	<p>(...) meu pai também era usuário e isso aí gera uma coisa mais fácil, meu pai me dava droga para mim vender e acabava usando.</p> <p>(...) se eu fizesse algum tipo de uso de substância, daí vem na hora a vontade.</p> <p>Pesquisador: Você está me dizendo que uma droga puxa a outra? Adolescente: Com certeza.</p> <p>(...) se tivesse mais aproximado da família, mais do lado ali né, eu fui criado solto na rua, brincalhão, ficava na rua até tarde, eu achei que gera uma confiança né, que o filho pode, pode sair né, quando eu tinha 13 e 14 anos já estava saindo com os colegas e ficava bêbado.</p> <p>Acho que estudando e trabalhando não tinha causado tudo isso. Porque o serviço e a escola estimula o cara para várias coisas, mas quando você está usando droga você não lembra de nada disso.</p>

²³ “Pedra”: refere-se ao *crack*, chamado assim devido sua estrutura em formato de pedras.

²⁴ “Deizão”: gíria popular para se referir ao valor monetário de dez reais.

12) “*Eu queria o poder, eu sempre me senti menos que os outros*” - A possibilidade de uma vida mais atraente

É forte o sentido de que a droga oferece uma vida atraente e prazerosa. Os adolescentes manifestaram o desejo de vivência de prazer, percebem-se necessitados de emoções, de estarem com mulheres e justificaram este ato através da facilidade de acesso e disponibilidade da droga. A sensação de poder que a droga conferia também foi mencionada, ela garantia aos adolescentes um *status* de superioridade extremamente significativo. Com isso, também apareceu o desejo de refugiar-se, é como se a realidade os oprimisse e então necessitassem aliviar essa pressão do cotidiano.

NOME	DISCURSO QUE JUSTIFICA
Wagner	[Com a droga] sempre tinha algo pra fazer, “catar umas mina ²⁵ ”, sempre algo diferente ele [tio] tinha pra nós fazê, por isso que eu comecei a ficá amigo dele e sempre ta junto com ele, na banca ²⁶ dele lá. Prazer. Prazer que iria trazer a droga. Um refugio! Dos problemas. Pra mim esquecer. (...) Eu me sentia bem, estava aliviado. Esquecia dos problemas.
Vinícius	Vou pensar numa forma de te explicar... sei lá, você procura o baguio para aumentar uma coisa... que nem a cocaína, uns piá cheiram para poder roubar, porque não dá medo no cara, ele se sente maior. Eu queria o poder, eu sempre me senti menos que os outros e ali eu vi que o moleque ali tinha respeito. Eu sempre fui criado ali no meio dos “piá” né, sempre tava ali, né.

13) “*Servia como uma fuga...*” - A droga restringindo possibilidades

Apesar de o *crack* significar a possibilidade de uma vida mais atraente aos seus usuários, os jovens também manifestaram que a vivência com a droga, paradoxalmente, também é de opressão, de temor, de uma vida de horizontes estreitos.

²⁵ “Catar umas mina”: É uma gíria utilizada para se referir ao fenômeno contemporâneo do “ficar”, significa beijar algumas garotas sem o compromisso de manter um relacionamento duradouro.

²⁶ “Banca”: termo utilizado para se referir a “lugar” ou “local”, no contexto da fala do adolescente Wagner, banca se referia a casa do seu tio.

NOME	DISCURSO QUE JUSTIFICA
Mateus	Eu fumava sei lá, às vezes nem eu sei também. Prazer você não tem nenhum com mulher, brocha o cara.
Vinícius	<p>E em casa tinha uma janelinha assim [colocou as mãos em paralelo indicando o tamanho da janela], e o tempo inteiro eu ficava ali, olhando aquela janelinha com medo dos “homens²⁷” entrar para dentro de casa, então de certa forma eu estava usando aquilo ali para ficar acordado porque eu já estava com medo deles entrarem. Então eu tinha que me manter de alguma forma para eu poder sair dali quando a “casa cair²⁸”.</p> <p>Que nem eu falei, o medo... a satisfação [com a droga] era você saber que não ia ter aquela consequência que você estava imaginando. Você poder escapar disso mesmo tendo aquele medo constante.</p> <p>Servia como uma fuga também.</p>

14) “*Eu vi que não tinha mais jeito, sozinho não ia conseguir mais*” - O usuário de *crack* é alguém que precisa de ajuda do Outro

A experiência com o *crack* não retira dos adolescentes a capacidade de juízo acerca de si próprio, sendo assim, os mesmos são capazes de reconhecer o momento em que perceberam necessitar ajuda para romper o compromisso com a droga. Conforme relataram, no momento em que constatarem a impossibilidade de ser diferentes e a percepção de seu modo de ser-no-mundo como autodestrutivo, associado ao desejo de cuidar-se, é que sentem a necessidade de ajuda.

NOME	DISCURSO QUE JUSTIFICA
Wagner	<p>Quando eu vi que não tinha mais jeito, sozinho não ia conseguir mais. Quando eu vi que sozinho já era! (...) Fiquei com medo de morrer, da minha família me mandar embora da casa.</p> <p>Podia morrer de overdose ou ficar devendo pro traficante e ele vim me matar. Alguma coisa podia acontecer, só coisa ruim.</p> <p>Eu já tinha prometido varias vezes que ia mudar, ia mudar, ia mudar e eu já tava cansado da mesma história. (...) Nem eu acreditava mais.</p>
Vinícius	(...) depois de um tempo que eu vi passar na televisão e ver a situação dos caras e comecei a ver que eu estava entrando na “nóia”, eu cheguei

²⁷ “Homens”: termo utilizado para se referir aos policiais.

²⁸ “Casa cair”: é utilizado para dizer sobre o momento em que as coisas não dão certo, geralmente, os usuários se referem à esse momento quando a polícia os descobrem ou os prendem em atividade ilícita.

	no ponto. Antes de vir pra cá eu falei: nossa, vou acabar me destruindo nisso daqui.
Elídeo	(...) eu me senti que estava ficando fraco, cansado, estava emagrecendo muito, perdendo muitas coisas, já tinha perdido metade das minhas roupas, pegado bastante coisa de casa.

15) “*Daí eu falei pra eles arrumar um tratamento pra mim*” - Pedido de ajuda

Diante do alto poder que as substâncias contidas no *crack* tem para causar dependência e, em relação à ruptura desse vício, os adolescentes expuseram que para conseguir deixar o *crack* foi necessária uma força interna para pedir ajuda e interromper o uso e uma força externa a eles, capaz de retirá-los da condição de usuários. Alcançaram esse afastamento somente através de internamentos por eles vividos, no qual pediram ajuda e alguém lhes ofereceu esta oportunidade; quando foram determinados pelo juiz do município ao tratamento compulsório; ou quando cessavam o uso por estar na condição de tratamento com viés de abstinência.

NOME	DISCURSO QUE JUSTIFICA
Wagner	Depois que eu comecei a usar eles [familiares] queriam me ajudar da melhor maneira possível, me levando em psicólogo, conversar com promotora, delegacia, daí quando eles viram que não tinha mais jeito, procuraram o juiz, pra poder me internar compulsoriamente. Só o internamento me afastou do uso. Que mesmo a polícia indo atrás de mim, os Conselhos, meus pais falando, todo mundo querendo me ajudar eu não conseguia me livrar da droga, sempre tinha que ter maconha, bebida ou o <i>crack</i> , que era o que eu mais gostava.
Mateus	(...) aconteceu de eu ter bebido uns tempos atrás, antes de vir pra cá, porque eu tinha brigado com a minha irmã, eu fui pro bar beber, “chapei o coco ²⁹ ”, daí eu fui preso, deu desacato à autoridade, daí eu fui preso. Daí eu falei pra eles arrumar um tratamento pra mim. Minha mãe falou também, daí eles arrumaram pra mim o Marev ³⁰ . Foi a partir da onde eu queria se tratar.
Medina	Só quando eu era internado [cessava a vontade de fumar].
Elídeo	(...) pedindo ajuda para os familiares. Daí tinha uma vizinha minha que me ajudou bastante, correu tudo atrás pra mim e foi quando eu entrei para esta casa de recuperação.

²⁹ “Chapei o coco”: termo utilizado para se referir à embriaguez causada pelo álcool. “Coco” refere-se à cabeça e “chapar” significa entorpecer, portando esta gíria se refere à um entorpecimento da cabeça.

³⁰ “MAREV”: Maringá Apoiando a Recuperação de Vidas, comunidade terapêutica do município de Maringá que atende homens de 12 a 50 anos usuários de substâncias psicoativas, cujo tratamento consiste numa série de oficinas e terapias de grupos de ajuda mútua e visa a abstinência total do uso.

16) “*Eu enxerguei que podia ter uma mudança de vida*” - Abrindo horizontes alternativos

Após algum período de tratamento e de afastamento do *crack*, os adolescentes foram capazes de mostrar um diferente olhar sobre si e de vislumbrar a possibilidade de continuar suas vidas na ausência dessa droga. Começam a resgatar o amor próprio, respeitam o poder destrutivo que a droga possui e avaliam melhor o que perderam durante o uso, até mesmo o quão penoso foi realizar um tratamento e como perdiam a oportunidade de viver outras possibilidades enquanto estavam internados.

NOME	DISCURSO QUE JUSTIFICA
Wagner	(...) agora com o tratamento, eu sabendo, agora, palavra de Deus e tudo que foi passado pra mim aqui, se eu praticar eu consigo.
Vinícius	(...) hoje eu começo a ver que perdi 100% do controle da vida. Cheguei ao ponto de fumar <i>crack</i> , cheirava cocaína, já cheguei num ponto exagerado.
Medina	Ah... depois que eu comecei... ah.. [pensava], vou ficar aqui esses dias e depois eu vou embora e começo a usar de novo, eu que se foda, não quero saber da minha mãe mesmo. Daí eu comecei a ficar mais dias internado, porque antes eu ficava só uma semana e saía, sete dias eu ia embora, então começou a me colocar em outro lugar que ficava mais tempo, pra eu ficar mais choque, daí eu parei, falei que não, ficar trancadão, ficar aí, meu irmão me dando as coisas e eu fumando essa desgraça e ainda ficar internado ainda! Falei que não, vou parar com isso aí. Aí eu peguei e parei.
Elídeo	Eu posso ver que eu tenho uma mudança, daí eu enxerguei que eu podia ter uma mudança de vida. (...) acho que eu voltei minha saúde como era antigamente, mas eu fiquei com uma sequela.

17) “*Eu pretendo terminar meu colegial, entrar numa faculdade... construir uma família e ter uma vida digna*” - Delineando um projeto de vida sem a droga

Após passarem por algum tipo de tratamento os adolescentes atribuíram um novo sentido para a experiência com o *crack*, parecem reconhecer seus limites para não usarem outras drogas, pois correm o risco de despertar o desejo de retomar o uso da droga, começa a

aparecer uma consciência mais crítica que lhes assegura maior responsabilização sobre o que precisam, podem e devem viver. Quanto aos vínculos familiares, apesar da fragilidade que ainda se mantem, foi possível identificar que essa dificuldade de entendimento não é mais determinante para o uso de drogas.

NOME	DISCURSO QUE JUSTIFICA
Wagner	<p>Agora eu vejo com muito mais responsabilidade, que eu perdi meu pai e minha mãe e agora vai ser só eu e agora vamos ver o que me espera. Eu pretendo terminar meu colegial, entrar numa faculdade e seguir minha vida, fazer uma família, construir uma família e ter uma vida digna.</p> <p>A questão do <i>crack</i> é que sempre vai dar vontade de eu usar né, só que isso eu vou ter que saber que eu não posso, saber controlar, vou ter que ir nos grupos, não posso esquecer das pontualidades e tentar levar uma vida mais certo o possível.</p> <p>(...) eu ainda pensava que podia tomar uma cervejinha. Eu já vi depoimentos de colegas meus que falam que recaíram por causa de uma cerveja, então eu vejo que eu com 18 anos agora, é difícil saber que não vou beber mais, mas vai ter que ser assim, sem bebida.</p>
Medina	<p>Tô ajudando minha mãe em casa, ela me dá o que eu quero, me dá meu <i>short</i>, me dá meu tênis, ela não né, meu padrinho, ele me dá as coisas, me dá uma aposent.... me dá uma tipo mesada por mês, eu compro minhas coisas porque ela, eu não peço mais nada para ela. Moro em casa, só que a casa é do meu irmão, ele que alugou a casa entendeu, não peço mais nada para ela. Não converso mais com ela porque ela jogou eu na rua. Ela conversa com meu padrinho, mas eu não converso com ela não.</p>
Elídeo	<p>Hoje [quem ajuda] é as famílias né, e as pessoas da casa de recuperação né, os coordenador, os psicólogos que ajuda tudo né, os pedagogo, tudo isso fortalece de não usar né, é uma confiança que você consegue dentro de uma casa de recuperação.</p>

Ao nos relatarem suas vivências com o *crack*, e, nós, ao buscarmos pelos seus sentidos, pudemos ver os aspectos marcantes no mundo vivido desses jovens, que ao escolherem fazer uso da droga, acolheram também, um caminho a ser trilhado. Caminho esse revelado pelos seus próprios dizeres, síntese de vivências e sentidos, constitutivos de projeto singular com o *crack*.

7 DISCUSSÃO

Com base nos resultados apresentados por meio das unidades de significados, retomaremos alguns conceitos trabalhados nos capítulos anteriores e buscaremos tecer uma relação desses conteúdos com os sentidos expressos nas falas dos adolescentes, buscando, dessa maneira, fomentar algumas discussões que possam contribuir para esclarecer algumas facetas do fenômeno de uso/abuso de drogas.

Em relação à maneira pela qual os adolescentes se aproximam do *crack* e assim caracterizam seu primeiro contato com esta droga, pudemos perceber que tal atitude não acontece como se fosse um evento aleatório na vida dos adolescentes, pelo contrário, a escolha do uso do *crack* está intimamente ligada a um modo de existir, de ser-no-mundo. Compreende-se aqui a impossibilidade de uma análise factual sobre este evento, ela é histórica e processual.

Nesta perspectiva, é possível estabelecer uma correlação entre a iniciação de consumo de *crack* com os estudos de Lima (2009), a qual afirma que o sujeito, ao mesmo tempo em que é individualidade e singularidade, não deixa de ser resultante de seu tempo, de sua cultura, contexto social e, por isso, passível de ser compreendido na co-determinação homem-mundo e mundo-homem. Em outras palavras, a presença do *crack* na vida dos adolescentes evidenciou o modo de ser no mundo deles. Com base nos resultados obtidos através das entrevistas, foi possível compreender que a aproximação com o *crack* não aconteceu como se fosse uma curiosidade sem sentido ou sem fundamento, mas através de uma aproximação geográfica e social com a droga para então criar-se a necessidade ou a curiosidade do uso.

Os adolescentes revelaram a necessidade de viver uma experiência diferente de sua realidade quotidiana, mostraram-se curiosos pelo bem-estar proporcionado pelo *crack* comentado por outros usuários. Como que encantados por uma felicidade desconhecida, mas percebida no Outro, criaram para si a necessidade de alcançarem o mesmo estado, revelando, ao mesmo tempo, a insuficiência de sua realidade objetiva para tal. Além disso, encontramos identificação com os estudos de Groisman e Kuznetzof (1984), pois consideram que o adolescente pode afirmar-se pela droga perante um grupo na tentativa de constituir sua identidade. Acrescido a isso, temos Paiva, (2002) que garante ser na adolescência o período do desenvolvimento humano em que o sujeito se encontra ávido por novas experiências, o que lhe gera intensa curiosidade.

A realidade para os adolescentes é percebida como opressora, difícil de ser vivida, com sucessivas decepções familiares e valores contraditórios, como por exemplo, recebem o amor familiar, mas logo são surpreendidos pelas agressões físicas deste ambiente. A experiência da droga parece, num primeiro momento, um apoio para lidar com sua insuficiência de Ser diante da vida. Sobre isso Perdigão (1995) contribui quando diz que o uso de drogas pode estar relacionado à “ânsia de Ser”, por se reconhecerem insuficientes, os adolescentes recorrem aos objetos do mundo na tentativa de encher-se de si mesmos.

Segundo Sponchiado (1989), Sartre entende o homem como um ser-no-mundo, ou seja, é por meio da relação que estabelece entre o meio, seu corpo e sua consciência que o homem cria e recria sua personalidade enquanto possibilidades de ser, de “essencializar-se”. O projeto existencial direciona o Ser no encontro com sua personalidade.

Diante disso, quando analisamos a seguinte fala de um dos adolescentes entrevistados: “Ah, eu pensava assim, perdi, agora não vai ter mais como voltar e agora vou ter que usar, desgracei tudo a vida.”, vemos que um sentimento de fracasso, de ser vencido permeia sua narrativa, ou seja, havia um projeto existencial o qual não obteve sucesso, mas o que mais chama a atenção é a impossibilidade de criar um novo projeto para si diante de seu sentimento de fracasso.

À medida que usavam o *crack*, percebiam a perda da promessa de uma vida melhor, pois rapidamente se viam lançados em situações perigosas e comprometedoras enquanto mantinham a repetição do uso, por conta da dependência física e psicológica em relação à droga. Surpreendidos pelo comportamento compulsivo que acompanha o uso do *crack*, passaram a reconhecer os limites que droga oferecia, sem, contudo, que esta constatação fosse suficiente para a interrupção do uso. A necessidade de preencher-se de algo, de alegria, de prazer ainda é uma escolha que prevalece sobre a valorização de outras possibilidades de Ser. E é precisamente no uso que ocorre a distorção do exercício de autocuidado.

Vianna e Sipahi (2001), contribuem quando comentam que a dependência se estabelece quando o sujeito nega todos os apelos do mundo e passa a limitar o autocuidado à uma única possibilidade de viver melhor, que no caso dos adolescentes foi o projeto de uso/abuso. Uma fala que justifica tal afirmação é quando um adolescente afirma: “[a droga] Deu nada pra mim, tudo o que eu conquistei com ela, eu perdi... perdi saúde, perdi família, perdi tudo”.

Talvez, essa continuidade do uso pode estar relacionada com o que Bessa (2004) assevera quando diz que a fase do desenvolvimento humano chamada adolescência é marcada por um forte sentimento de onipotência e faz com que se coloque constantemente frente aos

seus limites. Este é um movimento de criação da identidade comum deste período, assim, a continuidade do uso acontece mesmo que os adolescentes percebam os prejuízos do consumo.

Além disso, não podemos perder de vista a instância física do corpo na qual os adolescentes estão sujeitos às alterações fisiológicas que os mantem na repetição do uso mesmo constatando os prejuízos que a droga lhes causavam. Conforme Lima, Ribeiro e Fonseca (2012), a substância psicoativa atuará no sistema neuro-límbico-mesocortical, conhecido também como Sistema de Recompensas, e nela ocorre a memorização do estímulo positivo. Diante da falta de neurotransmissores que desencadeiam sensações de prazer, o corpo sente a necessidade de uma nova descarga desses neurotransmissores ligados ao prazer, assim, repete-se o uso na tentativa de encontrar novamente o prazer registrado como positivo nas primeiras experiências com a droga.

No momento exato do consumo do *crack* os adolescentes identificaram um prazer sem explicações, e neste instante eles subjetivam as reações químicas que ocorrem em seus organismos, criando para si uma referência sobre estas sensações. A liberação de dopamina e outros neurotransmissores ligados à sensação de prazer é tão intensa que os adolescentes não encontram vocabulário que representem tal emoção, além disso, o desprazer que acontece logo após o uso também interfere na clareza com a qual se experiencia o efeito do *crack*.

Nesse sentido, os adolescentes estão diante da primeira fase que caracteriza a instalação da dependência da droga que é explicada pela Teoria do Processo Oponente citada por Lima *et.al.* (2012). Por este modelo teórico o indivíduo atinge um pico de sensação de prazer após alguns minutos de experimentação da droga, precisamente este pequeno período é descrito pelos adolescentes como um prazer incomensurável.

Vemos que a cada sensação nova que o adolescente experimenta, cria para si um novo referencial ou representante que constituirá sua subjetividade, é exatamente desta maneira que ocorre a apreensão do mundo pelo Ser e isso vai ao encontro com a explicação de Schneider (2002), quando afirma que na primeira infância, o Ser se encontra ainda indiferenciado dos objetos/pessoas do mundo e o processo de subjetivação acontece, inicialmente, de maneira alienada, sem que possa ter ainda uma consciência crítica do eu. Diante disso a criança existe no mundo através de um projeto existencial futuro que lhe é passado pelos outros (pais, cuidadores e a sociedade como um todo) e vão definir suas escolhas e vivências que irão ser apropriadas no processo de subjetivação e constituir sua identidade, dessa forma a criança será aquilo que ela fez daquilo que fizeram com ela e com seu futuro. Portanto, o prazer revelado pelos adolescentes faz parte do projeto existencial e

está ligado à representatividade que o *crack* significa para sua consciência, isso só foi possível pelo processo de subjetivação.

Interessante notar que mesmo diante de uma substância psicoativa como o *crack*, que altera a percepção da realidade, os adolescentes permanecem captando seu Ser enquanto consciência de si, ou seja, é ininterrupto o processo de subjetivação da objetividade e por isso o adolescente é capaz de revelar sua percepção sobre si mesmo durante o uso. Os adolescentes mostraram que no momento do uso do *crack*, tornavam-se um Ser diferente para si. Diziam que a “mente fica alvoroçada”; “via bichinhos”; “parece que tem alguém te vigiando”, etc e mediante este fato, podemos afirmar que mesmo em uso o adolescente apresenta uma leitura da realidade e, portanto, não está isento da responsabilidade dos seus atos.

É importante ressaltar que essas alterações só são possíveis pela entrada de alcaloides de cocaína presentes no *crack* e interferem no sistema senso-perceptivo do Sistema Nervoso Central (SNC), pois como explica Nudelman *et. al.* (2012), esses alcaloides apresentam estrutura semelhante a neurotransmissores e, por isso, vão atuar em uma ou mais funções do SNC alterando a percepção da realidade.

Ao mesmo tempo em que percebemos estimulações do sistema nervoso na presença do *crack*, vemos o quanto sua falta também altera a organização física e mental desses adolescentes. Da mesma maneira que a presença do *crack* confere uma sensação de bem estar, sua ausência no organismo é tão devastadora que impulsiona os adolescentes a se submeterem a diversas situações de risco para poderem livrar-se do constante desejo de usar. Diante dos sofrimentos causados pela fissura, partem em busca de alívio a qualquer preço, percebemos, então, quão frágeis esses adolescentes se encontram frente a essa circunstância, a ponto de subverterem leis e normas que regem a sociedade no intuito de conquistarem sua autorregulação.

Lima *et.al.* (2012), acrescenta que o sofrimento psíquico causado pela fissura do *crack* pode trazer consequências para o indivíduo como doenças psiquiátricas, déficit de atenção, agressões e transtornos de ansiedade. No caso dos adolescentes entrevistados, ter ciência ou não das consequências nefastas que a falta do *crack* no organismo poderia causar não interferia na decisão de repetição do uso.

Parece que o “lugar existencial” que a experiência do uso do *crack* confere aos adolescentes, é interpretada por eles como um lugar para seres humanos da pior estirpe e ratificam este lugar diante da impotência de superação desse quadro. Parece-nos que esta é uma percepção comum aos adolescentes quando se percebem cedendo ao uso do *crack*. Vemos aqui que, de alguma forma, os adolescente rompem com seu projeto existencial de

sucesso e entendem o uso da droga como uma escolha de fracasso, dessa forma, desmistifica-se a ideia de que o usuário não sabe o que está fazendo quando inicia o uso do *crack*, tem ciência do que está escolhendo para si e sabe que os prejuízos são grandes, porém há outros tipos de fatores que vão influenciar nessa escolha, como o desejo do prazer, as fugas psicológicas e a curiosidade.

Nesse sentido recorremos a Giles (1989) quando fala que o homem é antes de tudo um projeto que se vive subjetivamente, não há nada além daquilo que o homem projeta ser. Essa ideia remete à responsabilidade humana, em que o mesmo é responsável por aquilo que é, podemos traçar um paralelo com a situação dos adolescentes entrevistados, pois a escolha do uso de *crack* é também um projeto existencial, porém os mesmos revelam que não conseguiram assumir as responsabilidades dessa escolha, ou então, alcançavam uma condição diferente daquela que imaginavam que o *crack* lhes asseguraria.

Diante da compulsão que advém da repetição do uso de *crack*, os adolescentes frequentemente recorreram à maconha como alternativa para cessarem o desejo de usar o *crack*. Evidente que muitos deles não conhecem a classificação das drogas e que a maconha é considerada depressora, porém seu efeito é conhecido e atribuem a ela um sentido “terapêutico” para o mal-estar frente ao *crack*. Para os adolescentes não existe saciação no uso de *crack*, somente através de alguma força externa à eles é que poderiam interromper o uso, caso contrário, a vontade acompanhada da fissura os prendiam à compulsão.

Vale ressaltar que os adolescentes vão escolher para si apenas aquilo que sua consciência capta e dá sentido, nessa perspectiva, poderíamos questionar por que os adolescentes não procuram outra droga (medicação, por exemplo) ao invés da maconha para minimizar os efeitos do *crack*. Assim, a escolha da maconha deve ser compreendida como uma realidade que compõe o cabedal de possibilidades que suas consciências podem captar, faz parte do meio social em que vivem e entendem a maconha como um recurso de autorregulação, talvez se a realidade social desses adolescentes fosse outra, teríamos a eleição de outro tipo de droga, porém como o mesmo sentido de “terapêutica”.

Do ponto de vista do existencialismo, o vício limita a percepção de outras possibilidades de ser, é como se houvesse satisfação apenas na correspondência do vício, chamamos isso de um estreitamento de horizontes de possibilidades, ou seja, a experiência de subjugação à droga leva o indivíduo a reduzir suas possibilidades de ser diferente, resultando na repetição do uso.

Em outras palavras, o estreitamento do horizonte de possibilidades remete a ideia de que este poderia existir através de outros projetos, de outras formas, como atividades

esportivas ou intelectuais, atividades sociais como a participação de grupos culturais, por exemplo, que poderiam garantir alguma espécie de satisfação, todavia, existe uma preferência por limitar suas escolhas à um mesmo projeto que é o da repetição do uso, pois o ganho emocional e de satisfação que adquire é extremamente rápido e imediato no uso, muito diferente das demais possibilidades de existir já que as percebem como muito custosas para garantir algum tipo de satisfação.

Diante disso podemos afirmar com segurança que o *crack* é um droga que não favorece o uso esporádico, pois seu alto poder de dependência influencia sobremaneira a condição de cessar o uso, sendo assim, o *crack* ganha uma configuração diferenciada das demais drogas, pois é uma droga de difícil controle. Os adolescentes entrevistados divergem entre si sobre o momento da instalação do vício, talvez porque cada organismo reage de um jeito e cada história pessoal revela o vício de maneira diferente. Todavia, concordam entre si sobre a fatalidade da instalação do vício em algum momento do uso. Mesmo diante de tais circunstâncias não podemos nos esquecer que cada adolescente tem uma história que faz parte do seu modo de ser e que cada um existe no mundo enquanto ser que se escolhe. Frente ao poder da droga sobre o organismo, parece que ela retira a possibilidade de escolha do indivíduo, mas se assim fosse, não haveria a possibilidade de superação do uso, o sujeito ficaria a mercê dessa escolha sofrendo as consequências por toda a eternidade destoando, assim, da condição existencial humana de liberdade.

É sabido, conforme, Nudelman *et. al.* (2012), que a repetição do uso está ligada a um *quantum* de prazer que a droga desencadeia, bem como a via de administração pela qual será consumida. A via de administração utilizada pelos adolescentes foi a fumada, isso faz com que as substâncias presentes no *crack* atinjam o SNC com maior rapidez devido a intensa circulação sanguínea que irriga os alvéolos pulmonares.

Mesmo sob efeito da droga, os adolescentes apresentaram um reconhecimento quanto as consequências que a experiência com o *crack* poderia trazer. Diante do *crack*, eles reconhecem seu modo de ser no mundo e assim continuam se fazendo sujeitos. Frente a isso, não podemos nos conformar com explicações simplistas que consideram a “perda” do indivíduo, como se na entorpecência o sujeito não escolhesse sua vida, pois vemos o quanto os adolescentes estão cientes de sua situação existencial.

Conforme Erthal (2010) explica, para Sartre a consciência será sempre consciência-de-algo, ou seja, ela se lança no mundo e capta os objetos que rege sua intencionalidade, sendo assim, o modo como os adolescentes percebem sua realidade diz respeito à sua intencionalidade de percebê-la dessa maneira.

Existe um momento em que os adolescentes reconhecem necessitar de ajuda, de amparo. Esta percepção vem acompanhada da possibilidade que alguma atrocidade não suportável por eles irá acontecer e se percebem presos a esta condição que os fará sofrer. É como se reconhecessem objetivados em suas escolhas, ou seja, não se veem detentor do próprio destino e capazes de se direcionarem para a realização de outros projetos, é dessa forma que afirmamos ocorrer um estreitamento do horizonte existencial no qual os adolescentes não percebem outras possibilidades de existir, já que a frequência no uso de *crack* é bastante significativa e ainda continua fazendo sentido para os adolescentes.

A condição de existir em sociedade coloca os adolescentes em relação permanente com o Outro, o que significa dizer que a presença desse Outro é de fundamental importância no processo de construção da autoimagem. Neste sentido, a imagem de si que os adolescentes reconhecem no Outro enquanto usuário de *crack* é sempre de conotação pejorativa, negativa e reafirmam-se diante dela. Essa característica do existir humano está em consonância com as ideias de Perdigão (1995) quando explica que dependemos do Outro para construir a verdade sobre nós mesmos, é ele quem nos garante o conhecimento que temos do “mim” e assim o “mim” se objetiva no mundo concreto.

Perdigão (1995), afirma que dependo do Outro para construir a verdade sobre mim mesmo, é ele quem me garante o conhecimento que tenho de mim e assim me objetivo no mundo concreto. É exatamente na presença deste Outro que me percebo covarde, corajoso, justo, gordo, bonito, etc, pois ele é o intermediário que me remete a mim mesmo, no caso dos adolescentes suas falas justificam a visão o que percebiam sobre o olha do Outro: “Imagem de um cara que era sem futuro. Que vivia só pra droga. É o que eu tava mostrando para as pessoas.” ou “Que eu era um “nóia” (...) É o cara que fica vegetando na rua, só fica roubando coisa dentro do “barraco”, fica vendendo droga para fumar mais.”.

Perdigão (1995), ainda contribui que é dessa forma que o Outro limita os meus possíveis, transforma minha liberdade no limite imposto pela sua presença. O outro é indispensável ao conhecimento que tenho de “mim mesmo” como Ser que existe objetivamente no mundo real. O outro me dá o retorno de como eu sou na relação com ele. Portanto, é somente na relação com outras pessoas que os adolescentes estabelecem referenciais sobre suas condutas e criam para si uma representatividade do seu lugar no mundo.

Quando falamos sobre os fatores que os adolescentes julgaram ser influenciadores para seu consumo de *crack*, os mesmos apontaram diversos exemplos, cabe aqui algumas ressalvas no que tange à família, por exemplo. Alguns adolescentes acreditam que se tivessem

vínculos mais fortes, mais saudáveis, ou que se a qualidade dos relacionamentos entre pais e filhos fossem melhores, talvez não teriam a necessidade de usar o *crack*. Nesse sentido, vale lembrar que a família é assim percebida pelos adolescentes e não, necessariamente, é uma situação que corresponde à realidade.

Podemos inferir que o uso ou não uso de *crack* não parece estar relacionado com o conhecimento prévio da droga, dos seus efeitos e das consequências para o organismo humano, pois mesmo recebendo esse tipo de informação, parece que havia outras questões que davam sentido à experimentação do *crack*, como a curiosidade, necessidade de alívio, desejo de viver uma felicidade ou bem-estar experimentada pelos colegas, desejo de poder e de afirmação, entre outros sentidos atribuídos pelos adolescentes.

Ante o relato de nossos entrevistados, entendemos que os adolescentes são capazes de identificar em si a responsabilização pela escolha do uso de *crack*, todavia, ela ocorre como uma análise superficial presente em apenas determinadas condutas. Sabemos que o sujeito se faz homem a cada atitude que é precedida de uma escolha, assim, estamos diante de adolescentes cuja maturidade de se perceber escolhendo a todo instante não é uma realidade para eles, entendem ser responsáveis até certa medida.

Sobre isso, Sartre (1987), traz sua grande contribuição ao afirmar que a vida é permanente escolha, e, com cada uma de nossas escolhas, escolhemos o que somos, definimos a nós mesmos, por nós mesmos. A cada instante temos que optar um valor, uma regra de conduta. O que nos angustia é saber que não temos certezas a recorrer para orientar as nossas escolhas. Entendemos aqui que os adolescentes não se fazem homens através daquilo que dizem que são ou sonham em ser, mas precisamente pelo ato de se escolher, é na atitude que se reconhece um homem.

O autor ainda faz menção sobre os mecanismos que envolvem as escolhas, portanto quando escolho uma coisa, também escolho negar todas as outras, escolher significa optar por uma possibilidade, ao mesmo tempo em que se nega todas as outras. É dessa maneira que o homem segue o princípio do não-ser, do nada, o futuro está por fazer e o homem será o que construir para si. Este movimento da consciência se confirma quando olhamos para as unidades de significado reveladas nos discursos dos adolescentes, como por exemplo, a sensação de que o *crack* lhes exercia uma força incontrolável sobre sua própria vontade, vemos o quanto suas escolhas aparecem limitadas nesse momento de suas vidas e objetivadas no discurso: “Eu já estava dominado pela droga”.

Cabe nos perguntar, o que esses adolescentes estão deixando de escolher? Quando revelam que o *crack* subjuga o sujeito percebemos que suas escolhas agora estão à mercê até

da facticidade farmacológica, funcionando como fator limitador para escolhas autênticas que tenham a ver com o projeto existencial desses adolescentes. Isso se confirma no discurso: “Quem fuma *crack*, pra mim é ‘nóia’”, as possibilidades de ser diferente se restringem à imagem depreciativa de si que reflete no estreitando o horizonte existencial, na qual suas escolhas seguem o limite precário que sua consciência é capaz de perceber enquanto ser-no-mundo.

De uma maneira geral, o *crack* parece devolver aos adolescentes uma parte de si que consideram ter perdido, assim o fazem quando apontam sempre para uma deficiência pessoal e que esta droga parece suprir, seja através da necessidade de fuga, do prazer, da busca pela novidade ou pela sensação de autossuficiência que o *crack* lhes oferece uma vez que se percebem com extrema baixa estima.

Os adolescentes reconheceram que a ruptura do uso do *crack* só foi possível mediante ajuda externa, sem a qual não conseguiriam cessar o uso da droga. Evidente que cada indivíduo constrói para si sua recuperação através de suas escolhas como trazido no capítulo 3, mesmo diante desta condição, os adolescentes ainda compreendiam seu modo de ser-no-mundo definido somente a partir das circunstâncias da vida. Destituem, dessa forma, a responsabilidade pessoal do seu sucesso.

Apesar de os adolescentes conseguirem dar um novo sentido para a experiência com o *crack*, como a valorização da família, reconhecimento do limite pessoal, enfim, ainda assim, estariam sujeitos a repetição do uso num futuro, pois enquanto não assumirem para si a responsabilidade e compromisso com a própria existência, estariam realizando apenas uma espécie de isolamento da droga e não uma atividade reflexiva. É dessa forma que encontramos congruência quando Abbagnano (1984) afirma que os autores existencialistas têm em comum o interesse mútuo de compreender a relação homem-mundo. A análise existencial se dá sobre os diferentes modos de ser e como o mundo se desdobra para o homem influenciando suas possibilidades de existência. Vemos aqui a mudança de paradigmas que os adolescentes viveram após a experiência com o *crack* e o quanto a análise existencial pode contribuir para a compreensão humana.

Quando analisamos o seguinte trecho extraído da fala de um dos adolescentes: “É que a palavra “*crack*” é muito forte e só de você falar que está nessa vida você perdeu né (...)", podemos discutir o quão forte é o sentimento de fracasso diante da vida que está implícito nessa fala, mas poderíamos nos perguntar, o uso/abuso não era um projeto por ele almejado e não obteve sucesso com isso? Não se trata de ser um projeto falso, mas sim um projeto alienado, proposto por um Outro e assumido a partir de uma consciência não crítica.

Assim, o projeto de uso/abuso se revela diferente do esperado. Este mesmo pensamento vai ao encontro com a fala de outro adolescente quando comenta sobre o uso/abuso do *crack*: “Uma falsa sensação de prazer, de alegria, de acreditar que podia ser assim, sei lá, mudar o mundo, ser diferente”.

Sobre isso Perdigão (1995), contribui ao afirmar que frequentemente mentimos para nós mesmos para termos a sensação de que não somos responsáveis pelo que somos ou pelos nossos atos. Não queremos ver que somos covardes, por exemplo, já que somos responsáveis pelos atos que nos fazem covardes, da mesma maneira como os heróis se fazem heróis. Assim, é bastante comum encontrar aqueles que se conformam com aquilo que não puderam ser ou fazer, argumentando que a vida não lhes permitiu espaço para ação e conspiraram contra seus sucessos. Essa prerrogativa compreende a dificuldade dos adolescentes em assumir o fracasso de suas escolhas quando diz “uma falsa sensação de prazer”, ou a constatação de que “só de falar que está nessa vida você perdeu”, assim assumir as consequências do seu fracasso existencial é muito difícil e exige bastante maturidade para conseguir fazer esta passagem e não permanecer em má-fé.

Para entender melhor como se dão as escolhas não autênticas, recorreremos à Schneider e Antunes (2010), pois explicam que Sartre considerava a existência de dois tipos de consciência. A *consciência irrefletida* (de primeiro grau) não posiciona o Eu, não a toma para si mesma, já a consciência de segundo grau é sempre uma *consciência refletida*, o Eu é quem define e se posiciona sobre ela mesma e os objetos do mundo.

Nesse sentido, quando os adolescentes assumem o projeto de uso/abuso o fazem de maneira irrefletida, podemos afirmar isso pela incompatibilidade do que projetam e a surpresa desagradável das consequências, ao passo que se o projeto de uso/abuso fosse realizado de maneira crítica, ou com consciência refletida, teríamos maior clareza dos riscos e consequências podendo o sujeito assumir esses riscos ou não, como por exemplo a fala do adolescente a seguir: “A questão do *crack* é que sempre vai dar vontade de eu usar né, só que isso eu vou ter que saber que eu não posso, saber controlar, vou ter que ir nos grupos, não posso esquecer das pontualidades e tentar levar uma vida mais certo o possível.”, vemos que o adolescente pode optar pelo uso, porém não identifica que este projeto de uso/abuso faça sentido agora depois de reconhecer os prejuízos que teve enquanto permanecia nesse projeto, portanto o uso/abuso não se torna mais uma escolha inautêntica, ela passa pela instância crítica que avalia os riscos e valoriza o Ser.

A fala a seguir é outro exemplo de uma consciência refletida: “(...) eu ainda pensava que podia tomar uma cervejinha. Eu já vi depoimentos de colegas meus que falam que

recaíram por causa de uma cerveja, então eu vejo que eu com 18 anos agora, é difícil saber que não vou beber mais, mas vai ter que ser assim, sem bebida.”

Em suma, o homem é livre para se escolher e definir sua existência e o modo como existirá no mundo (Sartre, 1970), todavia essa mesma liberdade de escolha permanece enquanto condição ontológica do homem e atende à uma facticidade que são os limites dessa escolha. Diante disso, podemos considerar a existência da facticidade para os adolescentes em estudo sob três grandes contextos: o biológico, sociológico/antropológico e o existencial.

Do ponto de vista biológico, todo tipo de influência relativa ao período do desenvolvimento humano chamado adolescências permeará a escolha desses adolescentes, portanto, o imediatismo, as alterações hormonais que refletem no humor, a novidade do desenvolvimento sexual e a intensa necessidade de busca de prazer vão estar presentes na escolha do uso do *crack*. Poderíamos pensar que da mesma maneira esta condição está posta para tantos outros adolescentes que não fazem uso do *crack*. Para responder a isso, seguimos com a discussão de outra facticidade, a de contexto sociológico/antropológico.

Os adolescentes do estudo vivem a liberdade de se escolherem usuários de *crack* na interação com seu contexto social o que os impele a se apropriarem dos valores de suas culturas através da relação de uma construção dialética do seu vir-a-ser. Nesse sentido, a pressão por fazer parte de um grupo, os tipos de amigos, os rituais de passagens para sua integração no grupo e a forte necessidade de pertencimento à algum referencial que lhes garantam a construção de sua identidade vão estar presentes na liberdade de se escolher.

Acrescido a isso, temos ainda outros elementos importantes vistos no Capítulo 1 - O *Crack* e no Capítulo 2 – O Jovem e o uso das Drogas que compõem a “facticidade sociológica”, por assim dizer, ou seja, características presentes na sociedade que influencia, até certa medida, as escolhas dos adolescentes, como por exemplo: aumento do número de novos usuários de drogas psicotrópicas a cada ano (de 0,5% em 2001 para 1,1% em 2005, na região Sul do Brasil, CEBRID, 2005); dificuldade de combate às drogas (primeiro relato do aparecimento do *crack* foi em 1990; em 2011 a ONU estimou que o *crack* já está presente em 98% das cidades brasileiras); dificuldade de resgatar os valores educacionais e preventivos para populações desfavorecidas economicamente; falta de acesso à informações; dificuldades de inserção econômica e desenvolvimento profissional. Esses fatores surgem enquanto limite social e estão intimamente ligados aos fatores de influência da liberdade de escolha e de ser-no-mundo desses adolescentes.

Cabe salientar que em nossa sociedade atual, que enfatiza o prazer, a busca da felicidade, o sucesso e, conseqüentemente o individualismo, acaba colocando tudo o que está

fora disso como “fracasso”, de maneira que vida fosse um gozo eterno. É nessa condição social que o adolescente se encontra, esse é o custo do ser-no-mundo na sociedade contemporânea, capitalista. Diante disso, Outro que o adolescente encontra está quase tão perdido quanto ele.

E então nos questionamos, podemos de fato falar em culpabilização do sujeito? Até que ponto poderíamos nos delongar nessa discussão se os referenciais que garantem a constituição da subjetividade não favorecem a auto realização desses adolescentes. Existir se torna um desafio para essa pequena parcela da população.

Por fim a condição existencial, a maneira de ser-no-mundo-com-os-Outros, ressignifica o lugar desses adolescentes como usuário de *crack* e garante assim sua existência no mundo, utilizando-se da droga como acesso para esta constituição e, através da subjetivação da objetividade ratifica seu lugar no mundo enquanto usuário de *crack* seguindo e se escolhendo segundo esse princípio.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho algumas questões relacionadas ao tema emergiram e nesse momento tentaremos respondê-las não apenas com intuito de oferecer respostas explicativas, mas também e ao mesmo tempo, contribuir para a compreensão de uma maneira ampla sobre como se deu o uso do *crack* para esses adolescentes.

As primeiras questões que tentaremos tecer algumas conclusões se referem ao objetivo do trabalho como um todo, nesse sentido cabe-nos pensar sobre: O que estaria por trás desse uso? Como o *crack* ganha relevância dentre as possibilidades de ser-no-mundo do adolescente? Qual/Quais o(s) sentido(s) atribuído(s) a esta droga ante as escolhas que esses adolescentes fazem ao construírem seu projeto existencial?

Os adolescentes revelaram que a experiência com *crack* acontece em suas vidas quando um conhecido, geralmente de maior idade, estabelece um limite que garante ao adolescente iniciar o uso de *crack* com segurança. Imediatamente à primeira experiência, o *crack* é percebido como algo novo no ciclo do vício e explicam: “*o baguio é da hora*”.

Ao que parece, o que está por trás da experiência com o *crack* é o encontro com uma sensação extremamente boa e prazerosa, concomitante a necessidade dos adolescentes de viverem experiências diferentes de suas realidades ou de sua facticidade. Entendemos aqui que a relevância que o *crack* ganha na vida desses adolescentes está intimamente ligada à situação de prazer biopsicossocial, em outras palavras, existe uma restrição na percepção de vivências prazerosas, uma percepção de isolamento ou impossibilidade na vida desses adolescentes e assim o *crack* ganha sentido na medida em que surge, aparentemente, como possibilidade de abertura para sua autorrealização. Sendo assim, existem inúmeras possibilidades de ser-no-mundo, porém o *crack* ganha relevância na medida que oferece um conjunto de sensações prazerosas não encontradas em nenhuma outra experiência cotidiana.

A escolha do *crack* como um projeto de vida e de uso/abuso, tem um ponto de partida, pois como os adolescentes são sujeitos históricos, também são resultante desse processo e tal escolha, em especial, se torna possível após se sentirem seguros na experiência com outras drogas, ou seja, conhecer outras drogas favoreceu a abertura para a descoberta de uma nova modalidade de uso/abuso que foi o *crack*. Entendemos que a apropriação de outros tipos de droga não representou mais uma experiência significativa, criando a necessidade do envolvimento com uma droga que favorecesse o potencial do entorpecimento de seu organismo.

No processo de construção de seus projetos existenciais com o *crack*, os adolescentes atribuíram diversos sentidos como a percepção de que o *crack* subjuga o sujeito, exerce uma força incontrolável sobre eles, faz aparecer um Ser diferente, a dependência os deixam marginalizados, criaram para si uma auto-imagem depreciativa, reconhecem que o Outro os enxerga dessa forma, para sair do vício necessitam do Outro, enfim, todos esses sentidos emergiram de seus relatos e revelam que os adolescentes são capazes de passar por essas adversidades justamente por perceberem que a experiência com o *crack* lhes possibilita uma vida mais atraente, como se na experiência com a droga o *Self* ganhasse um poder capaz de superar qualquer dificuldade, esse é o grande ganho no uso de *crack*.

Entendemos que estes adolescentes estão no movimento existencial de encontro consigo mesmos, a própria fase do desenvolvimento humano chamada adolescência lança-os às vivências mais intensas na construção de sua identidade, e é permeada por inúmeras dúvidas, medos, inseguranças, vemos o projeto de uso/abuso do *crack* funcionando como um fator regulador na construção de suas auto-imagens.

É como se descobrissem no *crack* um poder que os coloca numa condição superior às demais pessoas e esse lugar só é atrativo devido a insuficiência de Ser, sensação esta frequentemente percebida pelos adolescentes diante de uma baixa-estima muito forte que os caracteriza.

Todavia, ao mesmo tempo em que existe um encontro autêntico com o projeto de superar-se, ser diferente positivamente, logo se deparam com as consequências de suas escolhas. Este mecanismo envolve a função biológica pela adaptação química dos organismos humanos às substâncias psicoativas presente no *crack*; a função psicológica quando o Sistema Límbico passa a adaptar-se ao Sistema de Recompensa gerando a necessidade de maior consumo e comportamentos compulsivos; e na representatividade social a qual passam a ganhar um novo lugar.

Esses eventos não são captados pela consciência dos adolescentes e diante da falência de seu projeto o homem se angustia, ao mesmo tempo em que vive a angústia existencial de se escolher na vida sem garantias de sucesso em suas escolhas. Nesse sentido, boa parte do processo de uso/abuso é acompanhada de intensa sensação de fracasso.

Assim, após algum período na experiência com a droga ocorre, nos adolescentes, a perda do sentido do uso de *crack* ou crise existencial, porém, por se perceberem dissolvidos num automatismo existencial, repetem a experiência dando os mais variados sentidos para o uso no intuito do encontro autêntico entre o *Self* e a experiência. Neste momento o *crack* ganha outro sentido para eles, passa a ser percebido como um elemento necessário para sua

autorregulação biopsíquica, ou seja, pela relação de dependência que estabeleceu com a droga, acaba utilizando-a para aliviar os sintomas abstinentes causados pela sua ausência no organismo.

Quando decidem viver na ausência do *crack* ou cessar o uso através de um tratamento, os adolescentes revelam-se com mais auto-estima e uma consciência mais reflexiva sobre as consequências e prejuízos do uso de *crack*, o que acaba sendo suficiente para afastá-los da vivência com esta droga. Todavia, essa ampliação dos horizontes de possibilidades não garante que o uso/abuso do *crack* não seja repetida num futuro.

Conforme os estudos em fenomenologia, não há garantias que um fenômeno aparecerá segundo uma regra ou ordem pré-estabelecida, ou que seria possível prever as escolhas dos homens no futuro, pois não há nada que o defina *a priori*, tornando-se sujeito de sua própria escolha. Em acréscimo a esta ideia sabemos que o homem se lança no futuro com base nas suas experiências, suas representações, seu passado, tal qual confirma o método progressivo-regressivo proposto por Jean-Paul Sartre, podendo repetir o uso/abuso do *crack* conforme se relaciona com essa representação que um dia fez parte do seu repertório de possibilidades de existir.

Outro aspecto que entendemos ser necessário responder diz respeito à condição existencial de ser adolescente. Sendo assim, buscamos compreender o que teria de tão incomum nesse período da vida chamada adolescência que a faz aproximar da droga? Haveria algo no modo de existir da juventude que a leva se aproximar e se tornar dependentes das drogas? Qual seria o motivo para fazerem desse uso a atividade mais importante de suas vidas?

Ao que indica o presente estudo, a adolescência é marcada por um sentimento de curiosidade muito forte e os adolescentes encontram-se ávidos por novas experiências, este movimento está relacionado à intensificação do processo de construção de identidade bastante característico desse momento. A droga aparece para o adolescente como um novo campo a ser desbravado, associado a isso, tem-se a necessidade do encontro com seu próprio limite e a droga aparece como recurso de auto-conhecimento.

Do ponto de vista orgânico, todo ser humano passará pela fase da adolescência a qual é composta por uma série de características já descritas anteriormente no capítulo 2, “O jovem e o uso das drogas”, no entanto, do ponto de vista existencial ser adolescente pressupõe um modo particular como cada ser humano escolhe ser adolescente, com base nisso, podemos justificar que nem todos os seres humanos que passem pelo período da adolescência precisam utilizar de drogas como o *crack* para se constituírem ou se afirmarem no mundo. Esse

processo universal é vivido com maior ou menor intensidade conforme a individualidade e a maneira como cada um utiliza do seu potencial de se escolher. Assim, para os adolescentes analisados o *crack* era a possibilidade mais palpável e imediata que alcançavam, pois não reconheciam em si potencial para lidar com suas frustrações, curiosidades e construção de identidade de outra maneira.

A identidade reconhecida na presença do grupo é fundamental nesse período e as figuras de autoridade passam ser questionadas, com isso, os adolescentes encontraram-se seguros o bastante, na presença dos amigos, para iniciarem suas experiência com o *crack*. Quando se encontram na presença do Outro, os adolescentes tem a sensação errônea de estar dividindo a responsabilidade do uso com os demais do grupo, de maneira que não pese apenas sobre ele o ônus pelo uso da droga.

É dessa maneira que ocorrem as aproximações de grupo pelo interesse comum no uso do *crack* e outras drogas, além, é claro, da disponibilidade de droga que acontece nesse contexto. Portanto o acontecimento do *crack* na vida dos adolescentes está intimamente ligado à limitação de recursos pessoais para o enfrentamento das adversidades da vida a qual nenhum de nós está isento, a disponibilidade, a aproximação, o convívio com colegas que se utilizam da droga com o mesmo fim, acabam tornando-se fatores de risco e de incentivo para o consumo do *crack*.

Poderíamos ainda refletir na possibilidade dos adolescentes permanecerem em uso de drogas mais leves do ponto de vista do impacto biológico como a maconha, e questionarmos o porquê do avanço para o *crack* e concluímos que, para uma parcela de usuários, essas drogas não são capazes de produzir os mesmo efeitos de entorpecência como nas primeiras experiências com a droga, pois o mecanismo de adaptação à droga e resistência do organismo estão atuantes. Dessa forma, cria-se a necessidade de drogas cada vez mais fortes que consigam dar conta desse desligamento de si. A surpresa do *crack* é que nem sempre é capaz de gerar esse tipo de demanda, porém os usuários subjugam seu poder de escolha à forte influência da dependência química que aparece quando há a repetição do uso de *crack*.

Portanto a escolha do *crack* como projeto de uso/abuso não é aleatória ou segue as leis do acaso, pelo contrário, esta droga garante a existência dos adolescentes no mundo, é através dela que muitos existem no mundo, e pelo poder imediato que ela confere, acaba se tornando mais relevantes do que outros projetos de vida que favorece uma existência autêntica. Nesse sentido a existência do *crack* na vida dos adolescentes acontece para auxiliá-los a existir, a dar conta da responsabilidade de viver, seja no contexto social em que estiverem, por isso esta droga aparece em todas as classes sociais.

Assim respondemos o sentido da substituição dos planos, anseios e desejos em função do uso de *crack*, afinal é no próprio uso que a vida ganha sentido para os adolescentes estudados. Porém a passagem do uso para o abuso acontece como surpresa por perderem a autonomia de decidir quando o *crack* estará em seu organismo.

Portanto, todo homem está posta a condição existencial de buscar atingir seu projeto original através de suas escolhas, em outras palavras é o sentido da vida cujos valores sociais podem ser agregados ao longo da experiência histórica do existir e que garante a permanência da existência. O consumo de *crack* por adolescentes revelou que este foi um mecanismo utilizado por esses adolescentes para garantir sua vida, uma vez que se apropriaram de sua realidade de maneira a se sentirem tão frágeis que encontraram recursos concretos na presença do *crack*, exatamente essa vivência marca e ressignifica a insuficiência desses adolescentes para assumir a responsabilidade de viver uma vida num ambiente, muitas vezes hostil à eles, reduzidos de recursos próprios para superação entregam-se ao *crack* e dissolvem-se, alienam-se favorecendo algum tipo de existência mais suportável. A permanência nesse ciclo afasta o sujeito de si e passa a adoecer em todos os aspectos biopsicossociais garantindo apenas uma existência de contradições. Ainda que precariamente, é uma modalidade de existência suficiente para não falirem na vida.

REFERÊNCIAS

- Abbagnano, N. (1984). *História da Filosofia*. Lisboa, Portugal: Presença.
- Aberastury, A. (1980). *Adolescência*. Trad. Ruth Cabral. Porto Alegre: Editora Artes Médicas.
- Ales Bello, A. (2006) Introdução à Fenomenologia. (Jacinta Turolo Garcia e Miguel Mahfoud, Trad.). Bauru, SP: Edusc.
- Amatuzzi, M. M. (2003). Pesquisa fenomenológica em psicologia, In M. A. T. Bruns & A. F. Holanda (Orgs). *Psicologia e pesquisa fenomenológica: reflexões e perspectivas*. Campinas: Alínea.
- Angerami, V. A. (2007). *Psicoterapia Existencial* (4a ed.). São Paulo: Thomson Learning Brasil.
- Bicudo, M. A. V. (2000). Fenomenologia: confronto e avanços. São Paulo: Editora Cortez.
- Bessa, M. A. (2004): Adolescência e drogas. São Paulo: Contexto.
- Bock, A. M. B.; Furtado, O. & Teixeira, M. L. T. (2002) *Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia*. (13a. ed.). São Paulo: Saraiva.
- Brasil. (2010a). Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção em Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. *Diretrizes nacionais para a atenção integral à saúde de adolescentes e jovens na promoção, proteção e recuperação da saúde*. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção em Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas, Área Técnica de Saúde do Adolescente e do Jovem. Brasília: Ministério da Saúde. p. 132.
- Brasil. (2010b). *Estatuto da criança e do adolescente*. (7a ed.). Brasília, DF. Câmara dos Deputados, Edições Câmara.
- Bucher, R. (1986). O consumo de drogas: evoluções e respostas recentes. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 2(2), pp. 132-144.
- Carneiro, H. S. (2009). As drogas e a história da humanidade. *Psicologia: ciência e profissão*, (6), pp. 14-15.
- Centro Brasileiro de Informações Sobre Drogas Psicotrópicas. (2005). *II levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil: Estudo envolvendo as 108 maiores cidades do país*. Brasília: SENAD. Acessado em 10 abr. 2013. Disponível em: <http://200.144.91.102/sitenovo/conteudo.aspx?cd=644>.
- Centro de Pesquisas em Segurança Pública. (2010). Os impactos do *crack* na saúde pública e na segurança pública. Belo Horizonte: PUC Minas.
- Chaves, T. V.; Sanchez, Z. M.; Ribeiro, L. A. & Nappo, S. A. (2011). Fissura por *crack*: comportamentos e estratégias de controle de usuários e ex-usuários. *Revista de Saúde Pública*, 45(6), pp. 1168-1175. Acessado em: 10 abr. 2013. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102011000600020&lng=en&tlng=pt.10.1590/S0034-89102011005000066.

Conselho Federal de Medicina. (2011). *Diretrizes gerais médicas para assistência integral ao crack*. Acesso em: 06 mai. de 2012. Disponível em: <http://www.cremerj.org.br/downloads/386.PDF>.

Coutinho, L. G. (2005). A adolescência na contemporaneidade. *Revista Pulsional*. 17(181). Acesso em 28 ago. de 2013. Disponível em: http://www.editoraescuta.com.br/pulsional/181_02.pdf

Coltro, A. (2000). A fenomenologia: Um enfoque metodológico para além da modernidade. *Caderno de pesquisa em Administração*. 1(11). São Paulo

Dimenstein, G. (2010). A pedagogia do *crack*. FolhaOnline [Internet]. Acessado em: 10 abr. 2013. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/dimenstein/gilberto/gd100700.htm>

Erthal, T. C. S. (2010). *Trilogia da Existência: Teoria e prática da psicoterapia vivencial*. Curitiba: Honoris Causa.

Ewald P. A. (2008). Fenomenologia e Existencialismo: Articulando nexos, costurando sentidos. *Estudo e Pesquisa em Psicologia*, 8(2). pp. 149-165.

Ferri, C. P. (1999). Cocaína: padrão de consumo e fatores associados à procura de tratamento. *BASE LILACS*. Acesso em 19 abr. 2013. Disponível em: <http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=272399&indexSearch=ID>

Figueiredo, L. C. M. (2012). *Matrizes do pensamento psicológico*. (17ª. ed.). Petrópolis: Vozes.

Forghieri, Y. C. 1993. *Psicologia Fenomenológica: fundamentos, métodos e pesquisa*. São Paulo: Pioneira.

Giles, T. R. (1989). *História do Existencialismo e da Fenomenologia*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária.

Groisman, M. & Kusnetzof, J. C.(1984). *Adolescência e saúde mental*. Porto Alegre: Artes médicas.

Holanda, A. F. (2003). Pesquisa Fenomenológica e Psicologia Eidética: elementos para um entendimento metodológico. In M. A. T. Bruns & A. F. Holanda (Orgs). *Psicologia e pesquisa fenomenológica: reflexões e perspectivas*. Campinas: Alínea.

Laranjeira, R. & Ribeiro, M. (Orgs.). (2010). *O tratamento do usuário de crack: Avaliação clínica, psicossocial, neuropsicológica e de risco, terapias psicológicas, farmacoterapia e reabilitação, ambientes de tratamento* (1a. ed.). São Paulo: Editora Casa Leitura Médica.

Laranjeira, R. & Ribeiro, M. (Orgs.). (2012). *O tratamento do usuário de crack* (2a. ed. p. 128). Porto Alegre: Artmed.

Lima, D. S. (2009). *As ações dos profissionais de saúde da atenção básica junto a usuários com problemas decorrentes do uso de álcool e outras drogas*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC.

Lima, L. P.; Ribeiro, M. & Fonseca, V. A. S. (2012). Neurobiologia da dependência de *Crack*. In Laranjeira, R. & Ribeiro, M. (Orgs.). *O tratamento do usuário de crack* (ed. 2). Porto Alegre: Artmed.

Lizasoain, L.; Moro, M. A. & Lorenzo, P. (2001). Cocaína: Aspectos farmacológicos. *Adicciones*. 13(2), pp. 147-167. Acesso em 25 jun. 2013. Disponível em: <http://www.adicciones.es/files/lizasoain%2038-46.pdf>

Llácer, J.J. (2001). Dependencia, intoxicación aguda y síndrome de abstinencia por cocaína. *Adicciones* 13(2), pp. 147-165. Recuperado em 28 jun. de 2013, Disponível em: <http://www.adicciones.es/files/llopis%20148-166.pdf>

Jolivet, R. (1975). *As doutrinas existencialistas*. Porto: Livraria Tavares Martins.

Martins, J. & Bicudo, M. A. V. (1994). *A pesquisa qualitativa em Psicologia: fundamentos e recursos básicos*. (2a. ed.). São Paulo: Editora Moraes.

Monteiro, W. S. (2010). Compulsão a drogas: um olhar existencial. *Mosaico: Revista Multidisciplinar de Humanidades*, 1(2), pp. 51-58.

Moreira, D. A. 2004. O método fenomenológico na pesquisa. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.

Oliveira, L. G. & Nappo, S. A. (2008). *Crack* na cidade de São Paulo: acessibilidade, estratégias de mercado e formas de uso. *Rev Psiq Clín*. 35(6), pp. 212-218. Acesso em 20 mai. 2013. Disponível em: <http://www.hcnet.usp.br/ipq/revista/vol35/n6/pdf/212.pdf>

Nappo, S. A.; Ribeiro, M. & Sanches, Z. V. D. M. (2012). Aspectos socioculturais do consumo de *crack*. In Laranjeira, R. & Ribeiro, M. (Orgs.). *O tratamento do usuário de crack* (ed. 2). Porto Alegre: Artmed.

Nudelman, E. D.; Ribeiro, M.; Rezende, E. P. & Yamauchi, R. (2012). Farmacologia do consumo de *crack*. In Laranjeira, R. & Ribeiro, M. (Orgs.). *O tratamento do usuário de crack* (ed. 2). Porto Alegre: Artmed.

Organização das Nações Unidas (2011). World Drug Report. Sandeep Chawla, UNODC Deputy Executive Director and Director, Division for Policy Analysis and Public Affairs.

Perdigão, P. 1995. *Existência e Liberdade: Uma introdução à filosofia de Sartre*. Porto Alegre: L&PM.

Perrenoud, L. O. & Ribeiro, M. (2012). Histórico do consumo de *crack* no Brasil e no mundo. In Laranjeira, R. & Ribeiro, M. (Orgs.). *O tratamento do usuário de crack* (ed. 2). Porto Alegre: Artmed.

Pretto, Z., Langaro, F. & Santos, G. B. (2009). Psicologia Clínica Existencialista na Atenção Básica à Saúde: Um Relato de Atuação. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 29(2). pp. 394-405.

Pretto, Z. & Langaro, F. (2012). Pais e Filhos em Psicoterapia: O atendimento clínico com uma criança. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 32(4). pp. 1028-1037.

Procópio, A. (1999). O Brasil no mundo das drogas. Petrópolis: Vozes.

Ribeiro, M.; Dunn, J.; Sesso, R.; Dias, A. C. & Laranjeira, R. (2006). Causes of death among crack cocaine users. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 28(3), pp. 196-202. Acesso em 24 jun. de 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462006000300010&lng=en&tlng=en. 10.1590/S1516-44462006000300010.

Ribeiro, M.; Duailibi, L. B.; Perrenoud, L. O & Sola, V. (2012). Perfil do usuário e história natural do consumo. In Laranjeira, R. & Ribeiro, M. (Orgs.). *O tratamento do usuário de crack* (ed. 2). Porto Alegre: Artmed.

Rocha, M. L. (2002). Contexto do Adolescente. In *Adolescência e psicologia: concepções, práticas e reflexões críticas*. Contini, M. L. J. (Coord.). Koller, S. H. (Org.). Rio de Janeiro: Conselho Federal de Psicologia.

Santos, C. E. & Costa-Rosa, A. (2007). A experiência da toxicomania e da reincidência a partir da fala dos toxicômanos. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 24(4), pp. 487-502. Acesso em: 24 jun. de 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2007000400008&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S0103-166X2007000400008.

Sapori, L. F. & Sena, L. L. (2012). Crack e violência urbana. In Laranjeira, R. & Ribeiro, M. (Orgs.). *O tratamento do usuário de crack* (ed. 2). Porto Alegre: Artmed.

Sartre, J. P. (1946/2012). *O existencialismo é um humanismo* (2a ed.). (V. Ferreira, trad.). Petrópolis: Vozes. (Originalmente publicado em 1946).

Sartre, J. P. (1987). *Existência como liberdade absoluta*. Coleção Os Pensadores, São Paulo: Nova Cultural, pp. 684-688.

Schneider, D. R. (2002). *Novas perspectivas para a psicologia clínica: um estudo a partir da obra Saint Genet: Comédien et Martyr, de Jean-Paul Sartre*. Tese de doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, SP.

Schneider, D. R. & Antunes, L. (2010). A função imaginária no uso de substâncias psicoativas: contribuições de Jean-Paul Sartre. *Revista do NUFEN*, 2(1), pp. 66-91. Recuperado em 15 nov. de 2013, Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912010000100005&lng=pt&tlng=pt.

- Silber, T. J.; Souza, R. P. (1998). Uso e abuso de drogas na adolescência: o que se deve saber e o que se pode fazer. *R pesq: Adolescência latinoamericana*. 3(14). Acesso em 28 ago. 2013. Disponível em: <http://www.foa.org.br/cadernos/edicao/14/57.pdf>
- Silva, V. A.; Mattos, H. F. (2004). Os jovens são mais vulneráveis as drogas?. In Pinsky, I.; Bessa, M. A. (Eds.). *Adolescência e drogas* (pp. 31-44). São Paulo: Contexto.
- Silva, V. A. (2007). Tratamento farmacológico de usuários e dependentes de cocaína e crack. In Cordeiro, D. C.; Figlie, N. B. & Laranjeira, R, (Orgs.). *Boas práticas no tratamento do uso e dependência de substâncias*. São Paulo: Roca, pp. 88-97.
- Sponchiado, J. I. (1989). *A mulher no segundo sexo*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis.
- Uchôa, M. A. (1996). *Crack: o caminho das pedras*. ed. 2, São Paulo: Ática.
- UNFPA. (2010). *Direitos da população jovem: um marco para o desenvolvimento*. (2a. ed.). Brasília: Fundo de População das Nações Unidas.
- Vianna, F. C. & Sipahi, F. M. (2001). Uma análise da dependência de drogas numa perspectiva fenomenológica existencial. *Análise Psicológica*, 4(19), pp. 503-507
- Werle, M. A. (2003). A Angústia, o nada e a morte em Heidegger. *Trans/Form/Ação*, v.26, p.97-113. Acesso em 19 out. de 2013. Disponível em: <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/transformacao/article/viewFile/848/743>.

APÊNDICE 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA MENORES

Gostaríamos de solicitar sua autorização para a participação de seu filho na pesquisa intitulada “O uso de crack por Jovens: sentidos e vivências”, que faz parte do curso de Pós-Graduação em Psicologia na modalidade de Mestrado e é orientada pela prof.^a Lúcia Cecília da Silva da Universidade Estadual de Maringá (UEM). O objetivo da pesquisa é compreender de que forma o crack confere um sentido para a vida dos jovens. Para isto a participação de seu filho é muito importante, e ela se daria da seguinte forma: uma vez concordando com a participação do seu filho, faremos uma entrevista na qual envolve questões relacionadas ao uso do crack. Essa entrevista será uma conversa com algumas questões referentes ao tema.

Informamos ainda que as informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a identidade de seu filho. As entrevistas serão gravadas em MP3 e os arquivos serão apagados depois da transcrição das mesmas. A transcrição das respostas será feita, porém os dados que possam identificá-lo serão omitidos.

Informamos que poderão ocorrer desconfortos em relação às lembranças que forem sendo comentadas pelos jovens em relação ao seu uso de crack, caso isso ocorra o pesquisador deverá esclarecer que o jovem não precisa continuar sua fala e perguntar se o jovem deseja falar de outra questão.

Gostaríamos de esclarecer que a participação de seu filho é totalmente voluntária, podendo você: recusar-se a autorizar tal participação, ou mesmo desistir a qualquer momento sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa ou à de seu filho. Informamos ainda que as informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa, e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a identidade, sua e a de seu filho.

Os benefícios esperados são: contribuir com futuras propostas de tratamento que aborde de maneira mais próxima a realidade do jovem e auxiliar o jovem a desenvolver novos sentidos para sua existência.

Caso você tenha mais dúvidas ou necessite maiores esclarecimentos, pode nos contatar nos endereços a seguir ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da UEM, cujo endereço consta deste documento.

Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas, devidamente preenchida e assinada entregue a você. Além da assinatura nos campos específicos pelo pesquisador e por você, solicitamos que sejam rubricadas todas as folhas deste documento. Isto deve ser feito por ambos (pelo pesquisador e por você, como sujeito ou responsável pelo sujeito de pesquisa) de tal forma a garantir o acesso ao documento completo.

Eu,.....(nome por extenso do responsável pelo menor) declaro que fui devidamente esclarecido e concordo em participar VOLUNTARIAMENTE da pesquisa coordenada pela Prof.^a Lúcia Cecília da Silva

_____ Data:.....

Assinatura ou impressão datiloscópica

Campo para assentimento do sujeito menor de pesquisa (para crianças escolares e adolescentes com capacidade de leitura e compreensão):

Eu,.....(nome por extenso do sujeito de pesquisa /menor de idade) declaro que recebi todas as explicações sobre esta pesquisa e concordo em participar da mesma, desde que meu pai/mãe (responsável) concorde com esta participação.

_____ Data:.....

Assinatura ou impressão datiloscópica

Eu,.....(nome do pesquisador ou do membro da equipe que aplicou o TCLE), declaro que forneci todas as informações referentes ao projeto de pesquisa supra-nominado.

_____ Data:.....

Assinatura do pesquisador

Qualquer dúvida com relação à pesquisa poderá ser esclarecida com o pesquisador, conforme o endereço abaixo:

Nome: André Henrique Scarafiz
(44) 8813-5877 – andre.psico01@gmail.com

Qualquer dúvida com relação aos aspectos éticos da pesquisa poderá ser esclarecida com o Comitê Permanente de Ética em Pesquisa (COPEP) envolvendo Seres Humanos da UEM, no endereço abaixo:

COPEP/UEM

Universidade Estadual de Maringá.

Av. Colombo, 5790. Campus Sede da UEM.

Bloco da Biblioteca Central (BCE) da UEM.

CEP 87020-900. Maringá-Pr. Tel: (44) 3261-4444

E-mail: copep@uem.br

APÊNDICE 2

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaríamos de convidá-lo a participar da pesquisa: “O uso de crack por jovens: Sentidos e Vivências” que fará parte da minha dissertação de Mestrado em Psicologia, orientada pela docente Dra. Lúcia Cecília da Silva da Universidade Estadual de Maringá. O objetivo da pesquisa é compreender como o crack confere o sentido da vida para jovens usuários que estão em tratamento.

Para isto a sua participação é muito importante, e ela se daria da seguinte forma: uma vez concordando em participar, faremos uma entrevista na qual seu papel será responder as questões que envolvem a escolha do uso do crack. Essa entrevista será uma conversa com algumas questões referentes ao tema.

Gostaríamos de esclarecer que sua participação é totalmente voluntária, podendo você: recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa.

Informamos ainda que as informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade. As entrevistas serão gravadas em MP3 e os arquivos serão apagados depois da transcrição das mesmas. A transcrição das respostas será feita, porém os dados que possam identificá-lo serão omitidos.

Os benefícios esperados são: contribuir com futuras propostas de tratamento que aborde de maneira mais próxima a realidade do jovem. Não estão previstos riscos ou desconfortos inaceitáveis para você em decorrência da sua colaboração para a pesquisa. Mas, caso ocorra, você estará livre para interromper a entrevista ou não responder a qualquer pergunta que achar inconveniente. Também, poderá conversar sobre possíveis desconfortos com o psicólogo do serviço, a qual estará ciente do nosso trabalho.

Caso você tenha mais dúvidas ou necessite maiores esclarecimentos, pode nos contatar nos endereços abaixo ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da UEM, cujo endereço consta deste documento. Este termo deverá ser preenchido em

1/2

duas vias de igual teor, sendo uma delas, devidamente preenchida e assinada entregue a você. Além da assinatura nos campos específicos pelo pesquisador e por você, solicitamos que sejam rubricadas todas as folhas deste documento. Isto deve ser feito por ambos (pelo pesquisador e por você, como sujeito ou responsável pelo sujeito de pesquisa) de tal forma a garantir o acesso ao documento completo.

Eu,.....(nome por extenso do sujeito de pesquisa) declaro que fui devidamente esclarecido e concordo em participar VOLUNTARIAMENTE da pesquisa realizada pelo mestrando André Henrique Scarafiz, orientado pela Prof Dra. Lúcia Cecília da Silva.

_____ Data:.....

Assinatura ou impressão datiloscópica

Eu, André Henrique Scarafiz, declaro que forneci todas as informações referentes ao projeto de pesquisa supra-nominado.

_____ Data:.....

Assinatura do pesquisador

Qualquer dúvida com relação à pesquisa poderá ser esclarecida com o pesquisador, conforme o endereço abaixo:

Nome: André Henrique Scarafiz
(44) 8813-5877 – andre.psico01@gmail.com

Qualquer dúvida com relação aos aspectos éticos da pesquisa poderá ser esclarecida com o Comitê Permanente de Ética em Pesquisa (COPEP) envolvendo Seres Humanos da UEM, no endereço abaixo:

COPEP/UEM
Universidade Estadual de Maringá.
Av. Colombo, 5790. Campus Sede da UEM.
Bloco da Biblioteca Central (BCE) da UEM.
CEP 87020-900. Maringá-Pr. Tel: (44) 3261-4444
E-mail: copep@uem.br

2/2

APÊNDICE 3

**Universidade Estadual de Maringá
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Mestrado em Psicologia**

Roteiro de Perguntas

Nome da Pesquisa: O uso de crack por jovens: sentidos e vivências

Nome do Orientador: Prof. Dra. Lúcia Cecília da Silva

Nome do Mestrando: André Henrique Scarafiz

Questão 1: Como aconteceu sua aproximação com o crack?

Questão 2: Como se sentiu depois que fumou pela primeira vez o crack?

Questão 3: No que pensava enquanto usava o crack?

Questão 4: Como você se sentia após o uso do crack?

Questão 5: Como é o prazer que o crack lhe oferece?

Questão 6: Quando você se sentia saciado?

Questão 7: Você achava que o crack era perigoso?

Questão 8: O que as pessoas pensavam de você quando estava usando o crack?

Questão 9: Você recebeu alguma informação sobre drogas? E sobre o crack?

Questão 10: No que sua família lhe influenciou para o uso ou não uso do crack?

Questão 11: O que faria você não ter iniciado o uso de crack?

Questão 12: Como foi seu processo de afastamento do crack?

Pesquisador: André Henrique Scarafiz

Telefone: 44 8813-5877

E-mail: andre.psico01@gmail.com

ANEXO 1



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O USO DE CRACK POR JOVENS: SENTIDOS E VIVÊNCIAS

Pesquisador: Lucia Cecilia da Silva

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 12075213.0.0000.0104

Instituição Proponente: Universidade Estadual de Maringá

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 271.513

Data da Relatoria: 06/05/2013

Apresentação do Projeto:

O estudo é uma pesquisa de campo, de abordagem fenomenológica, que visa analisar os sentidos atribuídos ao uso do crack por jovens drogaditos que se encontram em tratamento. Objetiva-se compreender como o crack ganha relevância e sentido no projeto existencial de usuários. Serão entrevistados 8 jovens com idade entre 13 a 18 anos que estão em tratamento para dependência química em locais especializados, tanto no âmbito público (CAPS e CAPSad) como na esfera privada (Comunidades Terapêuticas) para que relatem suas vivências em relação ao uso da droga. A entrevista terá uma questão norteadora a partir da qual o entrevistado expressará a sua experiência conforme a percebe; outras perguntas poderão ser feitas para que se possa obter mais esclarecimentos e detalhes das vivências relatadas. As entrevistas serão gravadas em áudio digital por meio de aparelho MP3 ou similar e serão transcritas literalmente. Após, serão lidas; primeiro de forma fluente; depois, várias vezes, de forma atenta, para que possamos nos impregnar dos relatos dos colaboradores da pesquisa. A partir das leituras, unidades de significado serão extraídas dos discursos, de modo a revelar os vários aspectos da vivência dos sujeitos. Por fim, uma síntese será elaborada com o apoio do referencial filosófico existencialista de Sartre, apresentando-se por este meio a compreensão dos sentidos da vivência do jovem com o crack. Após o término da pesquisa, os arquivos digitais com as entrevistas serão apagados. Espera-se contribuir com subsídios para o trabalho de profissionais da saúde nas políticas de prevenção,

Endereço: Av. Colombo, 5790, UEM-PPG
 Bairro: Jardim Universitário CEP: 87.020-900
 UF: PR Município: MARINGÁ
 Telefone: (44)3011-4444 Fax: (44)3011-4518 E-mail: copep@uem.br



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
MARINGÁ



Continuação do Parecer: 271.513

tratamento e cuidado aos drogaditos.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário: Compreender, a partir do olhar fenomenológico-existencial, os sentidos do crack na vivência de jovens usuários.

Objetivos Secundários: Identificar possíveis contribuições do Existencialismo para o entendimento do fenômeno da drogadição. Levantar os aspectos emocionais e existenciais da vivência de jovens drogaditos do crack.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: Poderá acontecer do colaborador da pesquisa se sensibilizar emocionalmente durante a entrevista devido a lembranças e menção de momentos considerados difíceis em sua vida. Caso isso ocorra, ele poderá interromper a entrevista, se quiser. E se precisar elaborar os sentimentos suscitados, poderá utilizar o serviço de psicologia existente tanto no CAPS como na Comunidade Terapêutica.

Benefícios: Os benefícios esperados são contribuições para a abordagem psicossocial ao usuário do crack, subsidiando o trabalho de profissionais da saúde, em especial, da Saúde Pública. Também espera-se contribuir com subsídios para uma abordagem no que se refere a prevenção da drogadição.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de protocolo de pesquisa qualitativa que pode ser considerada de grande relevância científica e social, na qual o proponente entrevistará 8 sujeitos drogaditos de crack, com idade entre 13 e 18 anos, em atendimento nas unidades específicas (CAPS e CAPS AD) do município de Maringá e de uma ONG (MAREV). Na primeira submissão restaram pendências que ora foram sanadas.

Em resposta às pendências foram anexados:

1. Novo TCLE que atende as recomendações deste comitê;
2. Novo cronograma que atende o tramite do protocolo;
3. Cartas das instituições que autorizaram a pesquisa assumindo a responsabilidade por necessidade de eventuais atendimentos decorrentes de desconfortos que a pesquisa possa vir a desencadear nos sujeitos.
4. Reformulou texto do protocolo esclarecendo a condição dos sujeitos quanto ao regime de tratamento nas instituições envolvidas.

Endereço: Av. Colombo, 5790, UEM-PPG
 Bairro: Jardim Universitário CEP: 87.020-900
 UF: PR Município: MARINGÁ
 Telefone: (44)3011-4444 Fax: (44)3011-4518 E-mail: copep@uem.br



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
MARINGÁ



Continuação do Parecer: 271.513

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos de apresentação obrigatória foram devidamente juntados.

Recomendações:

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Maringá é de parecer pela aprovação do protocolo de pesquisa apresentado.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

Face ao exposto e considerando a normativa ética vigente, este Comitê se manifesta pela aprovação do protocolo de pesquisa em tela.

MARINGÁ, 14 de Maio de 2013

Assinador por:
Ricardo Cesar Gardiolo
(Coordenador)

Endereço: Av. Colombo, 5790, UEM-PPG
Bairro: Jardim Universitário CEP: 87.020-900
UF: PR Município: MARINGÁ
Telefone: (44)3011-4444 Fax: (44)3011-4518 E-mail: copecp@uem.br

ANEXO 2



MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP

PROJETO DE PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS

Projeto de Pesquisa: O USO DE CRACK POR JOVENS: SENTIDOS E VIVÊNCIAS

Informações Preliminares

Responsável Principal

CPF: 52703207972	Nome: Lucia Cecilia da Silva
Telefone: (44) 3029-2071	E-mail: lcsilva2@uem.br

Instituição Proponente

CNPJ: 79.151.312/0001-56	Nome da Instituição: Universidade Estadual de Maringá
--------------------------	---

É um estudo internacional? Não

■ Equipe de Pesquisa

CPF	Nome
33945461839	André Henrique Scarafiz

Área de Estudo

Grandes Áreas do Conhecimento (CNPq)

- Grande Área 4. Ciências da Saúde
- Grande Área 7. Ciências Humanas

Propósito Principal do Estudo (OMS)

- Ciências Sociais, Humanas ou Filosofia aplicadas à Saúde

Título Público da Pesquisa: O USO DE CRACK POR JOVENS: SENTIDOS E VIVÊNCIAS

Contato Público

CPF	Nome	Telefone	E-mail
33945461839	André Henrique Scarafiz	(44) 8813-5877	andre.psic01@gmail.com

Contato André Henrique Scarafiz

Desenho de Estudo / Apoio Financeiro

Desenho:

O estudo é uma pesquisa de campo, de abordagem fenomenológica, que visa analisar os sentidos atribuídos ao uso do crack por jovens drogaditos que se encontram em tratamento. Objetiva-se compreender como o crack ganha relevância e sentido no projeto existencial de usuários. Jovens de 13 a 18 anos que estão em tratamento para dependência química em locais especializados, tanto no âmbito público (CAPS e CAPSad) como na esfera privada (Comunidades Terapêuticas) serão entrevistados para que relatem suas vivências em relação ao uso da droga. A entrevista terá uma questão norteadora a partir da qual o entrevistado expressará a sua experiência conforme a percebe; outras perguntas poderão ser feitas para que se possa obter mais esclarecimentos e detalhes das vivências relatadas. Os dados serão analisados a partir do pensamento existencialista de J-P Sartre, principalmente no que tange ao projeto existencial. Procurar-se-á por unidades de significado que possam revelar os sentidos atribuídos ao uso da crack no projeto existencial dos sujeitos. Espera-se contribuir com subsídios para o trabalho de profissionais da saúde nas políticas de prevenção, tratamento e cuidado aos drogaditos.

Apoio Financeiro

CNPJ	Nome	E-mail	Telefone	Tipo
				Financiamento Próprio

Palavra Chave

Palavra-chave
Drogadição
Crack
Sentidos
Vivências
Existencialismo

Detalhamento do Estudo

Resumo:

O presente projeto de pesquisa se propõe a analisar os sentidos que envolvem a vivência do uso do crack por jovens. O que estaria por trás desse uso? Como o crack ganha relevância dentre as possibilidades de ser-no-mundo do jovem? Qual o(s) sentido(s) atribuído(s) a esta droga ante as escolhas que esses jovens fazem ao construírem seu projeto existencial? Será um estudo de campo, de abordagem qualitativa, cuja coleta de dados se dará por meio de entrevista aberta com jovens de 13 a 18 anos em tratamento por uso de crack. Os jovens serão recrutados em locais especializados, tanto no âmbito público (CAPS e CAPSad) como na esfera privada (Comunidades Terapêuticas). Os dados serão analisados de uma perspectiva fenomenológica e se tomará por parâmetro para a discussão o pensamento existencialista de Jean Paul Sartre. Assim, das falas dos colaboradores da pesquisa serão extraídas unidades de significado que possam revelar os aspectos importantes da vivência com a droga. Pretende-se contribuir com subsídios na atenção em saúde e nas políticas públicas relativas à drogadição.

Introdução:

Nas últimas décadas o Brasil vem sendo rota de drogas ilícitas produzidas por países vizinhos (Colômbia, Bolívia e Peru), para serem destinadas a outros países da Europa e EUA. Mais precisamente a partir da década de 1990, segundo dados da Revista Drogas e Conflito (2004, pp. 3-4), o Brasil passou também a ter grande participação no consumo dessas substâncias com a estimativa de ser o segundo maior consumidor de cocaína do mundo (em termos absolutos) ficando atrás apenas dos Estados Unidos. De acordo com a Confederação Nacional de Municípios (2011), a pedra de crack é produzida a partir da mistura da pasta-base da cocaína, bicarbonato de sódio ou amônia e água, gerando um composto de coloração bege, que pode ser fumado. O nome vem do barulho que as pedras fazem ao serem queimadas durante o uso. O crack já está presente em 88% das cidades brasileiras e, conforme o Conselho Federal de Medicina (2011), os dados revelados pela Organização das Nações Unidas (ONU) é de que haja 3% da população brasileira que usam o crack, o que corresponde a 6 milhões de pessoas. Não há dúvidas de que o crack é uma das drogas de maior fator de dependência e tem se tornado a companhia de muitos jovens nos últimos anos. A Política Nacional de Combate ao Crack, instituída pelo Governo Lula em 20 de maio de 2010, é um reflexo da necessidade de voltar a atenção da administração pública junto à saúde para esta questão. Todavia, o crack aparece na realidade brasileira como um problema social de complexa magnitude, pois, invariavelmente, envolve aspectos relacionados à química corporal (aspecto biológico), dependência e função psicológica (aspecto psicológico), no âmbito cultural e social (aspecto social) e também o aspecto econômico no qual estes jovens estão inseridos. Atualmente no Brasil, o que se tem de políticas públicas a respeito do crack são aquelas orientadas pelos seguintes documentos: Portaria GM/MS Nº 336 de 19 de fevereiro de 2002, que regulamenta o funcionamento dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS); a Portaria GM/MS Nº 816, de 30 de abril de 2002, que instituiu, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), o Programa Nacional de Atenção Comunitária Integrada a Usuários de Alcool e outras Drogas; a Política Nacional a Atenção Integral a Usuários de Alcool e outras Drogas, promulgada em 2003; a Portaria GM/MS Nº 1190, de 4 de junho de 2009, que instituiu o Plano Emergencial de ampliação do Acesso ao Tratamento e Prevenção em Alcool e outras Drogas (PEAD) e, mais recentemente, o Decreto Nº 7.179, de maio de 2010, que instituiu o Plano Integrado de Enfrentamento ao Crack e Outras Drogas; e a Portaria Nº 3.088, de 23 de dezembro de 2011, cuja finalidade foi instituir a Rede de Atenção Psicossocial para pessoas com sofrimento ou transtorno mental e com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas, no âmbito do Sistema Único de Saúde. Estas políticas indicam que o crack vem sendo um problema social há tempos identificado, apenas controlado, e com muita dificuldade de ser erradicado pelo Estado. Nesse sentido, é interessante estudos que possam contribuir com o entendimento da disseminação do crack entre os jovens, uma vez que tais diretrizes tem se ampliado na tentativa de minimizar os riscos à população causados pelo uso do crack e outras drogas. Ainda sobre as políticas públicas, é possível identificar o quão recente é a publicação da Portaria Nº 3.088 que data de dezembro de 2011, sugerindo que os órgãos públicos responsáveis pelo cuidado do dependente químico ainda estão se readequando à nova normativa e que demandam, portanto, novos estudos sobre a temática. A compreensão fenomenológica da experiência da drogadição dos jovens vem ao encontro dessa problemática podendo oferecer subsídios outros para a interpretação e entendimento da escolha desse jovem pela droga. O objetivo da fenomenologia, segundo Figueiredo (2012) é elucidar as bases que operam os fenômenos segundo os diferentes modos de consciência, o que significa dizer que a fenomenologia se preocupa com a compreensão dos fenômenos desvelando as intencionalidades do ser que os vivenciam. Nas palavras de Darrigues (1973 como citado em Angerami, 2007, p. 75): *„não existe, com efeito, nenhum fenômeno do qual possamos dizer que ele não é nada, pois o que não é nada não é. Se todo fenômeno tem uma essência (...) significa que não se pode reduzi-lo à sua única dimensão de fato, ao simples fato de que ele tenha se produzido. Através de um fato é sempre visado um sentimento. Jean-Paul Sartre em seu livro „Esboço para uma teoria das emoções„ (2006) acresce sobre o pensamento fenomenológico, parafraseando Husserl, considerando que a fenomenologia é o estudos dos fenômenos e não dos fatos.*

Fenômeno é aquilo que evidencia a si mesmo e a realidade é, se não outra coisa, a própria aparência. Nesse sentido, Sartre (p. 25) ainda destaca que para o fenomenólogo todo fato humano é por essência significativo se retirarmos a significação retiramos também a natureza humana. O autor explica que significar é indicar outra coisa e indicá-la de tal modo que, ao desenvolver a significação, se encontrará precisamente o significado (p. 26). Assim, a fenomenologia com seu método de análise dos fenômenos aparece como possibilidade de análise do fenômeno da drogadição do crack por jovens, de maneira a desvelar os sentidos da procura dessa substância e o projeto de ser-no-mundo embutidos na existência desse fenômeno. Acreditamos que esse arcabouço teórico pode contribuir para a análise da questão, uma vez que tem por base que aquilo que aparece não é em-si a realidade, pois o fenômeno manifesta a essência que está intimamente ligada à consciência, sendo assim, de acordo com Erthal (2010), captamos o fenômeno e intuimos sobre ele sua essência e inferimos a essência do objeto. Segundo Gonçalves (2002) o abuso de drogas não pode ser examinado de forma isolada, pois se insere em um contexto complexo e dinâmico. Essa análise suscita a revisão da abordagem pela qual a saúde coletiva tem promovido a diminuição dos danos referentes à drogadição. Não basta apenas culpar o usuário pelo fracasso do tratamento, como muitos serviços de recuperação o fazem, inculcando apenas no indivíduo a responsabilização pela desmotivação para o tratamento ou recaídas, uma vez que é doente em seu vício (Lima, 2009). Entendemos que a vivência do dependente químico do crack aparece como uma trama de sentidos, que ao serem esclarecidos, pode oferecer bases para o entendimento da busca pela droga e com isso pode-se compreender aspectos do projeto original que estaria por trás do fenômeno *existência-com-a-crack*.

Hipótese:

O jovem encontra no consumo do crack uma possibilidade de construção de um projeto existencial que lhe preenche frente a um possível sentimento momentâneo de vazio existencial.

Objetivo Primário:

Compreender, a partir do olhar fenomenológico-existencial, os sentidos do crack na vivência de jovens usuários.

Objetivo Secundário:

Identificar possíveis contribuições do Existencialismo para o entendimento do fenômeno da drogadição. Levantar os aspectos emocionais e existenciais da vivência de jovens drogaditos do crack.

Metodologia Proposta:

A proposta é de um estudo de campo na abordagem qualitativa, cujos dados serão analisados segundo a fenomenologia e discutidos a partir do referencial filosófico de Jean-Paul Sartre, que construiu seu existencialismo partindo da fenomenologia. O método fenomenológico busca alcançar uma compreensão do vivido intuitivamente através de uma descrição direta da experiência do fenômeno, sem oferecer explicações imediatas ou causais (Coltro, 2000, p. 39). De acordo com o autor, a pesquisa fenomenológica parte da compreensão do viver e não das definições ou conceitos, e é uma compreensão voltada para os significados do perceber, nesse sentido tal afirmação está de acordo com o pensamento fenomenológico husserliano de voltar as coisas mesmas. Quando queremos saber da experiência do sujeito, teremos de compreender sua vivência em relação àquilo que queremos. Com base na citação de Holanda e Bruns (2001, p. 43): *“O fenômeno escolhido para a pesquisa, por se tratar da experiência, mesmo podendo ser detectado pela observação externa, não pode ser apreendido senão pela sua vivência”,* fica claro que a análise da vivência de um fenômeno advém da experiência do sujeito relacionada a este fenômeno. Para isso esperamos contar com a colaboração de 8 jovens usuários de crack, com idades entre 13 e 18 anos, que se encontram em tratamento no Centro de Atenção Psicossocial para Alcool e outras Drogas e numa comunidade terapêutica, ambas da cidade de Maringá (PR). Para chegarmos à vivência desses sujeitos, utilizaremos como metodologia a entrevista aberta. A partir da questão norteadora “Como foi/está sendo sua vida com o crack?” os jovens nos relatarão suas experiências com a droga. Outras perguntas serão feitas no decorrer da entrevista quando necessário. As entrevistas serão gravadas em áudio digital por meio de aparelho MP3 ou similar e serão transcritas literalmente. Após, serão lidas; primeiro de forma fluente; depois, várias vezes, de forma atenta, para que possamos nos impregnar dos relatos dos colaboradores da pesquisa. A partir das leituras, unidades de significado serão extraídas dos discursos, de modo a revelar os vários aspectos da vivência dos sujeitos. Por fim, uma síntese será elaborada com o apoio do referencial filosófico existencialista de Sartre, apresentando-se por este meio a compreensão dos sentidos da vivência do jovem com o crack. Após o término da pesquisa, os arquivos digitais com as entrevistas serão apagados.

Riscos:

Poderá acontecer do colaborador da pesquisa se sensibilizar emocionalmente durante a entrevista devido a lembranças e menção de momentos considerados difíceis em sua vida. Caso isso ocorra, ele poderá interromper a entrevista, se quiser. E se precisar elaborar os sentimentos suscitados, poderá utilizar o serviço de psicologia existente tanto no CAPS como na Comunidade Terapêutica.

Benefícios:

Os benefícios esperados são contribuições para a abordagem psicossocial ao usuário do crack, subsidiando o trabalho de profissionais da saúde, em especial, da Saúde Pública. Também espera-se contribuir com subsídios para uma abordagem no que se refere a prevenção da drogadição.

Metodologia de Análise de Dados:

A metodologia utilizada para a análise dos dados, conforme o método fenomenológico, consistirá em duas etapas. Primeiramente se fará uma análise ideográfica, em que se buscará nas narrativas de cada entrevistado, suas ideias, crenças, percepções. Esta análise será organizada a partir de unidades de significado que expressarão os sentidos atribuídos ao uso do crack pelos jovens entrevistados. Num segundo momento, se fará uma análise nomotética, em que se buscará as convergências e divergências dos sentidos atribuídos, para após, se realizar uma discussão com o referencial existencialista de Sartre. Assim, as etapas a serem seguidas serão: 1) leitura atenta das entrevistas tantas vezes forem necessárias; 2) busca de unidades de significado; 3) busca de convergência e divergência; e, 4) elaboração de uma síntese interpretativa. Luz do existencialismo

Desfecho Primário:

Compreensão, a partir do olhar fenomenológico-existencial, dos sentidos atribuídos ao crack por jovens usuários.

Desfecho Secundário:

Contribuição com a abordagem psicossocial ao jovem usuário de crack.

Tamanho da Amostra no Brasil: 8

Países de Recrutamento		
País de Origem do Estudo	País	Nº de Sujeitos
Sim	BRASIL	8

Outras Informações

Haverá uso de fontes secundárias de dados (prontuários, dados demográficos, etc)?

Não

Indique o número de indivíduos que serão abordados pessoalmente, recrutados, ou que sofreram algum tipo de intervenção neste centro:

8

Grupos em que serão divididos os sujeitos de pesquisa neste centro

ID Grupo	Nº de Indivíduos	Intervenções a serem realizadas
Grupo de jovens usuários de crack	8	Entrevista

O Estudo é Multicêntrico no Brasil?

Não

Propõe dispensa do TCLE?

Não

Haverá retenção de amostras para armazenamento em banco?

Não

Cronograma de Execução

Identificação da Etapa	Início (DD/MM/AAAA)	Término (DD/MM/AAAA)
Levanamento Bibliográfico	01/03/2013	15/07/2013
Elaboração de resumos e sistematização da revisão bibliográfica	01/04/2013	31/07/2013
Coleta de Dados	15/03/2013	31/07/2013
Transcrição das entrevistas	01/04/2013	15/08/2013
Análise dos Dados	16/07/2013	30/11/2013
Elaboração do relatório final	01/12/2013	31/03/2014

Orçamento Financeiro

Identificação de Orçamento	Tipo	Valor em Reais (R\$)
Aquisição de livros	Custeio	R\$ 600,00
Papel sulfite A4	Custeio	R\$ 25,00
Fotocópias	Custeio	R\$ 150,00
Encadernação	Custeio	R\$ 30,00
Combustível	Custeio	R\$ 300,00
Total em R\$		R\$ 1.105,00

Bibliografia:

Angerami, V. A. (2007). Psicoterapia Existencial (4a ed.) São Paulo: Thomson Learning Brasil. Coltro, A. (2000). A fenomenologia: um enfoque metodológico para além da modernidade. *Caderno de Pesquisas em Administração*, 1(11), 37-46. Confederação Nacional de Municípios. (2011). Observatório do crack: A visão dos municípios brasileiros sobre a questão do crack. Recuperado em 05 maio, 2012, de http://portal.cnm.org.br/sites/5700/5770/07112011_EstudoTecnicoColetivadoCrack_versao_Final.pdf Conselho Federal de Medicina. (2011). Diretrizes gerais médicas para assistência integral ao crack. Recuperado em 06 maio, 2012, de <http://www.cremej.org.br/downloads/386.PDF> Erthal, T. C. S. (2010). Trilogia da Existência: Teoria e prática da psicoterapia vivencial. Curitiba: Honoris Causa, Figueiredo, L. C. M. (2012). Matrizes do Pensamento Psicológico (17ª ed.) Petrópolis - Rio de Janeiro: Vozes. Gonçalves, A. M. (2002). Cuidados diante do abuso e da dependência de drogas: desafio da prática do programa saúde da família. Dissertação de Doutorado em Enfermagem, Programa de Pós Graduação em Enfermagem, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP, Brasil. Holanda, A. F., & Bruns, M. A. T. (org.). (2001). Psicologia é pesquisa fenomenológica: reflexões e perspectivas. São Paulo: Omega Editora. Lima, D. S. (2009) As ações dos profissionais de saúde da atenção básica junto a usuários com problemas decorrentes do uso de álcool e outras drogas. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Programa de Pós Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil. Portaria GM Nº 3.088 de 23 de dezembro de 2011 (2011). Institui a Rede de Atenção Psicossocial para pessoas com sofrimento ou transtorno mental e com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas, no âmbito do Sistema Único de Saúde. Brasília, DF. Recuperado em 07 maio, 2012, de [http://www.saude.mt.gov.br/upload/legislacao/3088-\[5208-170112-SES-MT\].pdf](http://www.saude.mt.gov.br/upload/legislacao/3088-[5208-170112-SES-MT].pdf) Revista Drogas e Conflitos. (2004). Uma guerra sem sentido: drogas e violência no Brasil. (11). Recuperado em 05 maio, 2012, de <http://www.tni.org/sites/www.tni.org/files/download/debate11p.pdf> Sartre, J. P. (2006). Esboço para uma teoria das emoções. Porto Alegre: L&PM. Original de 1939.

 Upload de Documentos

Arquivo Anexos:

Tipo	Arquivo
Folha de Rosto	Folha de Rosto.jpg
TCLE - Modelo de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	TCLE_menores.pdf
TCLE - Modelo de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	TCLE_adulto.pdf
Outros	Autorização para coleta de dados 1.pdf
Outros	Autorização para coleta de dados 2.pdf
Outros	Roteiro para entrevista.pdf
Projeto de Pesquisa (Anexado pelo Pesquisador)	Projeto de Pesquisa.pdf

Finalizar

Manter sigilo da íntegra do projeto de pesquisa: Sim

Prazo: Até a publicação dos resultados

ANEXO 3



Ofício nº1441/2012

SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE
CECAPS
Centro de Formação e Capacitação
Permanente dos Trabalhadores da Saúde

Maringá, 13 de setembro de 2012.

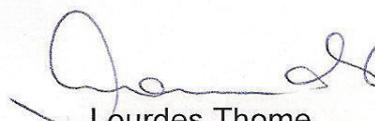
Prezada Senhora

Informamos que foi **autorizada**; pela Comissão Permanente de Avaliação de Projetos – Portaria nº 001/2010 desta Secretaria Municipal de Saúde; a pesquisa “O uso de Crack por Jovens: Sentidos e Vivências”, a ser realizada no CAPS ad e Comunidades TerapêuticasI desta Secretaria Municipal de Saúde.

Orientamos ainda que, após parecer do Comitê de Ética em Pesquisa - COPEP, o pesquisador deverá retornar ao CECAPS para obter a autorização para sua entrada no setor solicitado.

Sem mais para o momento, subscrevemo-nos,

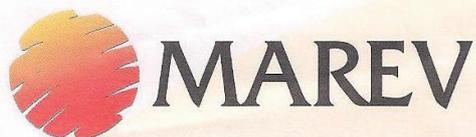
Atenciosamente



Lourdes Thome
Coordenadora CECAPS

Ilma. Sra.
Prof. Dra Ieda Harumi Higarashi
DD.Presidente do COPEP
Universidade Estadual de Maringá - UEM
Maringá-Pr

ANEXO 4



Ofício n.º 06/2013

Maringá, 09 de janeiro de 2013.

At. André Henrique Scarafiz
Mestrando em Psicologia

Associação Maringá Apoiando a Recuperação de Vidas - MAREV, tendo por finalidade precípua auxiliar as pessoas dependentes de tóxicos de qualquer natureza ou de álcool, por meio de um núcleo de abrigo e vivência que as recupere para a sociedade, bem como na promoção de campanhas preventivas, devidamente inscrita no CNPJ sob n.º 01.914.458/0001-19; neste ato representada pelo seu presidente Sr. **Luiz Valdecir Rigolin**, portador do CPF n.º 330.994.489-15 e Cédula de Identidade RG: 1.870.949-0 PR; informa que está **autorizada** a pesquisa intitulada "O Uso de Crack por Jovens: Sentidos e Vivências" realizadas com adolescentes em tratamento nesta instituição. A entidade está de acordo com os objetivos da pesquisa desde que permaneça à cargo exclusivo do pesquisador a responsabilidade com os procedimentos éticos e de livre esclarecimentos sobre o estudo.

Por ser a expressão da verdade, datamos e assinamos a presente em única via.

Atenciosamente,

MAREV - Associação Maringá Apoiando a Recuperação de Vidas
Romeu Lopes Filho Gerente Geral